

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GISLAINE MACHADO

O MURO OU UM MARIDO: A EXPERIÊNCIA DA REFORMA PROTESTANTE EM
GENEBRA NO SÉCULO XVI NA PERSPECTIVA DA FREIRA JEANNE DE JUSSIE

CURITIBA

2024

GISLAINE MACHADO

O MURO OU UM MARIDO: A EXPERIÊNCIA DA REFORMA PROTESTANTE EM
GENEBRA NO SÉCULO XVI NA PERSPECTIVA DA FREIRA JEANNE DE JUSSIE

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, na Linha Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na história, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Machado, Gislaine

O muro ou um marido : a experiência da Reforma Protestante em Genebra no século XVI na perspectiva da Freira Jeanne de Jussie / Gislaine Machado. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Vosne Martins.

1. Jussie, Joana de, 1503-1561. 2. Reforma Protestante – Genebra (Suíça). 3. Crítica literária feminina. I. Martins, Ana Paula Vosne, 1961-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **GISLAINE MACHADO** intitulada: **O muro ou um marido: a experiência da Reforma Protestante em Genebra no século XVI na perspectiva da freira Jeanne de Jussie**, sob orientação da Profa. Dra. ANA PAULA VOSNE MARTINS, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Agosto de 2024.

Assinatura Eletrônica

26/08/2024 18:28:37.0

ANA PAULA VOSNE MARTINS

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

26/08/2024 18:56:09.0

GABRIEL ELYSIO MAIA BRAGA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO - OESTE)

Assinatura Eletrônica

28/08/2024 10:34:17.0

GEORGINA SILVA DOS SANTOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE)

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, a professora Dra. Ana Paula Vosne Martins, pela orientação cuidadosa, pela paciência e incentivo à pesquisa que me deu desde a graduação. Seu trabalho como professora e pesquisadora é exemplar para mim, e sua orientação nestes anos foi fundamental. Muito obrigada!

Aos meus pais, Manoel e Marlene Machado, muito obrigada! Obrigada por me permitirem sonhar e realizar sonhos que pareciam impossíveis. O apoio de vocês sempre foi essencial para mim. Cada pesquisa que realizo eu levo um pouquinho de vocês comigo. Essa realização é nossa! Vocês são incríveis!

Ao professor Dr. Wolf Dietrich Gustav Johannes Sahr, querido Woody, agradeço o carinho e por me receber tão bem em suas aulas de Geografia. A sua dedicação à ciência é inspiradora.

À professora Dra. Karina Kosicki Bellotti, quero expressar minha gratidão por sua participação na discussão do meu ensaio em Seminário I e na minha banca de qualificação, trazendo tantas observações e comentários que enriqueceram meu trabalho. Suas considerações fizeram uma grande diferença nestes trabalhos.

Gostaria de agradecer à professora Dra. Marion Dias Brepohl de Magalhães por suas valiosas contribuições durante a disciplina de Seminário e pela forma cuidadosa com que me tratou em tantos momentos. Agradeço também à professora Dra. Priscila Piazzentini Vieira, que sempre foi tão atenciosa e prestativa, tanto em suas aulas quanto nos corredores da Universidade. À Dra. Gabriela Müller Larocca, agradeço a leitura cuidadosa e pelas valiosas considerações feitas em minha qualificação.

Às minhas amigas do Mestrado, Gabriela Abreu dos Santos e Layla Chaenny da Silveira Policarpo. A jornada da pós-graduação se tornou mais leve com a presença de vocês! Obrigada por me acolherem tão bem durante este tempo. Aos/às colegas da intersub, meu muito obrigada pela companhia e pelas reflexões que me trouxeram durante as aulas.

Às minhas queridas amigas Alessandra Leal de Oliveira e Karen da Silva, meu muito obrigada por todo o carinho que me deram e por compartilharem tantos momentos bons comigo. Ao meu querido amigo Léo, flanelinha da Praça da Ucrânia, que sempre esteve me apoiando tanto nos estudos quanto nas minhas cicloviagens. O apoio de vocês foi fundamental para eu chegar até aqui! Aos meus amigos e

amigas, obrigada por continuarem ao meu lado mesmo com os meus sumiços. Como disse Maria Bethânia, “Agradecer os amigos que fiz e que mantêm a coragem de gostar de mim, apesar de mim.”

Ao meu esposo, Leonardo de Araujo, obrigada. A vida com você é mais colorida. Obrigada por estar sempre ao meu lado, me apoiando e me dando incentivo para continuar. Se esta pesquisa existe é porque você sempre esteve ao meu lado.

À minha psicóloga, Ana Maria Palu. Você é a melhor profissional e eu tenho muita sorte em ter te encontrado. Muito obrigada!

Por fim, agradeço à CAPES pelo financiamento parcial desta pesquisa.

RESUMO

A Europa do século XVI passou por inúmeras transformações, impulsionadas pela Reforma Protestante. Com ideais de uma leitura mais crítica da Bíblia, a Reforma trouxe mudanças inclusive no papel religioso das mulheres na época. Por isto, o celibato e as casas conventuais, que eram muito conceituados na Igreja Católica, sofreram ataques e muitos foram desmembrados. O convento, além de ser um dos poucos lugares que proporcionava uma educação mais avançada para as mulheres, também era um lugar alternativo para as mulheres que não se encaixavam na sociedade tradicional, no papel de esposas e mães. Assim, as freiras tiveram que se mobilizar para conseguir impedir a dissolução de suas casas religiosas, tornando os conventos pontos de resistência ao protestantismo. Procurando defender a religião católica ao mesmo tempo em que buscava inspirar suas irmãs de fé a lutarem em defesa do catolicismo, Jeanne de Jussie (1503-1561), uma freira do Convento de Santa Clara, escreveu *A Crônica Curta*, obra em que narrou as transformações que ocorreram na cidade de Genebra durante as investidas protestantes. Assim, pretende-se analisar a agência feminina católica na Reforma Protestante, não apenas como mulheres religiosas passivas, mas como defensoras ativas do ideal católico e do papel religioso das mulheres. Para analisar a escrita de Jeanne, utilizou-se o conceito de agência religiosa feminina de Saba Mahmood (2006), no qual a autora argumenta que a agência não deve ser vista apenas como resistência ao poder, mas também como práticas de autoformação e subordinação voluntária a normas religiosas. Jeanne e suas irmãs usaram todas as ferramentas disponíveis, especialmente a escrita, para se comunicar com as autoridades e defender suas causas. Em momentos críticos, as freiras agiram de forma direta ou usando artifícios inusitados para defender seus ideais religiosos e o celibato. Embora consideradas passivas, as freiras mostraram-se bastante ativas, lutando não apenas pela religião católica, mas também pela preservação de um espaço que lhes permitisse ser educadas e praticar sua fé livremente.

Palavras-chave: Agência religiosa feminina; Reforma Protestante; Jeanne de Jussie; Escrita de autoria feminina.

ABSTRACT

In the 16th century, Europe experienced significant changes driven by the Protestant Reformation. With its emphasis on a more critical reading of the Bible, the Reformation brought about shifts in the religious roles of women. Consequently, celibacy and convent life, which were highly valued by the Catholic Church, faced attacks and many convents were dismantled. Convents, which were among the few places offering advanced education for women, also provided an alternative for those who did not fit into traditional roles as wives and mothers. As a result, nuns had to mobilize to prevent the dissolution of their religious houses, turning convents into strongholds of resistance against Protestantism. Jeanne de Jussie (1503-1561), a nun from the Convent of Saint Clare, wrote *The Short Chronicle* to document the changes in Geneva during Protestant assaults, aiming to defend Catholicism and inspire her fellow sisters to stand up for their religious faith. This study seeks to analyze Catholic female agency during the Protestant Reformation, viewing women not as passive religious figures but as active defenders of Catholic ideals and the religious role of women. To examine Jeanne's writings, we use Saba Mahmood's concept of female religious agency (2006), which suggests that agency should be understood not only as resistance to power but also as practices of self-formation and voluntary adherence to religious norms. Jeanne and her sisters employed all available means, particularly writing, to communicate with authorities and advocate for their causes. In critical moments, nuns took direct action or used unconventional methods to uphold their religious ideals and celibacy. Despite being seen as passive, these nuns demonstrated considerable activity, fighting not only for the Catholic faith but also for the preservation of a space that allowed them to be educated and practice their faith freely.

Keywords: Female Religious Agency; Protestant Reformation; Jeanne de Jussie; Female Authorship.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Gravura de Robert Gardelle representando a catedral de Saint-Pierre, Genebra, em 1735	84
FIGURA 2 – Carta de reclamações das freiras de Santa Clara sobre a devastação cometida em sua Igreja	110
FIGURA 3 – A partida das irmãs de Santa Clara	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VOZES OCULTAS: A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA E A REFORMA PROTESTANTE EM GENEBRA	30
2.1 A educação e a escrita de autoria feminina no começo do século XVI	31
2.2 Além do hábito: Jeanne de Jussie	45
2.3 A Reforma Protestante e as mulheres	48
2.3.1 A Reforma Protestante em Genebra	52
3 AS RELIGIOSAS ENCLAUSURADAS E A REFORMA PROTESTANTE	63
3.1 O muro ou um marido: os chamados femininos na época da Reforma	64
3.2 Entre a devoção, a pobreza e a ajuda: as pobres Claras de Genebra	80
4 CRÔNICAS DE FÉ E RESISTÊNCIA: DEVOÇÃO E AÇÃO DE MULHERES RELIGIOSAS	94
4.1 A resistência das mulheres católicas contra as investidas protestantes	95
4.2 Sob o véu da violência: a iconoclastia em Genebra no século XVI	128
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
FONTES	147
REFERÊNCIAS	148

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de certas inquietações com as quais me deparei ao longo de minha jornada acadêmica no curso de graduação em História, na Universidade Federal do Paraná. Ao realizar a pesquisa para minha monografia¹ sobre o protagonismo cultural e religioso das mulheres na Reforma Protestante no século XVI, notei que enquanto as protestantes se rebelavam contra as autoridades masculinas e reivindicavam maior participação no movimento reformado, além de defender a nova religião, muitas mulheres católicas – as freiras, em particular – também se mobilizaram, mas com o objetivo de defender a ordem e permanecer na religião católica. Desta forma, intrigou-me o fato de que as freiras desempenharam um papel significativo durante a Reforma Protestante e, mesmo impossibilitadas de sair dos claustros monásticos, elas foram bastante ativas, contrariando a imagem convencional de que as freiras seriam mulheres passivas.

A bibliografia consultada quase sempre afirma que muitas mulheres de vida religiosa lutaram e estavam dispostas a se mobilizar para defender a fé e a Igreja católica, mas também o estilo de vida consagrado em suas casas monásticas. Assim, procurei problematizar e entender os motivos que levaram as religiosas a agirem. Conforme avançaram as leituras e a pesquisa, ficou cada vez mais evidente que os conventos foram, para muitas delas, uma alternativa não só para viver a religião, mas um estilo de vida diferente, com acesso à cultura escrita, muito diferente daquele adotado pelas mulheres laicas, das quais se esperava a adequação ao casamento e à maternidade. Contaram com o apoio da Igreja Católica, que favorecia o celibato,

¹ Minha monografia, intitulada “A Teóloga e a Rainha: escritas de autoria feminina, o Humanismo e a Reforma Protestante na França - Marie Dentièrre e Marguerite de Navarra”, concluída em 2020 e orientada pela professora Dra. Ana Paula Vosne Martins, trata do protagonismo religioso e cultural da teóloga protestante Marie Dentièrre e de Marguerite de Valois, rainha de Navarra, humanista e escritora. Marie Dentièrre escreveu e enviou à Marguerite de Navarra uma carta pedindo para que ela intercedesse às autoridades da França, em especial o seu irmão, o rei Francisco I, para que os reformados não fossem mais perseguidos, assim como reivindicou mais respeito e a participação das mulheres no processo de difusão da Reforma Protestante. Marguerite era muito próxima ao seu irmão e reconhece-se que ela exerceu alguma influência sobre ele, bem como manteve relações com alguns reformados da nobreza. Marguerite de Navarra também utilizou a escrita para participar do debate sobre a questão religiosa e as mulheres. Na pesquisa que realizei pude entender mais sobre as mulheres como propagadoras das ideais da Reforma Protestante, e não apenas como mulheres passivas que seguiam seus maridos na religião. Desta forma, estudando a escrita e a biografia de Marie Dentièrre, conheci os escritos de Jeanne de Jussie, pois Marie Dentièrre fez parte de um grupo de reformados que invadiu o Convento de Santa Clara, em Genebra, para tentar converter as freiras à religião protestante, aumentando o meu interesse pela história das mulheres e religião, em particular sobre as religiosas e o modo de vida conventual.

afirmando-o como um ideal de vida superior para homens e mulheres.

No entanto, com a Reforma Protestante e a condenação da vida monástica e do celibato, algumas perguntas foram formuladas para a continuidade da pesquisa no Mestrado: como as mulheres que estavam nos conventos reagiram diante das “afrontas” protestantes à sua religião e ao seu modo de vida? A resistência se deu somente em defesa da fé e da vocação, ou houve outras motivações? Como foram as ações e as experiências das religiosas diante de uma mudança tão drástica e com tamanho impacto em suas vidas na clausura? Como se mobilizaram num tempo em que era preciso reafirmar não só a fé, mas um modo de ser e de viver?

Muitas mulheres entravam para o convento por vocação, outras eram obrigadas pelas famílias por razões econômicas, mas há registros documentais de mulheres que encontraram no convento uma forma de viver com certa margem de autonomia e liberdade. Desta forma, procurei compreender o modo de vida conventual e quais seriam as possibilidades de ação e de reflexão que elas cultivaram no claustro num momento de crise e ameaças.

Levando em consideração a resistência das freiras aos ataques protestantes, inclusive diante das propostas deles para que elas abandonassem o claustro e o celibato para casar e formar uma família, procurei, nesta dissertação, entender a experiência católica feminina nos primeiros anos da Reforma Protestante em Genebra, uma cidade que posteriormente se tornou conhecida como a cidade do reformador João Calvino e berço do calvinismo. A fonte documental selecionada para desenvolver a problemática da pesquisa e para tratar de questões tão complexas daquele contexto histórico foi “A Crônica Curta”², escrita pela freira Jeanne de Jussie, escritora do Convento de Santa Clara de Genebra.

“A Crônica Curta” é um compêndio de relatos escritos por Jeanne, composto por cartas enviadas às autoridades e amigos fora do convento, que posteriormente foram organizados para a publicação de um livro. A narrativa de Jeanne começou em 1526, quando a cidade de Genebra fez uma aliança com os cantões suíços. Segundo a cronista, a aliança foi o início do fim de sua cidade católica. Jeanne narra sobre acontecimentos políticos, incluindo disputas entre as autoridades locais, as violências religiosas e as mortes de católicos com a chegada do protestantismo na cidade.

² JUSSIE, Jeanne de. *The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva*. Tradução de Carrie F. Klaus. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

Também aborda temas mais abrangentes daquele momento histórico, como o luteranismo, as guerras religiosas e as negociações políticas no âmbito do Império sob Carlos V. Jeanne descreveu detalhadamente o período entre 1530 e 1534, quando o protestantismo cresceu na cidade e nos arredores, com destaque ao ano de 1535, marcado por ataques iconoclastas, invasões ao convento de Santa Clara e tentativas de conversão forçada ao protestantismo³.

Jeanne também conferiu bastante destaque à atuação católica feminina - que motivou o interesse sobre a fonte - não apenas das mulheres consagradas do convento, mas de católicas leigas que podiam dar informações importantes às freiras e ajudá-las quando precisassem. Eram essas mulheres que ajudavam as freiras a se proteger, por exemplo, de invasões aos conventos, que não eram incomuns (havendo inclusive uma invasão bem-sucedida). Jeanne de Jussie, da mesma forma, destacou a importância destas mulheres, que resistiram às tentativas de conversão forçada, muitas vezes acompanhadas de violência.

A princípio, a crônica foi escrita para circular somente entre as religiosas, contemporâneas aos eventos e leitoras futuras, como leituras de fortalecimento da fé e do espírito. Também deveria ser um testemunho das agressões que sofreram e de como elas reagiram e lutaram, com suas armas, para defender a antiga religião e o convento, bem como deveriam servir também para o encorajamento das religiosas em termos de ameaça e de perseguições. Jeanne afirmou que o objetivo de sua escrita era para que os eventos ali registrados não caíssem no esquecimento. No entanto, as crônicas não tiveram circulação restrita às religiosas e decidiu-se por sua publicação para que o mundo exterior ao convento tivesse acesso ao testemunho, como parte de uma literatura de resistência e de defesa do catolicismo, especialmente no contexto da Reforma Católica.

É fundamental destacar a importância do relato de Jeanne, visto que ela representa uma voz feminina que falou e escreveu em nome de outras mulheres. Além disso, é imprescindível ressaltar que a obra de Jeanne é utilizada aqui para refletir sobre a experiência vivida por um grupo de mulheres em um determinado período histórico e, embora fossem indivíduos distintos, elas compartilhavam uma comunidade e sentimentos semelhantes em relação aos ataques sofridos.

³ O recorte temporal utilizado nesta dissertação é de 1526 a 1535, coincidindo com os registros de Jeanne de Jussie sobre os eventos ocorridos em Genebra e no convento de Santa Clara.

Contudo, desde as minhas buscas iniciais na graduação, intrigou-me o fato de que a pesquisa histórica sobre mulheres e religião ainda é uma relação pouco explorada na historiografia brasileira. Embora na historiografia ibérica e mexicana o tema das mulheres religiosas e dos conventos seja amplamente explorado, em outras regiões esse assunto ainda carece de maior investigação, apesar de seu grande potencial de estudo. Por muito tempo, as mulheres foram relegadas à invisibilidade histórica, devido à ideia de que a história das mulheres era secundária à história dos acontecimentos sérios e relevantes da História Política. Quando não eram ignoradas, as representações femininas eram distorcidas pela perspectiva masculina, que era predominante no acesso e na produção da cultura letrada. Além disto, a visão tradicional do homem como sujeito universal também contribuiu para esta invisibilidade, ignorando as experiências das mulheres.

A História Social e sua abordagem da história “vista de baixo” e o questionamento político do elitismo acadêmico, contribuiu sobremaneira para a produção de pesquisas e para a compreensão da vida de grupos subalternizados, incluindo as mulheres. Há que se considerar também a importância da Escola dos Annales e do diálogo interdisciplinar, ampliando os objetos de estudo e a documentação⁴. As inovações teóricas e metodológicas, bem como movimentos políticos, em particular o feminismo, contribuíram para a produção da história das mulheres. Assim, as experiências e singularidades das mulheres, seja no cotidiano, seja em contextos mais abrangentes, passaram a ser objeto de investigações articuladas a várias dimensões da sociedade e cultura⁵. Foi fundamental considerar conceitos como classe, raça, etnia e religião para entender a inserção das mulheres e de suas diferenças na sociedade e na cultura.

No entanto, esta área de estudo passou a ser criticada por alguns como enviesada e politicamente motivada, o que levou muitas pesquisadoras a adotarem o termo “estudos de gênero” por parecer mais neutro. Essa preferência, surgida em meio ao debate sobre vieses ideológicos na academia nas décadas de 1980 e 1990, evidencia um dos obstáculos iniciais para a integração da história das mulheres na corrente predominante da historiografia. Apesar de parecer neutro, o termo “gênero”

4 MEIRA, J. C. . ESTUDOS DE GÊNERO E HISTORICIDADE: Sobre a construção cultural das diferenças. *Caderno Espaço Feminino (Online)*, v. 27, 2014, p. 203-204.

5 MATOS, M. . S.. História das Mulheres e das Relações de Gênero: Campo Historiográfico, Trajetórias e Perspectivas. *Revista Mandrágora*, v. 19, p. 5-15, 2013.

também gerou controvérsias nos estudos sobre mulheres. Elizabeth Clark argumenta que a substituição de “história das mulheres” por “história do gênero” poderia ofuscar a agência feminina, suas experiências e subjetividades, um aspecto central para pesquisadoras da área. Clark defende a importância de ambas as abordagens: a história das mulheres, com ênfase nas forças sociais, políticas e econômicas, e a história do gênero, útil em períodos com maior disponibilidade de documentação⁶. Ambas são importantes para a compreensão das relações de poder e para ampliar o debate sobre o papel das mulheres como sujeitos na história.

Ao delinear a diferença entre história das mulheres e estudos de gênero, torna-se essencial situar a presente investigação dentro das discussões da história das mulheres. Este estudo, ao focar na relação entre mulheres e religião, aborda uma dimensão frequentemente marginalizada, mas igualmente importante na experiência de várias mulheres do passado e da atualidade. Muito dessa invisibilidade decorre do fato da dimensão religiosa ser encarada como um elemento de menor importância na vida das mulheres, correlacionado à manutenção do status quo, à dominação de gênero, e à submissão das mulheres às autoridades masculinas e à uma concepção de poder ancorada no sagrado e na institucionalização das religiões, particularmente do Cristianismo. Embora as mulheres protestantes tenham recebido mais atenção na pesquisa histórica devido aos seus atos considerados rebeldes, as mulheres católicas quase passaram despercebidas. Assim, iniciando minhas inquietações na graduação, após entrar no Mestrado, percebi como este campo da história das mulheres e da religião ainda demandava investigações, não só pela análise da rebeldia e da contestação da ordem e da religião predominantes, mas pela adesão e a defesa da ordem.

Já no início da década de 1980, como relata a teóloga Ursula King⁷, a relação entre feminismo e experiência religiosa das mulheres se mostrava complexa e até mesmo conflituosa. Enquanto King abordava a questão entre as mulheres e a mística numa palestra, alguns ouvintes questionaram a relevância do tema para as pautas feministas. Esta negação, segundo a autora, derivava da dificuldade em compreender a busca pela autorrealização de mulheres devotas com práticas religiosas que

⁶ CLARK, Elizabeth E.. Women, Gender, and the Study of Christian History. *Church History*, Vol. 70, No. 3 (Sep., 2001), p. 395-426.

⁷ KING, Ursula. Religion and Gender: Embedded Patterns, Interwoven Frameworks. In: *A Companion to Gender History*. Malden: Blackwell, 2004.

pareciam reforçar a submissão feminina, a exemplo da valorização da dor, do sacrifício e da disciplina corporal como caminho para a espiritualidade.

A pesquisadora Catherine A. Brekus também já sinalizou que pouco se discutia sobre ideias religiosas das mulheres, suas crenças, agência, individualidade, experiências ou lideranças no campo religioso⁸. Parecia, às poucas historiadoras que se dedicavam a esse tema, que estudar a história das mulheres implicava em compreender somente as práticas e experiências de resistência, rebeldia e insubmissão, desconsiderando que nem todas as mulheres, em diferentes períodos históricos e, em particular, no campo religioso, foram rebeldes e insubmissas; nem por isso foram passivas em suas agências históricas.

A Igreja Católica oferecia às mulheres certas margens de atuação pela experiência religiosa, espaços estes negados pela família e pelo Estado até tempos recentes, permitindo-lhes vivenciar sua espiritualidade cristã sem as pressões do casamento e da maternidade⁹. No entanto, é importante ressaltar que esta instituição também se beneficiava da atuação destas mulheres, muitas vezes enclausuradas e dedicadas a servir os interesses da própria Igreja. No entanto, tradições religiosas normalmente são formadas por normatizações e princípios sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade, sobre seus comportamentos, sua sexualidade e família. Nesse sentido, as religiões tendem a naturalizar a posição inferior da mulher em relação ao homem. Em decorrência disso, muitas vezes o debate sobre gênero e religião é secundarizado, uma vez que alguns pesquisadores entendem que esta discussão não traria avanços na vida das mulheres, nem na compreensão do passado¹⁰.

Desta forma, predominou no senso comum o discurso de que as mulheres religiosas seriam passivas e vítimas da misoginia enraizada nas doutrinas religiosas e nos textos teológicos. A religião não era considerada como um elemento passível de compreensão dentro da lógica da agência feminina, de forma que permaneceu pouco explorada pela história das mulheres. Aquelas que se aventuraram neste campo complexo enfrentaram muitas dificuldades e tinham que responder, como

⁸ BREKUS, Catherine A.. *The Religious History of American Women: Reimagining the Past*, Chapel Hill: North Carolina Press, 2007.

⁹ KESSEL, Elisje Schulte van. *Virgens e mães entre o céu e a terra*. In: História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna – volume 3. Porto: Afrontamento, 1991, p. 200.

¹⁰ STARKEY, Caroline; TOMALIN, Emma. *The Routledge Handbook of Religion, Gender and Society*. London: Routledge, 2022, p. 1.

narrou Ursula King, sobre a importância, ou a relevância, em se estudar temas tão conservadores como a religião e a adesão das mulheres a um discurso tido como opressor.

No que se refere à Reforma Protestante, durante muito tempo, ela foi estudada apenas pela agência masculina, através da biografia dos reformadores históricos e da experiência dos homens diante dos questionamentos sobre a vida religiosa, sob alegações de que as mulheres experienciaram estas transformações da mesma forma que eles. Segundo Hanni Hanson¹¹, a Reforma Protestante foi, desde suas origens, um conflito sobre a religião, não sobre gênero. No entanto, o gênero, como parte da identidade e da subjetividade das pessoas, foi um elemento constituinte da experiência religiosa das mulheres no movimento reformador.

Quando se levou em consideração esta realidade, começaram a surgir novos estudos sobre as experiências femininas, levando em consideração suas singularidades no movimento reformador. Ainda assim, a agência feminina religiosa foi frequentemente questionada por pesquisadoras que viam a religião como uma força opressora e buscavam pelos exemplos de resistência à dominação masculina. No entanto, é importante analisar as ações das mulheres em seu próprio contexto histórico, reconhecendo que nem todas as formas de agência eram necessariamente rebeldes ou emancipatórias.

Apesar da existência de documentos sobre a experiência feminina e a religião, como é o caso da crônica de Jeanne de Jussie, elas são mais escassas do que as fontes produzidas pelos homens. Isto se deve à falta de acesso à educação formal, à limitação da escrita pelas mulheres e à tendência de não preservar os escritos femininos. De acordo com Losandro Tedeschi, as mulheres tiveram participação na produção histórica e literária, assim como em outras áreas da sociedade, mas de forma velada e limitada. Se as mulheres são vistas de forma “improdutiva” na história, isto se deve aos aspectos que fundamentam o imaginário social, com mulheres silenciosas – devido à sua natureza –, cuidando da prole no ambiente doméstico, ou seja, apartadas do espaço literário e intelectual¹². Apesar destas dificuldades e da predominância deste imaginário da passividade, houve um esforço de historiadoras e

¹¹ HANSON, Hanni. *Defenders of the Cloister: Catholic Nuns' Agency & Resistance in Reformation Germany*. RS 236: *European Reformations*, 2011, p.1-20.

¹² TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na História das Mulheres. *Raído*, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016, p. 153-164.

historiadores em encontrar e estudar as fontes produzidas por mulheres religiosas, que oferecem informações valiosas sobre movimentos e experiências femininas¹³.

Os conventos, em particular, foram centros de educação e produção cultural. As religiosas não só oravam, mas estudavam e escreviam, embora seus trabalhos geralmente permanecessem restritos à comunidade religiosa. Segundo Virginia Cox, a partir do século XVI houve um aumento na publicação de textos escritos por mulheres, especialmente entre as classes mais abastadas e entre as religiosas¹⁴. Esse movimento indica uma mudança gradual na aceitação da expressão pública feminina e um intercâmbio crescente entre o mundo conventual e o exterior. Embora os claustros fossem espaços de afastamento do mundo secular, as freiras do século XVI mantiveram-se conectadas a ele de maneiras muito significativas.

De acordo com Susan Broomhall¹⁵, os registros deixados por mulheres do claustro apresentam informações sobre a comunidade local, eventos familiares e as complexas correntes políticas e religiosas da época, demonstrando como se mantiveram informadas e cientes sobre o que acontecia fora dos muros dos conventos. Este conhecimento não só alimentava sua convicção em manter o estilo de vida religioso, como também reforçava os laços com o mundo externo. Para aquelas mulheres, a vida enclausurada não significava isolamento completo. Sua identidade religiosa era, em parte, moldada pela sua presença física – real ou lembrada – no mundo além do claustro¹⁶.

Neste sentido, levando em consideração a escrita de Jeanne de Jussie, este trabalho se alinha à História Cultural, uma abordagem essencial para entender como as práticas culturais moldam e são moldadas por contextos históricos específicos, tendo como referência os estudos de Natalie Zemon Davis sobre as mulheres, religião e escrita no século XVI. Analisar a escrita de Jeanne de Jussie possibilita a aproximação com as suas convicções pessoais, mas também abre frestas para compreender aspectos e interpretações do contexto sociocultural no qual ela viveu e escreveu, além de explorar as dimensões simbólicas, influências e o impacto da cultura letrada no claustro em que viveu Jeanne e suas irmãs de fé. Da mesma forma,

¹³ STJERNA, Kirsi. *Women and the Reformation*. (Malden, Mass: Blackwell Publishing, 2009). p. 4.

¹⁴ COX, Virginia. *The Prodigious Muse: Women's Writing in Counter-Reformation Italy*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011.

¹⁵ BROOMHALL, Susan. *Women and Religion in Sixteenth Century France*. Houndmills: PALGRAVE MACMILLAN, 2006.

¹⁶ *Ibid.*, p. 27.

é importante entender o estilo de vida nos conventos, não só do ponto de vista institucional, mas como espaço de produção cultural. Compreender o claustro como espaço de vida religiosa e cultural permite uma visão mais complexa e profunda da vida conventual e suas conexões com a sociedade e a cultura.

Como destacado anteriormente, “A Crônica Curta” foi escrita em 1535¹⁷ para circular dentro dos muros do convento¹⁸. Supõe-se que uma cópia adicional tenha sido feita para preservar o manuscrito original, que estava se desgastando devido ao uso constante no convento. Segundo Klaus, este é provavelmente o único exemplar restante de várias cópias que foram produzidas e distribuídas na região. Esses manuscritos estão agora preservados na coleção da Bibliothèque Publique et Universitaire de Genebra. A edição utilizada nesta dissertação resulta do trabalho de tradução do original, escrito por Jeanne em francês, para o inglês.

Logo no início lê-se a inscrição “o original da crônica de Genebra pertencente às freiras pobres do Convento de Santa Cruz, de Santa Clara, em Annecy”¹⁹, seguida por “composta pela Reverenda Madre Jeanne de Jussie, Abadessa deste convento que esteve em Genebra durante todos os problemas e foi exposta a todos os infortúnios”. Apesar do pedido para que a crônica não fosse retirada do convento, ele foi levado junto com outros documentos do convento francês antes de ser queimado quando da Revolução Francesa.

Os eventos do século XVI repercutiram fortemente no século XVII, principalmente porque as guerras de religião se prolongaram por bastante tempo, e seus efeitos puderam ser sentidos, por exemplo, com a Guerra dos Trinta Anos na primeira metade do século XVII. Neste sentido, a cultura escrita, tanto católica quanto protestante, foi uma ferramenta muito importante para fortalecer as convicções das pessoas sobre o caminho da fé que deveriam seguir no seu lado do combate religioso. De acordo com o historiador Michael Mullett, as artes deveriam enaltecer a religião

¹⁷ JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 23-24.

¹⁸ As informações sobre as edições da obra de Jeanne de Jussie foram retiradas de *The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva*, traduzida por Carrie F. Klaus.

¹⁹ Apesar de fazer parte do ducado de Saboia, Annecy foi invadida por tropas francesas revolucionárias em 1792. Com a chegada destas tropas, influenciadas pela Revolução Francesa e sua revolta com a Igreja, houve um aumento do sentimento anticlerical por parte dos habitantes da cidade. Neste sentido, as políticas de descristianização foram instauradas, e as igrejas e conventos foram saqueados, cruzes e itens litúrgicos foram destruídos. Foi nestes ataques que o Convento de Jeanne foi invadido e teve seus bens queimados. A cópia do manuscrito, no entanto, foi retirada antes destas invasões, provavelmente por alguns apoiadores da religião católica. LA SAVOIE, *longue histoire...* In: *Ecomusée du Lac d'Annecy à Sevrier*. Disponível em: <<https://ecomusee-lacannecy.com/fr/reportages/histoire-savoie.html>>. Acesso em: 02 de ago. 2024.

católica, e obras com temas religiosos passaram a ser vistas como uma maneira de propagar a religião e tradição católicas, principalmente em tempos de Reforma Católica²⁰.

A arte sacra se tornou uma importante ferramenta para revitalizar e reafirmar a fé católica, recriando expressões espirituais para reforçar o catolicismo. A produção artística durante a Contrarreforma frequentemente enfatiza temas como a santidade, a devoção aos santos e a glorificação de Cristo, buscando inspirar uma resposta emocional e espiritual dos fiéis. Neste sentido, a publicação de um relato tão devoto quanto o de Jeanne de Jussie não devia ficar restrito apenas às irmãs de Santa Clara, mas ser acessível aos católicos leigos capazes de ler.

A crônica de Jeanne de Jussie foi publicada pela primeira vez, como livro, em 1611, 50 anos após a morte dela, na cidade de Chambéry, na França. A publicação foi feita pelos editores católicos Frères Du Four e recebeu o título que a tornou muito popular: *Le levain du Calvinisme, ou commencement de l'heresia de Geneve*, ou traduzindo: “O fermento do Calvinismo ou o início da heresia de Genebra”. O título tem algo de enganador, pois a obra de Jeanne narra os eventos em Genebra antes da chegada de Calvino à cidade, que só ocorreu em 1536, e não faz qualquer menção ao reformador em sua narrativa.

O editor desta versão, Hubert du Four, dedicou o livro a Victor-Aymé, príncipe de Saboia e Piemonte, homenageando a família de Saboia, assim como Jeanne o fez em sua crônica. Isto demonstra o apoio do editor à família e sua aversão à religião protestante, evidenciada pelo título sugestivo e pela caracterização da obra como uma história trágica devido ao surgimento do Luteranismo, do Calvinismo e de outras “heresias”. Além disso, o editor classifica o trabalho de Jeanne como não muito habilidoso, uma escrita ingênua, refletindo o que ela viu e ouviu. Segundo Klaus, essa publicação tinha uma motivação política: ao lançar “A Crônica Curta” e dedicar ao duque de Saboia para que ele enfrentasse os inimigos da Santa Igreja, o editor estaria encorajando o pai do duque a atacar Genebra para recuperá-la, especialmente após a morte do Rei Henrique IV da França, em 1610. Embora os planos não tenham ido em frente, a publicação da obra revela a intenção de promover e incentivar a luta dos católicos contra os protestantes.

²⁰ MULLET, Michael A. *A Contra-Reforma e a Reforma Católica nos princípios da Idade Moderna Européia*. Lisboa: Gradiva, 1985, p. 42-43.

Outras três edições baseadas na edição de 1611 foram publicadas. A primeira foi editada por Jacob Garnich, em Nancy, em 1626. A segunda edição foi publicada pelos Frères du Four, em Chambéry, em 1649. Ambas mantiveram o título, *O fermento do Calvinismo*. A terceira edição, no entanto, recebeu um nome diferente: *Relation de l'apostasie de Genève*, ou *Relação da apostasia em Genebra*, indicando a renúncia de Genebra ao catolicismo. Esta edição foi publicada por René Guinard em Paris, em 1682. Outra edição também foi lançada, mas sua data é desconhecida; sabe-se apenas que se baseia na edição de 1649, com algumas alterações na folha de rosto.

Enquanto as publicações do século XVII fizeram parte do esforço da Igreja Católica para fortalecer seus apoios durante um período ainda de conflitos entre protestantes e católicos, as edições do século XIX podem ser relacionadas ao Ultramontanismo²¹. O Ultramontanismo desencadeou uma série de ações da Igreja Católica e seus apoiadores laicos, visando combater o racionalismo e correntes teológicas contrárias à doutrina católica, à interferência do Estado em questões religiosas, e a secularização da sociedade moderna, também influenciada pela Revolução de 1789. Visando organizar os combates a estes inimigos, a cultura escrita em defesa da fé e da Igreja Católica foram instrumentos poderosos acionados para mobilizar os católicos mesmo em tempos conturbados, fortalecendo a autoridade papal²².

Esta reação aos ditos “modernismos” foi ainda mais enfatizada pela publicação da encíclica *Mirari Vos*, do Papa Gregório XVI, na qual alguns temas importantes são abordados, entre eles a defesa do celibato clerical e do casamento virginal, além da crítica as rebeliões contra as autoridades legítimas, como príncipes e regimes monárquicos – dado que diversas monarquias tinham relações muito próximas com a Igreja no processo de restauração da monarquia, especialmente na França pós-napoleônica²³. Esta declaração reafirmava os princípios tradicionais e a autoridade

²¹ A palavra Ultramontanismo, derivada do latim ultra montes, significa "para além dos montes", ou seja, para além dos Alpes. De acordo com o vocabulário eclesiástico, eram denominados ultramontanos todos os papas eleitos que não eram de origem italiana. Após a Reforma Protestante, o termo ganhou uma conotação negativa, e era utilizado para descrever a tendência de alguns governos de ver o papado como força estrangeira, principalmente quando o Papa interferia em assuntos temporais. SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. *Temporalidades - Revista de História*, vol. 2, n. 2, ago./dez. de 2010.

²² *Ibid.*

²³ GOMES FILHO, Robson Rodrigues. *Os missionários redentoristas alemães e as expectativas de progresso e modernização em Goiás (Brasil, 189-1930)*. 2018. 469 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

papal como guias morais e espirituais. A obra de Jeanne de Jussie, neste sentido, abordava tanto os temas do celibato clerical, que ela e as irmãs do Convento de Santa Clara concordavam, quanto defendia a existência de um governo católico contra o protestantismo.

No século XIX, a obra foi traduzida para o alemão e o italiano. Surgiram ainda mais duas edições francesas, ambas reproduzindo a edição de 1611 e publicadas por Jules-Guillaume Flick, em Genebra. A edição de 1853 incluiu uma nova introdução, alguns comentários e cerca de 28 ilustrações originais relacionadas às passagens do livro. A edição de 1865 adicionou alguns trechos do Conselho de Genebra, que o editor considerou importantes para complementar a obra, bem como informações sobre o convento e a biografia de Jeanne. No entanto, assim como na edição anterior, o editor afirma que a escrita de Jeanne era ingênua e fruto da emoção, em vez de uma escrita mais racional e objetiva. Ainda no século XIX, Jean Marie Vincent Audin incluiu passagens da crônica de Jeanne em uma biografia do reformador João Calvino. Embora considerasse sua escrita habilidosa, ele não atribuiu isso às capacidades intelectuais de Jeanne, mas à inspiração divina, que a teria motivado a escrever seu testemunho.

No século XX o livro foi publicado várias vezes. Em 1913, trechos foram publicados pela *La France franciscaine*, retirados da versão de 1682. Em 1974, excertos da narrativa foram incluídos junto com trechos de outras obras francófonas da Suíça do século XVI. Apenas em 1996, com o trabalho de Helmut Feld, foi possível acessar o texto completo de Jeanne de Jussie. Uma versão crítica e acadêmica, reunindo os manuscritos existentes e reconstruindo o original, intitulando-a de *Petite chronique*, traduzido como “A Crônica Curta”. A edição acadêmica de Feld foi a base para a tradução do texto para o inglês, pela professora Carrie F. Klaus, nomeada como *The Short Chronicle – A Poor Clare’s Account of the Reformation of Geneva*, ou A Crônica Curta – O relato de uma Clarissa sobre a Reforma de Genebra. Carrie F. Klaus também publicou vários artigos explorando o texto de Jussie, abordando temas como a sexualidade das freiras, a arquitetura do convento e o comportamento delas em relação aos rituais e às cerimônias católicas em Genebra na época que o protestantismo se instaurou na cidade²⁴.

²⁴ KLAUS, Carrie F. Architecture and Sexual Identity: Jeanne de Jussie's Narrative of the Reformation of Geneva. *Feminist Studies*, Vol. 29, No. 2 (Summer, 2003), p. 278-297. KLAUS, Carrie F. The Sounds

Destaca-se também o trabalho de Kristen C. Howard²⁵, que demonstrou como o prédio que abrigava as freiras de Santa Clara em Genebra passou a acolher pessoas doentes e necessitadas após a saída das freiras da cidade, evidenciando as transformações que a Reforma Protestante trouxe após a partida delas. No âmbito da historiografia brasileira, destacamos a dissertação de Mestrado de Larissa Christina Giron Ferreira²⁶, pela Universidade Federal Fluminense, na qual a historiadora analisou a experiência de Jeanne de Jussie e da protestante Marie Dentière durante o processo confessional de Genebra, e como a escrita foi utilizada por ambas para registrar suas ideias e seus posicionamentos diante das transformações sociais e religiosas na cidade de Genebra no século XVI.

Considerando a escrita produzida nos conventos, é necessário tratar das referências a respeito da problematização histórica da escrita de mulheres. De acordo com Elaine Showalter, uma das formas da crítica feminista decorre do

estudo da mulher como escritora, e seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres²⁷.

A “ginocrítica”, como definida por Showalter, investiga a relação entre a mulher e a cultura escrita. Seu objetivo é analisar o contexto cultural no qual as mulheres escreveram, considerando também como os textos foram produzidos, divulgados e recebidos pelo público leitor. Assim, é importante compreender as relações de poder como uma das formas principais de organização do gênero, da visão de mundo, da biografia e da forma de inserção das escritoras na cultura escrita.

No que se refere à escrita de religiosas que viviam na clausura, a ginocrítica pode ajudar a entender o significado da escrita para elas, considerando a singularidade da relação com a religião e a organização de um espaço feminino. Isto requer investigar as motivações de seus escritos, a recepção de suas obras e as

and Silence of the Early Reformation in Geneva in Jeanne de Jussie’s Short Chronicle. In: *Calvin and the Early Reformation*. 2019. p. 96-112.

²⁵ HOWARD, Kristen C., (2018) “From the Poor Clares to the Care of the Poor: Space, Place, and Poverty in Sixteenth-Century Geneva”, *Footnotes: A Journal of History* 2(0). p.260-285.

²⁶ FERREIRA, Larissa Christina Giron. *A Hermenêutica pelas mulheres: discursos femininos nas reformas religiosas europeias no século XVI*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 127 f., 2023.

²⁷ SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 29.

restrições sociais e culturais que moldaram ou incentivaram sua escrita. Além disso, a ginocrítica pode ser útil para entender como as escritoras religiosas abordavam questões relacionadas às mulheres e ao poder, expressando seus pontos de vista sobre a vida religiosa conventual, a espiritualidade e outros temas relevantes, como o casamento, levando em conta as perspectivas individuais das escritoras dos conventos.

Para compreender mais sobre os feitos de Jeanne de Jussie e das freiras de Santa Clara, levamos em consideração o conceito de agência religiosa feminina a partir das considerações inestimáveis de Saba Mahmood²⁸. A antropóloga defende que para compreender a agência religiosa feminina, é necessário dissociar o conceito de agência da ideia de resistência. A agência das mulheres não pode ser restrita aos estudos sobre o feminismo e os projetos liberais e progressistas, excluindo sujeitos e vontades que não defendem essas visões de mundo, como mulheres religiosas, objeto de estudo de Mahmood. Quando o debate sobre agência surgiu no campo teórico e político feminista, ele ainda estava muito limitado ao binômio dominação/resistência, o que dificultava a compreensão de outras formas de agência fora desta chave dicotômica.

Neste sentido, a análise de Mahmood se aproxima das críticas pós-estruturalistas do sujeito universal, ao mesmo tempo em que questiona a definição de agência do feminismo pós-estruturalista em termos de subversão e resignificação das ordens e hierarquias, bem como a tentativa de encontrar agência somente em situações que resistem aos modos dominantes de poder. Ela propõe uma visão mais ampla da agência, incluindo outras formas de ação e expressão femininas dentro de contextos religiosos e culturais específicos. Assim, de acordo com Mahmood, devemos pensar em agência

não como um sinônimo de resistência em relações de dominação, mas sim como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas. Este entendimento relativamente abrangente de agência inspira-se na teoria pós-estruturalista da formação do sujeito, mas também se afasta dela, no sentido em que exploro modalidades de agência cujo significado e efeito não se encontram nas lógicas de subversão e resignificação de normas hegemônicas²⁹.

A capacidade de agir pode ser encontrada também na maneira como as

²⁸ MAHMOOD, Saba. "Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito." *Etnográfica*, Vol X (1), 2006.

²⁹ *Ibid.*, p. 123.

normas são estabelecidas, não apenas na resistência a elas. Quando se restringe o conceito à dualidade resistência e subordinação, perde-se de vista outros interesses e motivações para ação e reflexão dos sujeitos.

Apesar de esta abordagem ter sido extremamente produtiva na complexificação do modelo “opressor/oprimido” das relações de gênero, do meu ponto de vista este enquadramento não só continua carregado com os termos binários de resistência e subordinação, mas também é insuficiente na atenção às motivações, desejos e objetivos que não são necessariamente captados por estes termos³⁰.

Desta forma, o sujeito é construído a partir das condições que o influenciam e o definem, indicando que o mesmo processo que resulta na subordinação do sujeito também o molda como alguém com identidade e agência autoconsciente. Dadas estas definições, pode-se entender a agência como a capacidade de ação criada e propiciada por relações de subordinação, em que o poder não é apenas dominação e opressão do sujeito, mas também modela e forma o sujeito. Destas estruturas de poder, surgem maneiras de agir que não são resistência, nem um projeto de autonomia, ou de transformação da sociedade. As freiras, neste sentido, lutaram pela permanência do poder e da religião, ou seja, lutavam pela manutenção de um sistema do qual elas faziam parte e com o qual se identificavam.

Considerando a diferença do significado da Reforma para homens e mulheres, o gênero é uma das categorias necessárias para se compreender a complexidade de um processo histórico e religioso como aquele. A operação do gênero na religião e no contexto conturbado da Reforma ajuda a entender como as freiras viveram aquela experiência histórica como oportunidade de defender a fé e o estilo de vida conventual, mas também como ameaça e trauma, conforme narrou Jeanne em sua crônica.

Naquele contexto, é necessário examinar a organização das relações entre homens e mulheres na sociedade e na instituição religiosa. No caso das freiras, elas deviam seguir a regra de suas ordens e aderir a certos princípios institucionais, especialmente a passividade e a obediência, o que reforça a importância dessa categoria de análise, conforme discutido por Scott:

O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. Quando os/as historiadores/as buscam encontrar as maneiras pelas

³⁰ *Ibid.*, p. 127.

quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política³¹.

Também é necessário considerar a subjetividade e, como no caso da agência, lembrar que o poder que sujeita é o mesmo que dá armas para criar espaços de criação de si e de resistência. No caso das freiras estudadas nesta dissertação, a resistência não foi contra a Igreja ou autoridade clerical. Elas reagiram de uma maneira inesperada, uma vez que se esperava delas a passividade e obediência, mas tal expectativa não as impediu de lutar pela fé católica, pela Igreja e por seu estilo de vida. A clausura não oferecia liberdade nos termos como se conhece nos dias de hoje, ou como pessoas laicas a concebem. A liberdade, para aquelas mulheres, tinha uma profunda vinculação à espiritualidade cristã e representava uma outra forma de vida que pode ser incompreensível para laicos e para uma visão de mundo não religiosa: a liberdade da clausura. Neste sentido, embora as freiras fossem relegadas à reclusão física dentro dos muros do convento, o claustro para elas era um espaço de liberdade em relação às pressões sociais do mundo secular, como a maternidade e casamento. Isto é, mesmo que este termo remetesse à ausência de liberdade, ainda permitia que muitas mulheres encontrassem outras formas de autonomia dentro do convento.

Para tratar destas questões, nesta dissertação recorreremos à edição em inglês da crônica de Jeanne de Jussie, traduzida por Carrie F. Klaus, com comentários sobre a crônica, a cidade de Genebra, o Convento de Santa Clara e uma biografia de Jeanne baseada em fontes documentais. Neste sentido, o objetivo da dissertação foi analisar, através do relato de Jeanne, as ideias e ações das freiras durante o conturbado processo da Reforma protestante em Genebra, compreender como elas expressaram suas ideias religiosas e as margens nas quais atuaram, como também contribuir para a compreensão do lugar das mulheres na Reforma, principalmente aquelas que foram alvo dos reformadores e das novas autoridades protestantes. O trabalho de pesquisa histórica aqui desenvolvido procurou mostrar que mulheres como Jeanne foram protagonistas religiosas numa época em que o destino feminino parecia traçado para ser a freira ou a esposa obediente e silenciosa. Sem romper com a regra, nem com a ordem e a hierarquia clerical, mobilizaram-se e resistiram com palavras, recusas e

³¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, vol. 20, n. 2, 1995, p. 89.

mesmo gestos que não seriam esperados de mulheres enclausuradas.

A dissertação está organizada em três capítulos principais. Tendo em vista que a Introdução carrega o título do primeiro capítulo, no capítulo dois, intitulado “Vozes ocultas: a escrita de autoria feminina e a Reforma Protestante em Genebra”, trato da escrita de mulheres no século XVI, dando destaque à aproximação das mulheres com a cultura escrita, possibilitando que muitas pudessem registrar suas experiências, lançando luz sobre a participação das mulheres naquele contexto histórico da Reforma. Abordo também a biografia de Jeanne de Jussie, uma das vozes modernas, cuja escrita narrou acontecimentos, mas também revelou as intrincadas redes nas quais conventos, freiras, famílias e autoridades estavam envolvidos. Ainda neste capítulo discuto como o gênero e a Reforma Protestante foram abordados pela historiografia, assim como o contexto histórico-cultural de Genebra, palco dos acontecimentos registrados por Jeanne de Jussie em sua crônica.

No terceiro capítulo, intitulado de “As religiosas enclausuradas na Reforma Protestante”, analiso os papéis que as mulheres exerceram na sociedade, principalmente de esposas e mães e de mulheres religiosas, e como estas escassas alternativas impactavam seu modo de vida. A Igreja Católica valorizava o celibato das mulheres, mas com a Reforma e a crítica aberta ao celibato dos religiosos e religiosas, muitas freiras perderam sua casa, o convento. Por isso discuto acerca da importância do convento na sociedade europeia moderna, principalmente como alternativa segura e economicamente favorável às famílias. Por fim, apresento o Convento de Santa Clara e exploro como as freiras que ali viveram reagiram às orientações dos reformados para que abandonassem o claustro e o celibato para se casar.

No quarto e último capítulo, de título “Crônicas de fé e resistência: devoção e ação de mulheres religiosas”, exploro a experiência das irmãs do Convento de Santa Clara contra os protestantes registrada na crônica de Jeanne de Jussie através do conceito de agência religiosa. Afinal, por mais que a vida das freiras fosse dedicada à oração e dedicação a Deus, os tempos conturbados exigiram que as freiras se manifestassem e elas assim o fizeram, desenvolvendo estratégias para enfrentar as ameaças e mesmo a violência contra seu modo de vida e sua fé.

Com esta pesquisa espero contribuir para os estudos da história das mulheres e da religião na Época Moderna a partir da agência religiosa das freiras, mulheres que mesmo na clausura, estavam informadas e conscientes do que se passava fora dos muros do convento e souberam defender a si, bem como seu estilo de vida e religião,

desafiando os estereótipos de passividade e obediência. Pretendo mostrar que, apesar das opções limitadas para as mulheres, claustro ou matrimônio, muitas delas não ficaram restritas a esses papéis, participando dos debates literários e intelectuais, mesmo em terrenos onde sua presença era invisibilizada, como foi a religião. Espero também contribuir para uma reflexão mais alargada do conceito de agência para a experiência religiosa das mulheres.

2 VOZES OCULTAS: A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA E A REFORMA PROTESTANTE EM GENEBRA

Quando a freira do Convento de Santa Clara Jeanne de Jussie (1503-1561) começou a escrever seu relato dos acontecimentos ocorridos em Genebra no começo do século XVI, não imaginava a importância histórica que sua escrita teria. Nesse período, escrever e ler ainda eram práticas culturais quase totalmente dominadas por homens, havendo poucas oportunidades para as mulheres escreverem. Por ocuparem uma posição marginal na cultura letrada e em relação ao poder, documentos escritos por mulheres em séculos anteriores são ainda mais escassos; primeiro, porque eram poucas as que escreviam e, segundo, porque os escritos de mulheres eram considerados pouco valiosos ou de circulação muito restrita. Para adentrar na cultura letrada, elas precisaram enfrentar alguns obstáculos, dentre eles, a verdade construída por diferentes discursos da tradição intelectual ocidental de que as mulheres eram incapazes de aprender, dado que a razão era um atributo mais desenvolvido entre os homens³².

Assim, os lugares de educação feminina no início do século XVI eram bastante escassos, mas conforme as ideias foram se tornando mais permeáveis à crítica e a educação para meninas e mulheres se tornou um assunto discutido nos meios eruditos e nos círculos das elites, abriu-se a oportunidade para a alfabetização e o acesso aos estudos mais complexos e à escrita. Neste sentido, é necessário ressaltarmos a importância da escrita de autoria feminina durante a Idade Moderna, considerando a importância histórica e inovadora destes escritos. Também é necessário destacar que as mulheres que tiveram a oportunidade de se expressar por meio da escrita, o fizeram para defender as causas que lhes interessavam. Por mais que tenham escrito sobre diferentes assuntos, é importante lembrar um traço singular da escrita das mulheres na Época Moderna: foi uma escrita duplamente situada, pelo gênero e pela crítica à cultura e à sociedade.

Entre os diversos eventos que contribuíram com a expansão da educação feminina, destaca-se a Reforma Protestante, que teve início na Alemanha, em 1517,

³² Immanuel Kant (1724-1804), um dos principais nomes do iluminismo setecentista, em seu texto denominado "O que é esclarecimento?", ainda partilhava a visão de que a razão era um atributo exclusivo dos homens, e que para as mulheres era muito difícil sair da "menoridade", ou seja, o estado de incapacidade do uso da razão.

sob a liderança de Martinho Lutero (1483-1546). O movimento se difundiu paulatinamente para diversas regiões da Europa durante o século XVI e se consolidou como um dos maiores movimentos religiosos do Cristianismo. Apesar da Reforma Protestante em Genebra ter na figura de João Calvino (1509-1564) o seu maior líder, a questão religiosa foi bastante intensa e polêmica já alguns anos antes da chegada do teólogo na cidade em 1536, incluindo a participação de homens e mulheres – estas que muitas vezes foram deixadas de lado na escrita da história da religião e, em particular, da Reforma.

Jussie encontrou na escrita uma forma de narrar como a Reforma Protestante afetou sua vida e de suas irmãs no convento e como elas se mantiveram firmes na decisão de continuarem ligadas à Igreja Católica. Também narrou a respeito da situação política da cidade e como a sociedade católica genebrina foi se transformando em uma sociedade protestante. A narrativa de Jussie também retratou a luta dos reformados para se afirmarem como uma nova sociedade e comunidade religiosa independente, assim como a luta dos católicos para defenderem a sua fé e a Igreja Católica.

À vista do exposto, o objetivo deste capítulo é discutir sobre a escrita de autoria feminina, como se deu o processo de acesso à educação no começo da Idade Moderna, principalmente no século XVI, e como os relatos de mulheres ajudam a entender sobre suas experiências no mundo moderno. Na sequência, apresento dados sobre a biografia de Jeanne de Jussie. Por último, será explorado ainda como a questão do gênero esteve fortemente presente na experiência religiosa naquele contexto, bem como situar o contexto da cidade de Genebra que, por tantos anos, abrigou Jussie e o Convento de Santa Clara.

2.1. A educação e a escrita de autoria feminina no começo do século XVI

Ao tratarmos do lugar das mulheres na sociedade e na cultura quando da Reforma Protestante, é importante lembrar que o gênero foi uma forma de dar significado ao poder, tanto na organização patriarcal da família, quanto na organização dos Estados Modernos, como os autores políticos dos séculos XV e XVI demonstraram com suas teorias sobre o poder monárquico e a soberania política. Considerada a unidade de origem das formas políticas, a família patriarcal se organizava pela soberania masculina do marido, pai e senhor. Pensando nesta

estrutura familiar, de acordo com o historiador Olwen Hufton, a situação da mulher poderia ser descrita da seguinte maneira:

Independentemente das suas origens sociais, a partir do momento em que nascesse de um casamento legítimo, qualquer rapariga passava a ser definida pela sua relação com um homem. O pai e depois o marido eram legalmente responsáveis por ela, sendo-lhe recomendado que a ambos honrasse e obedecesse. Considerava-se que tanto o pai como o marido serviam de amortecedores entre ela e as duras realidades do violento mundo exterior. Além disso, considerava-se que ela era economicamente dependente do homem que controlasse a sua vida³³.

Assim, por causa desta ordem, havia uma divisão muito clara das tarefas femininas e masculinas, especialmente nas classes privilegiadas: boa parte da população feminina era afastada de ambientes públicos – espaços considerados masculinos –, relegadas ao ambiente doméstico e incumbidas de cuidar de assuntos referentes à família. Neste sentido, as atividades que não fossem úteis para tais incumbências, como é o caso da educação feminina, não deviam ser seguidas por elas, o que implica em dizer que grande parte da população feminina europeia na virada do século XV para o XVI não tinha acesso à alfabetização. Assim, as possibilidades de que mulheres escrevessem eram escassas, afinal, elas deveriam se dedicar ao casamento e à maternidade primordialmente. Logo, não é surpreendente que tão poucas tenham conseguido deixar registros escritos.

Segundo a historiadora Julie Hardwick³⁴, mesmo que as mulheres não fossem alfabetizadas, elas não eram “ignorantes”, pois tinham acesso a conhecimentos qualificados relativos à sua classe social, religião e atividades às quais se dedicavam em apoio às suas famílias. Estes, foram aprendidos não pelos livros, mas pela tradição oral, treinamentos oferecidos nas oficinas de trabalho e na prática, como foi o caso das parteiras. Ainda assim, as meninas cada vez mais se ocupavam de deveres da casa, preocupando-se em se adequar à feminilidade ideal e agradar a família e os pretendentes ao casamento, e trabalhavam em ofícios que não requeriam aprendizado formal. Enquanto a aprendizagem e a educação das meninas se davam quase sempre no ambiente doméstico ou das oficinas, o número de meninos que

³³ HUFTON, Owen. “Mulheres, trabalho e família”. In: História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna – volume 3. Porto: Afrontamento, 1991. p. 23.

³⁴ HARDWICK, Julie. Did Gender Have a Renaissance? Exclusions and Traditions in Early Modern Western Europe. In: *A Companion to Gender History*, Malden: Blackwell, 2004, p. 343-357.

saíam de casa para estudar ou para aprender um ofício aumentava consideravelmente. No entanto, em uma sociedade que sofria com as mazelas da pobreza urbana e da violência, algumas famílias da nobreza e da burguesia mercantil passaram a se preocupar com a educação das meninas, a fim de prepará-las para viver numa sociedade mais requintada, para desenvolverem as virtudes próprias ao seu sexo, ou para saber tomar decisões relativas aos interesses familiares e aos negócios.

Por isto, no Renascimento, houve uma reorganização dos estudos e a preocupação com a proteção moral dos jovens. Conforme mostra Jean Delumeau, a educação passou a ser entendida como a única maneira de manter as crianças longe do mundo corrupto e de violências, além de ensiná-las hábitos virtuosos. O movimento humanista³⁵ foi um dos expoentes da educação durante a época moderna. Apesar disto, a educação era voltada às classes mais abastadas, dado que conseguir um tutor para ensinar as crianças custava caro, o que tornava a escola um espaço privado.

Enquanto poucas pessoas de famílias modestas conseguiam estudar, principalmente ter acesso aos níveis mais elevados da educação, boa parte da nobreza e burguesia durante os séculos XVI e XVII já estava escolarizada³⁶. Isto porque as pessoas mais abastadas se interessavam cada vez mais pelos estudos, até como forma de distinção social, enquanto nas classes mais pobres as famílias se mostravam relutantes em renunciar a ajuda de seus filhos e, principalmente, das filhas em casa. Numa mentalidade prática de sobrevivência, seria um desperdício de tempo que uma menina das classes subalternas aprendesse a ler, e menos sentido haveria em aprender coisas que não trariam nenhum benefício a elas e às suas famílias, como o latim. Outro fator que dificultava o aprendizado das meninas era que os alunos precisavam ter algum material para escrever e muitas famílias não tinham condições de fornecer os materiais necessários para o treinamento.

Desta forma, era desejável que as mulheres obtivessem conhecimentos práticos, voltados geralmente às tarefas domésticas, que lhes seriam úteis quando casadas. Nessa lógica, qualquer outra atividade intelectual que elas pudessem aprender, as distanciariam de suas tarefas principais: cuidar dos filhos, do marido e

³⁵ Segundo Paul Oskar Kristeller, o humanismo, ou os *studis humanitatis*, foi um movimento cultural e intelectual que tinha como objetivo retomar e recriar os estudos clássicos de disciplinas como a gramática, a filosofia moral, história, retórica e poesia.

³⁶ DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Volume II. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p. 82.

da casa. Ou seja, embora alguns humanistas considerassem que pobres e ricos devessem ter uma educação que contribuísse com a boa formação moral e prática das pessoas mais pobres, estes não tiveram acesso à educação. A escassez ficava ainda mais evidente no meio rural, dado que os camponeses não poderiam se dar ao luxo de tirar os filhos do trabalho braçal para aprenderem a ler.

De acordo com a historiadora Natalie Zemon Davis, mesmo com a difusão da cultura escrita pela imprensa desde meados do século XV, a diferença de alfabetização entre homens e mulheres era considerável, e a parcela de homens que sabiam ler e escrever era muito maior do que a de mulheres³⁷. A historiadora norte-americana Joan Kelly³⁸, em sua reflexão sobre se as mulheres tiveram um Renascimento, já demonstrava sua preocupação com as interpretações historiográficas a respeito daquele período histórico. Para ela, as mulheres tiveram experiências bem diferentes das experiências masculinas, pois enquanto os homens da nobreza e elite participaram ativamente do Renascimento intelectual e artístico, as mulheres experienciaram restrições de oportunidades e crescente misoginia, propagada principalmente pelo amor cortês. Desta forma, ela afirma que os avanços culturais e intelectuais do Renascimento não foram uniformes, desafiando a narrativa tradicional do Renascimento. Assim, as mulheres foram excluídas do acesso ao conhecimento da época, ficando cada vez mais confinadas ao espaço doméstico e sujeitas a um controle maior de seus corpos e comportamentos. As mulheres tiveram que vencer muitas dificuldades para participar marginalmente do Renascimento e produzir os seus próprios frutos.

Idealizadas pela literatura cortês ou nas artes plásticas, as mulheres eram representadas de duas formas principais: por modelos estereotipados, como heroínas, deusas e matronas fiéis, ou como a Eva pecadora e as bruxas e maledicentes. A falta de acesso à educação, ao espaço público e as expectativas sobre elas aumentavam e reforçando a desigualdade entre homens e mulheres, bem como as representações idealizadas e pejorativas. Kelly apontou também que as mulheres provavelmente teriam contribuições importantes caso elas tivessem os instrumentos fornecidos por uma educação de qualidade para elas mesmas produzirem suas próprias

³⁷ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990, p. 69.

³⁸ KELLY, Joan. Did Women Have a Renaissance? In: *Women, History, & Theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1984, p. 19-50.

representações e se expressarem livremente.

Através de registros paroquiais de casamentos e testamentos, sabe-se que no início da Idade Moderna, a quantidade de homens que sabiam assinar o próprio nome era o dobro da de mulheres. Além disto, a assinatura delas demonstrava sua falta de treinamento com a escrita, quando comparada com as assinaturas dos homens, o que indica que talvez assinar o nome foi a única coisa que elas aprenderam e ainda assim de maneira pouco hábil. Se as mulheres mais pobres não pudessem aprender com os homens da família, elas permaneciam distantes da educação formal, uma vez que os conventos eram mais restritos, que as escolas urbanas aceitavam apenas meninos e raramente encontrava-se professoras nos registros dos séculos XV e XVI. Assim, as mulheres que eram mais bem educadas, ou seja, aquelas que aprendiam algo além de assinar o próprio nome, eram as da nobreza e da burguesia. Algumas delas tiveram acesso a outros conhecimentos fora aqueles tidos como apropriado para seu sexo, contudo eram consideradas como “educadas acima de seu sexo”, como é o caso de Marguerite d'Angoulême (1492-1549), rainha consorte de Navarra e irmã do rei de França, Francisco I e de Christine de Pizan (1364-1431), escritora italiana tardo-medieval³⁹.

Estas duas mulheres cultas se inseriram na cultura escrita. Ambas defenderam a alfabetização feminina, assim como participaram, com suas obras⁴⁰, do movimento que ficaria conhecido por “querela das mulheres”. A querela das mulheres, que teria sido iniciada por Pizan, foi um debate literário e intelectual tardo-medieval que ficou marcado pela disputa de autores – de ambos os sexos – a favor ou contra as mulheres relativamente às suas capacidades, seus papéis na sociedade e suas virtudes. Através de um longo debate, muitos autores e autoras defendiam a igualdade entre homens e mulheres e, por meio da escrita, muitas escritoras se posicionaram em favor das mulheres, combatendo as acusações que elas enfrentavam apenas por seu gênero.

Nessa querela, um dos pontos substanciais defendidos era a educação feminina, que poderia afastar as mulheres de vícios dos quais elas eram acusadas,

³⁹ DAVIS, Natalie Zemon., *op. cit.*, p. 68.

⁴⁰ Em *O Livro da Cidade das Damas* (1405), Christine de Pizan construiu a alegoria de uma cidade povoada por mulheres virtuosas. Esta cidade imaginária serve como instrumento para defender as mulheres contra os ataques misóginos e, ao mesmo tempo, exaltar suas qualidades e moralidade. Já em sua obra *Heptameron* (1558), publicada postumamente, Marguerite de Navarra defendeu as mulheres das opiniões misóginas da sociedade, pontuando que homens e mulheres que cometessem os mesmos erros seriam classificados de forma distinta por seu gênero.

mas também contribuir para a elevação moral e cultural de suas famílias e dos meios sociais nos quais estavam inseridas. Apenas a instrução, neste sentido, poderia promover a formação das mulheres como sábias e virtuosas. Muitas mulheres que ocupavam posições “limitadas” de poder na aristocracia escreviam ou patrocinavam a escrita de outras mulheres, como forma de mostrar que elas poderiam atingir tais objetivos. Desta forma, utilizando seus privilégios de mulheres nobres, através das conexões e recursos que tinham, apoiavam a escrita de autoria feminina, que começou a prosperar, mesmo que lentamente⁴¹.

Durante os séculos XVI e XVII, o ambiente doméstico da casa foi se consolidando como um lugar de fins pedagógicos para as mulheres abastadas.⁴² Aquelas que foram instruídas no seio familiar poderiam compartilhar do mesmo conhecimento que os homens em assuntos como filosofia ou teologia, mesmo que essas chances fossem mais escassas. A possibilidade de mulheres terem domínio da erudição como os homens, porém, não era muito bem-vista. Ainda assim, a casa como lugar de educação começou a prosperar cada vez mais, fato explicado pela historiadora Martine Sonnet quando afirma que “quando se toma consciência da necessidade de as raparigas saberem mais ou melhor, surgem alternativas: convento, escola elementar, colégio interno laico”⁴³ Gradativamente, apareceram cada vez mais apelos públicos para a melhoria da educação feminina.

Os precursores destes apelos foram os humanistas, que viam na alfabetização das meninas uma forma de torná-las mais cristãs e próximas de Deus. Assim, a instrução feminina, para alguns humanistas, não estava ligada a objetivos políticos ou vocacionais, mas sim à religião e como uma forma de conseguir manter conversas inteligentes com seus cônjuges e convidados. Isto se deu porque os humanistas viram a necessidade de mostrar que a educação feminina não levaria ao caos da desobediência e da soberba feminina - uma desconfiança que permeava a mentalidade das pessoas acerca dos possíveis resultados da instrução. Duas figuras que tiveram importância na época para melhorar a educação das mulheres foram os

⁴¹ Como exemplo, temos a figura de Lucrecia Bórgia (1480-1519), que foi patrocinadora das artes e das letras. Promoveu e apoiou muitas mulheres eruditas, principalmente poetisas e compositoras. In: Borgia, Lucrezia (1480–1519). *Encyclopedia of Women in the Renaissance: Italy, France, and England*, 1. ed., England: Oxford, 2007. p. 51-54.

⁴² SONNET, Martine. “Uma filha para educar.” In: *História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna* – volume 3. Porto: Afrontamento, 1991, p. 152.

⁴³ *Ibid.*

humanistas Erasmo de Roterdã (1466-1536) e João Luís Vives (1493-1540).

Erasmo defendeu a educação de meninas para que houvesse harmonia e entendimento entre os casais ou mesmo em sociedades em que homens e mulheres viviam mais tempo juntos, como nas cortes. João Luís Vives também se mostrou favorável à educação feminina, para mulheres solteiras, casadas ou viúvas. Para ele, autor de “As instituições das mulheres cristãs” (1523), parte dos vícios das mulheres do seu presente e dos séculos passados provinha da falta de cultura. Como eram dois eruditos de grande prestígio e fama, a defesa que fizeram passou a ser difundida nos meios eruditos, tendo como resultado uma aceitação maior entre a nobreza e a burguesia urbana no que se refere à educação das meninas e das mulheres. Assim, de acordo com Davis,

[...] na primeira metade do século XVI, a mulher rica e bem-nascida estava sendo encorajada a ler e estudar pela disponibilidade que tinha de livros impressos, pelo fortalecimento da imagem da senhora educada com o aparecimento de textos impressos de Christine de Pisan e de Margarida de Navarra, e pela atitude de alguns pais que levavam a sério os modestos programas educacionais reclamados por humanistas cristãos como Erasmo e Juan Luis Vives. Ler e escrever, para as mulheres do *menu peuple*, era provavelmente objeto de ridículo, de troça⁴⁴.

As mulheres de elite, neste sentido, aprenderam a ler e a escrever pelo acesso que passaram a ter às bibliotecas de suas famílias e outros livros que circulavam mais livremente e chegavam às suas mãos. Apesar das restrições à educação, o século XVI, comparado com os séculos anteriores, teve um maior número de mulheres letradas⁴⁵. No entanto, nem todos os humanistas concordavam com uma educação mais qualificada para as meninas e mulheres. Segundo a historiadora Merry E. Wiesner⁴⁶, alguns proibiram as mulheres de estudar retórica e até sugeriram que as mulheres deveriam cessar seus estudos assim que se casassem, a exemplo dos humanistas italianos. Caso elas desejassem continuar estudando, deveriam entrar para um convento, ou então seguir uma vida laica de reclusão, para que pudessem se dedicar apenas nos estudos.

A Espanha teve sua primeira escola feminina no início do século XVI e a

⁴⁴ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990. p. 69.

⁴⁵ DELUMEAU, Jean., *op. cit.*, 1984, p. 82.

⁴⁶ WIESNER-HANKS, Merry. E. *Women and Gender in Early Modern Europe*. (New Approaches to European History). Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 153.

França só conseguiu fundar a sua primeira escola de para meninas no final deste século, uma iniciativa das freiras Ursulinas. Delumeau pontuou que os países católicos foram os que mais difundiram o ensino humanista e ressaltou a importância da educação que os jesuítas davam aos seus servidores. Contudo, para Merry Wiesner-Hanks, a instrução para meninas nas regiões católicas ficava em desvantagem até mesmo para as limitadas ofertas das áreas protestantes.

No caso dos católicos, a exceção, no entanto, foi o espaço dos conventos, normalmente restritos às mulheres de famílias ricas e poderosas. Neles, além de desenvolver os dons espirituais, as moças tinham acesso a um espaço de educação formal e desenvolvimento intelectual, isso desde o Medievo. Como o dote de entrada do convento custava caro, raramente as meninas mais pobres tinham acesso a este ambiente religioso. Além disso, os conventos femininos eram em menor número do que os espaços monásticos masculinos, o que colaborava em manter baixas as chances de alfabetização feminina. Os espaços de clausura despontaram como lugares de fins propedêuticos, principalmente no decorrer da época moderna.

Protegidos por várias camadas da sociedade, os conventos eram lugares seguros para que as moças pudessem ter uma vida contemplativa de orações, de estudo e de trabalho. As freiras que estudavam geralmente eram tutoradas por um clérigo responsável pela seleção das leituras e pela orientação sobre a forma de ler. Era nestes espaços murados e silenciosos que elas reuniam a motivação e a inspiração necessária também para escrever. Esta inspiração era ampliada graças às bibliotecas dos conventos, que contavam com muitos livros e fontes clássicas e medievais que serviam de referência para as freiras. Nos séculos XVII e XVIII, a maior parte das escritoras mulheres viveram em algum convento⁴⁷. Mesmo que o número de freiras que escrevessem fosse significativo, poucos foram os escritos delas preservados até os dias de hoje.

É importante ressaltar, porém, que o ensino de homens e mulheres religiosos integrava currículos diferentes. A educação das freiras consistia em aprender sobre a moral e a teologia, além da leitura e da escrita e fundamentos de matemática e filosofia natural; enquanto isso, os homens, além destes conteúdos, ainda tinham a liberdade para estudar assuntos mais livres, como a filosofia. A leitura sagrada era algo de

⁴⁷ LAGE, A. C. P.; OLIVEIRA, T.. Ignez é morta: reflexões acerca da clausura para as Irmãs clarissas (séculos XIII ao XVIII). *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. *Revista de Estudos Feministas*, 2021 29(2), 2021.

extrema importância dentro das casas monásticas. Segundo Margarida Sá Nogueira Lalanda, historiadora portuguesa, a leitura monástica é “um meio para se caminhar no auto aperfeiçoamento com vista à santidade; ela é uma forma de mediação entre a vida terrena e o céu espiritual, entre a imperfeição humana e o paradigma de comportamento que se almeja”⁴⁸.

Conforme exposto por Hanni Hanson, pesquisadora de religião e movimentos sociais, muitas vezes as freiras copiavam os manuscritos encontrados nas bibliotecas dos conventos mais abastados e os decoravam artisticamente com as iluminuras, traduziam textos latinos, compunham hinários para sua comunidade, escreviam peças e estudavam textos cristãos⁴⁹. A escrita também poderia ser relativa à administração dos conventos, ser de cunho pessoal, sobre a história do convento, ou biografias de religiosas e autobiografias. As mulheres escreviam textos espirituais e cartas descrevendo sua experiência com a religião, com a vida comunitária e seus encontros místicos com Deus – como é o caso da Terciária espanhola Juana de la Cruz (1481-1534), que ditou para uma das irmãs do convento franciscano no qual viveu as revelações que recebeu. Ou como a freira carmelita Maria Maddalena de Pazzi (1566-1607), que escreveu sobre seus arrebatamentos místicos diários que duravam algumas horas⁵⁰. Outras ainda escreveram sobre a fundação e a história do convento em que viviam, participando do processo de construção da memória do convento. Era comum também que estes escritos tivessem dedicatórias para as autoridades civis e eclesiásticas.

Quando as obras eram escritas por freiras que tinham conexões com autoridades civis, suas obras eram publicadas. Mesmo assim, publicados ou não, os escritos produzidos pelas freiras representavam um rico testemunho da vida que elas levavam no convento, demonstrando suas habilidades intelectuais e a intimidade com a cultura escrita. Em alguns conventos mais pobres, com escassez de material para escrever, as freiras criavam meios de colocar em prática a sua escrita. Para isso, contavam com a ajuda de parentes e de benfeitores, que doavam os materiais a elas. Para as famílias de elite, a dedicação à escrita era vista com bons olhos, pois ter uma freira carismática entre os familiares poderia ser considerado um sinal da eleição

⁴⁸ LALANDA, M. S. N. Leitura e mediação de freiras de clausura. *Ponto de Acesso*, [S. l.], v. 8, n. 2, 2014, p. 63.

⁴⁹ HANSON, Hanni. *Ibid.*, p. 1-20.

⁵⁰ EVANGELISTI, Silvia. *NUNS - A History of Convent Life 1450-1700*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 72.

divina e reforçaria a boa posição social na sociedade cristã moderna.

Também era comum encontrar freiras escrevendo sobre a história. De acordo com Silvia Evangelisti, pesquisadora história religiosa e gênero:

Para além das suas perambulações espirituais, as freiras registravam também assuntos muito mais factuais. Dedicavam-se à escrita histórica, descrevendo o passado e o presente. Concentraram-se sobretudo nas histórias dos seus próprios conventos, que conheciam por experiência direta e sobre os quais podiam escrever como especialistas com autoridade. Escreviam biografias - ou "vidas", como eram mais apropriadamente chamadas - e uma variedade de crônicas, anais e histórias de fundações. Trabalhavam individualmente e coletivamente, mantendo eficazmente registros históricos contínuos⁵¹.

Muitos destes registros, no entanto, não foram publicados, sendo perdidos com o tempo, enquanto outros foram publicados postumamente. Nesse sentido, os escritos serviam como modelo e inspiração para suas irmãs do presente e do futuro; a escrita das memórias era como um guia para ajudar em momentos de fraqueza espiritual e para ajudá-las a se esquivar das tentações. Além de reforçar um senso de comunidade entre as freiras, esta memória coletiva foi criada para celebrar e preservar a identidade da comunidade monástica. A escrita, em muitos momentos, ajudava a expressar os sentimentos que ficavam guardados pelos votos de silêncio. Assim, as habilidades aprendidas no convento pelas freiras foram muitas vezes usadas como ferramenta para superar o isolamento e manter contato com o mundo exterior. De acordo com Evangelisti, a expressão poderia ser vista como uma arma política que as freiras manejavam na reclusão conventual.

Com a Reforma Protestante e sua difusão para além dos territórios do Império, muitos conventos foram fechados. Estes fechamentos causaram a revolta das famílias de elite, inclusive de famílias protestantes, que entendiam a importância dos conventos como lugares de educação e proteção para as mulheres. Apesar desse ataque aos conventos, a Reforma Protestante teve um papel muito destacado na difusão da educação em diferentes classes sociais. Com o advento da Reforma Protestante, Martinho Lutero deu início a uma nova doutrina, na qual todos seriam

⁵¹ "As well as their spiritual meanderings, nuns also recorded much more factual matters. They threw themselves into historical writing, describing past and present times. They mostly concentrated on the histories of their own convents, which they knew by direct experience, and about which they could write as authoritative insiders. They wrote biographies — or 'lives' as they were more appropriately called — and a variety of chronicles, annals, and foundation histories. They worked individually and also collectively, efficiently maintaining continuous historical records." *Ibid.*, p. 82.

iguais perante a Deus – sejam eles clérigos ou leigos –, suplantando a hierarquia existente na Igreja Católica. O sacerdócio universal implicava que cada fiel deveria ler e interpretar as Escrituras por si só, sem passar pela mediação de um padre. Para ter acesso à palavra revelada era necessário que todos soubessem ler a Bíblia para poder interpretá-la.

Neste sentido, criou-se dentro das comunidades protestantes um currículo escolar direcionado às pessoas comuns, para que elas tivessem acesso aos estudos orientados para o trabalho e vida pessoal – incluindo a vida religiosa. Segundo a historiadora Kirsi Stjerna, os reformadores idealizavam que as cidades protestantes deveriam usar suas leis para garantir que cada criança pudesse aprender a ler a Bíblia em vernáculo e estudar catecismo. É importante ressaltar, entretanto, que no início, os principais reformadores ainda não tinham pensado numa educação letrada que incluísse as mulheres. Mas conforme as comunidades reformadas foram se organizando, percebeu-se que as mulheres também deveriam aprender a ler as Escrituras não só para sua experiência espiritual individual, mas como mediadoras, elas mesmas, com a família, as crianças, os criados e aqueles que se converteram ao protestantismo.

A educação, no entanto, deveria ser diferente para meninos e meninas. Esta concepção de uma educação diferenciada vinha da ideia de que o currículo era baseado nas expectativas futuras das crianças e de qual seria seu papel na sociedade. Portanto, não cabia às meninas receberem uma educação mais ampla se o seu papel na sociedade não tivesse relação com as disciplinas aprendidas. Assim, a educação das meninas protestantes era muito mais básica do que a educação das meninas católicas que entravam nos conventos. Ainda de acordo com Stjerna,

Lutero, consciente do que se perdeu na educação das mulheres com a dissolução dos conventos e que não tinha sido substituída, imaginou que as meninas deveriam ser educadas não só em religião, mas também em línguas e, na sua disciplina favorita, a música, bem como em matemática, literatura e história⁵².

Outro importante reformador, o francês João Calvino, defendia a separação de escolas para meninos e meninas e que apenas os primeiros poderiam continuar os

⁵² “Luther, aware of what women’s education had lost with the dissolution of the convents and not seen replaced, had envisioned that girls should be educated not only in religion but also in languages and, his favorite subject, music, as well as in mathematics, literature, and history.” In: STJERNA, Kirsi. *Women and the Reformation*. Malden, Mass: Blackwell Publishing, 2009, p. 45.

estudos nas escolas secundárias e depois ingressar numa universidade. Para além das questões da aprendizagem da leitura e escrita, ainda era esperado que as meninas aprendessem o catecismo e cultivassem a modéstia e obediência, preparando-as para seu futuro de esposas e mães cristãs. No caso das mulheres adultas, era comum que seus maridos convertidos as ensinassem a ler, para que pudessem interpretar as Escrituras sozinhas. Erasmo de Roterdã foi um dos incentivadores para que as mulheres pudessem ler e tivessem contato com a Bíblia, pois havia percebido o ressentimento que elas sentiam por terem sido mantidas na ignorância teológica⁵³. No entanto, o contato de mulheres – e até pessoas mais pobres – com a Bíblia deixou muitos homens receosos, por terem medo da interpretação que elas poderiam fazer das Escrituras, medo este que não ficou restrito às mulheres, mas às pessoas comuns.

Neste sentido, algumas ações foram tomadas para que as mulheres lessem a Bíblia “sabiamente”: treinamento religioso, educação seletiva – sem deixar que elas desenvolvessem muito seus pensamentos –, e até algum trabalho para que elas se ocupassem. Tanto a divulgação da Reforma Protestante quanto a difusão do aprendizado, masculinos ou femininos, encontraram na imprensa uma importante ferramenta. O filósofo britânico Francis Bacon (1561-1626) já havia notado que a imprensa foi uma das grandes invenções da humanidade, produzindo uma revolução nas letras e que iria reverberar nas mais diversas áreas da sociedade, e mais tarde seria considerada como símbolo de uma idade de ouro.

O acesso aos textos e livros era muito importante para que as pessoas pudessem conhecer diferentes assuntos, mas o processo dos copistas era muito trabalhoso. Com a chegada do papel na Europa, principalmente através dos genoveses e italianos, a imprensa teve um grande impulso e cada vez mais os livros se difundiram na sociedade. Com o desenvolvimento da imprensa, o custo de produção dos livros reduziu drasticamente. Assim, a palavra impressa criou diferentes redes de comunicação, dando novas oportunidades de acesso ao conhecimento, incluindo as mulheres.

Desta forma, as camadas mais baixas do povo, que anteriormente não tinham acesso a livros impressos, poderiam ter contato com a palavra escrita, mesmo que isto acontecesse apenas em raros momentos, como no caso da presença de

⁵³ DAVIS, Natalie Zemon., *op. cit.*, p.72.

autoridades, de acordo com Zemon Davis⁵⁴. Ainda assim, o caminho percorrido entre o início da alfabetização até o início da leitura era bastante longo. Muitas vezes o único livro disponível era a Bíblia em vernáculo, importante material para que as pessoas pudessem ouvir/ler as Escrituras em sua língua, de forma mais afetiva e direta, sendo por isso tão eficaz. Os livros produzidos durante o século XVI eram, majoritariamente, material de leitura religiosa, que iam desde Bíblias ilustradas que custavam muito caro a pequenos livros com salmos ou versos devocionais. Também surgiu uma grande variedade de panfletos religiosos, utilizados para propagar a fé protestante.

Dentre as meninas e mulheres que tinham acesso aos livros no início do século XVI, segundo Harwick, grande parte das obras eram de natureza piedosa e devocional. Quando havia a repartição da herança entre os filhos e filhas, as filhas usualmente recebiam os livros menores e quase nunca recebiam livros que fossem de teor teológico. Embora o número de meninos e homens que liam fosse muito superior ao número feminino, no decorrer do século XVI surgiu uma literatura específica para elas, principalmente com conteúdo devoto. A linguagem destes livros era mais simples, com frases mais curtas e de fácil entendimento, tanto para crianças quanto para mulheres.

Entre as católicas havia os livros sobre a vida de santas, principalmente Santa Margarida, a santa do parto. Entre as protestantes destacavam-se os livros sobre jovens virtuosas e mulheres bíblicas. Os livros de salmos eram destinados para fiéis das duas confissões e para ambos os sexos. Estes livros, porém, não transmitiam mensagens de igualdade entre homens e mulheres, mas reforçavam a mensagem de que eles cumpriam papéis diferentes dentro da sociedade.

Deste modo, embora as oportunidades para as mulheres se desenvolverem intelectualmente fossem mais limitadas, a leitura e a reflexão da Bíblia se tornaram peça-chave no protestantismo. O que até então fora, na Igreja Católica, acessível apenas às freiras e a algumas mulheres da alta sociedade, começou a se popularizar. Criaram-se, dentro da sociedade protestante, grupos de leitura e interpretação da Bíblia em vernáculo que uniam homens e mulheres de profissões diferentes, letrados e iletrados, durante as sessões de leitura, para que as pessoas mais pobres, principalmente, pudessem ter maior contato com a Bíblia. Assim, no protestantismo, a educação foi instrumental para a vida espiritual e a salvação, mas também para a

⁵⁴ *Ibid.*, p. 161.

coesão da comunidade religiosa.

É importante destacar a importância da imprensa neste processo de alargamento da cultura escrita para as mulheres. Segundo Zemon Davis,

A limitada experiência política proporcionada às mulheres pelas instituições consultivas e representativas foi alargada pelo desenvolvimento da imprensa periódica e panfletária e pelo incremento da educação feminina. Elas podiam ler (ou ouvir em voz alta) a abundante literatura panfletária publicada [...]. E algumas delas eram capazes de escrever. As opiniões femininas, que podiam ser menosprezadas como “tagarelices” quando expressas oralmente, assumiam um carácter mais substancial quando apareciam impressas⁵⁵.

De acordo com o historiador polonês Jerzy Strzelczyk, o papel desempenhado pelas mulheres protestantes na escrita foi muito significativo, pois

Com a Bíblia e o livro de orações, começando por ouvir e aprender de cor, as mulheres passaram a ler sozinhas e até a escrever. Assim começou o “longo caminho para a maturidade”, através da escrita como ponto de partida para a emancipação política e social, para a criação do seu próprio “eu” autónomo. Ao longo deste caminho podemos encontrar várias personalidades femininas significativas, mulheres profundamente envolvidas na promoção e defesa da nova fé. Certamente houve muito mais mulheres assim, mas apenas algumas delas deixaram vestígios duradouros de suas vidas e lutas na forma de seus próprios escritos⁵⁶.

O historiador diz que se do ponto de vista literário essa escrita inicial era claudicante, teve grande importância histórica devido ao fato de serem raras as mulheres que liam ou que escreviam. Neste contexto de divulgação da imprensa é que surgiram escritos de autoria feminina, com o objetivo de espalhar os argumentos dos reformados e as disputas da Reforma. Estes materiais apareceram no formato de cartas e panfletos, distribuídos e lidos em mercados públicos ou púlpitos para pessoas que não sabiam ler, mas que queriam se envolver em questões de teologia e política, ou que buscavam consolo para os problemas de seu tempo. Muitos destes panfletos, inclusive, contavam com o testemunho de mulheres reformadas e até mesmo escritos

⁵⁵ DAVIS, Natalie Zemon. *A mulher na “política”*. In: História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna – volume 3. Porto: Afrontamento, 1991. p. 242.

⁵⁶ “With the Bible and the prayer book, beginning with listening and learning by heart, women went on to read for themselves, and even to write. Thus began the “long road to maturity”, through writing as a starting point for political and social emancipation, to the creation of their own autonomous “I”. Along this road we can meet several significant female personalities, women deeply involved in the promotion and defence of the new faith. Most certainly there were many more such women, but only some of them left lasting traces of their lives and struggles in the form of their own writings.” STRZELCZYK Jerzy. *Women at the cradle of the reformation: some examples of literary involvement. Przegląd Zachodni*. 2018, p. 190.

por elas, como uma forma de divulgação dos feitos trazidos pela Reforma. De acordo com Stjerna,

As mulheres protestantes que conhecemos como escritoras normalmente mantinham correspondência ativa. Isso era de se esperar, já que esse era o fórum mais amplamente usado e mais seguro de discurso teológico ou qualquer discurso escrito para mulheres. Cartas supostamente privadas poderiam facilmente ser publicadas como panfletos e, às vezes, para fins de propaganda (Katharina Schütz Zell, Ursula von Münsterberg), seja ou não, eles foram originalmente escritos com isso em mente⁵⁷.

Além disto, estes impressos eram menos custosos, poderiam ser reproduzidos em larga escala e escritos em dialeto ou vernáculo.

Apesar de que em muitas comunidades, principalmente no campo, a tradição oral ainda era o método mais usual, o interesse de editores de livros em expandir o alcance das publicações - mesmo entre grupos que não fossem o público-alvo -, é uma evidência de como o pensamento da época estava mudando em favor da palavra impressa. Com o sucesso desse veículo de comunicação de massa, os escritos de Lutero e de outros reformadores puderam alcançar públicos diversos (até mesmo nos confins do Sacro Império Romano Germânico), e a Reforma pôde ser amplamente divulgada para a população e alcançar o sucesso que obteve tão rapidamente.

2.2 Além do hábito: Jeanne de Jussie

Uma das mulheres do século XVI que pôde contar sua experiência pelo recurso da escrita foi a freira Jeanne de Jussie, que desfrutou dos privilégios desta educação mais formal oferecida nos conventos. Jeanne de Jussie nasceu em 1503, em Jussy-L'Éveque, uma vila de Genebra que até os dias de hoje leva o nome de sua família. Há poucos registros sobre sua vida antes de entrar no convento ou além dos detalhes que ela contou em sua obra, "A Crônica Curta". Sabe-se que ela era filha caçula de Louis e Jeanne e teve cinco irmãos. Seu pai faleceu em 1519 e a mãe em 1535, ano em que as freiras de Santa Clara foram exiladas de Genebra.

⁵⁷ "The Protestant women we know as writers were typically engaged in active correspondence. This is to be expected, as that was the most widely used and safest forum of theological or any written discourse for women. Supposedly private letters could fairly easily become published as pamphlets and at times for propaganda purposes (Katharina Schütz Zell, Ursula von Münsterberg), whether or not they had been originally written that in mind." STJERNA, Kirsi. Women and Theological Writing During the Reformation. *Journal of Lutheran Ethics*, 2012. Disponível em: <<https://elca.org/JLE/Articles/160>>. Acesso em 25 mar. 2024.

Após a morte do pai, seu tio nomeou o seu próprio filho como herdeiro do castelo da família na vila, ao que protestaram os parentes de Jeanne por direito às terras e propriedades. Como resultado, o tio declarou uma batalha legal contra eles, obrigando-os a abandonar o castelo. Os irmãos de Jeanne foram obrigados a vender as propriedades que restaram, tendo passado a família por dificuldades financeiras. Assume-se que foram estes problemas que influenciaram a decisão de Jeanne em entrar para o convento em 1521, aos dezoito anos de idade.

Nesse sentido, Jeanne, representa uma escolha que pode ter sido da família, pois meninas e mulheres poderiam encontrar no convento uma saída para a situação financeira frágil, uma vez que o dote do convento costumava ser mais acessível do que o dote do casamento. Além disto, sua família tinha laços com a poderosa Casa de Saboia, o que pode ter facilitado a entrada de Jeanne no espaço religioso, em virtude de que a Casa de Saboia esteve diretamente ligada à fundação do Convento de Santa Clara em Genebra. Conforme mencionado, os detalhes da vida de Jeanne de Jussie são desconhecidos. Porém, em sua obra ela indicou ter estudado em uma escola em Genebra, na qual teria sido alfabetizada. Este dado, no entanto, é questionado, devido à falta de registros sobre escolas de meninas na cidade na época.

Jeanne pode ter sido educada por algum professor da cidade, como aqueles que iam às casas de famílias ensinar os filhos da elite. Aventa-se que Jeanne já sabia ler e escrever quando entrou no Convento de Santa Clara em Genebra, e é provável que foram suas habilidades de escrita que a fizeram assumir o papel de escritã e secretária do convento, em meados de 1530. As funções administrativas que ela ocupou dentro do convento iam muito além do que era permitido para as mulheres na sociedade secular, dado que as mulheres leigas não podiam assumir cargos administrativos em companhias ou associações no século XVI. Assim, o convento a permitiu desempenhar funções que exigiam preparo, a começar pela escrita.

Em sua crônica, enquanto descrevia uma das tentativas dos protestantes de converterem as freiras, Jeanne faz uma menção à sua família, quando é informada que seu tio pediu aos reformados para que a retirassem do convento. De acordo com ela, e afirmando sua lealdade ao Convento e à Antiga Igreja,

Lorde Guillaume Pillicier era meu tio, quando era um homem honrado. Mas como ele escolheu uma nova lei, eu teria vergonha de chamá-lo de meu tio. E o fato de minha tia se casar com o irmão dele não faz dele um parente próximo o suficiente para se preocupar tanto comigo. Ele não me trouxe para esta santa companhia, nem me tirará dela, e os senhores da cidade também

não deveriam estar tão preocupados comigo. Não sou da sua cidade e não gostaria de ser. Devo obediência à minha mãe e aos meus irmãos⁵⁸.

Após as diversas invasões e ataques dos protestantes ao Convento de Santa Clara, em 1535, Jeanne e suas irmãs de fé foram exiladas de Genebra e caminharam até a cidade de Annecy, na França, com o apoio do então duque de Saboia, Carlos III, que concedeu um lugar para se estabelecerem, o Monastério da Cruz Sagrada. Por conta destas relações seculares e religiosas, a freira iniciou seu relato da seguinte forma, demonstrando seu apreço e gratidão ao duque Carlos III,

O que se segue é uma breve crônica contendo uma pequena parte do que foi feito em Genebra por causa da Eidguenotria⁵⁹ e dos hereges da seita luterana, começando em 1526, quando o Santo Padre Papa Clemente VII estava na Santa Sé Apostólica, e o mais ilustre, mais alto, poderoso e formidável Senhor Carlos III, e a mais ilustre e excelente Senhora Madame Beatriz de Portugal, sua mais nobre esposa e o excelentíssimo Luís, Monsenhor Príncipe do Piemonte, Philibert Emmanuel, Monsenhor Senhor de Bresse e a excelentíssima Lady Catarina Carlota, seus filhos mais nobres, estavam no magnífico Ducado de Saboia⁶⁰.

Em diversos momentos Jeanne se refere ao duque de Saboia em sua escrita, sempre pelo termo *Monseigneur*, mostrando admiração e respeito pela sua autoridade.

Mesmo enclausurada e afastada da sociedade secular pelos muros do convento e sendo uma mulher dedicada à vida religiosa, Jeanne de Jussie foi uma mulher atenta aos acontecimentos de seu tempo em Genebra, e utilizou a escrita para deixar registrado suas percepções de mundo e suas experiências motivadas pela Reforma Protestante. Infere-se que Jeanne começou a escrever seu relato sobre a situação de Genebra e como a Reforma Protestante envolveu a cidade logo após os

⁵⁸ "Lord Guillaume Pillicier was formerly my uncle, when he was an honorable man. But since he has chosen a new law, I would be ashamed to call him my uncle. And my aunt's marrying his brother does not make him a close enough relative to be so concerned about me. He did not bring me to this holy company, nor will he take me from it, and messieurs of the city should not be so concerned about me either. I am not from your city, and I would not wish to be. I owe obedience to my mother and my brothers." *Ibid.*, p. 153.

⁵⁹Eidguenotria vem da palavra Eidgenossen - do alemão Eidgenossen, que pode ser traduzido como confederados (Eid = juramento; Genosse = membro) -, que viam com bons olhos as alianças com os cantões e os colaboradores de Saboia.

⁶⁰ "The following is a short chronicle containing a small part of what was done in Geneva because of Eidguenotry and heretics and the Lutheran sect, beginning in 1526, when the Holy Father Pope Clement VII was in the Holy Apostolic See, and the most illustrious, most high, powerful, and formidable Lord Charles III, and the most illustrious, excellent Lady Madame Beatrice of Portugal, his most noble wife and the most excellent Louis, Monseigneur the Prince of the Piedmont, Philibert Emmanuel, Monseigneur the Lord of Bresse, and the most excellent Lady Catherine Charlotte, their most noble children, were in the magnificent Duchy of Savoy.", *Ibid.*, p. 37-38.

acontecimentos finais descritos em sua crônica, ou seja, provavelmente quando ela e suas irmãs do Convento de Santa Clara se estabeleceram no Monastério em Annecy.

Assim, de acordo com Helmut Feld⁶¹, teólogo e estudioso da obra de Jeanne de Jussie, ela deu início à narrativa ainda em 1535, incorporando escritos feitos em 1532 – dentre eles, cópias de cartas guardadas por ela, que foram escritas e enviadas às autoridades, amigos católicos e defensores do convento que tinham laços antigos com o Convento de Santa Clara. Neste sentido, ela escreveu para lhes contar das dificuldades enfrentadas pelas freiras. Por ter guardado estas cópias, alguns detalhes são muito precisos, como o relato da viagem de Genebra à Annecy. Assim, estes escritos foram reunidos e reorganizados para que tomassem a forma de um livro de memórias, que possivelmente era lido durante as refeições e momentos de reflexão das freiras, para que estas permanecessem fiéis à fé católica mesmo diante das adversidades do seu tempo.

Jeanne foi eleita abadessa, o mais alto cargo na hierarquia que uma mulher poderia ocupar num convento, com a sanção da Igreja Católica, no ano de 1548, sucedendo Pernette de Montluel, e faleceu no mesmo convento em 07 de novembro de 1561, sendo sucedida por Claude de Pierrefleur.

2.3 A Reforma Protestante e as mulheres

Jeanne de Jussie foi importante testemunha da Reforma Protestante em Genebra no século XVI. O termo Reforma Protestante, segundo o historiador João Oliveira Ramos Neto, refere-se ao levantamento de Martinho Lutero, até então um monge agostiniano, contra o papado, em uma tentativa de denunciar os erros doutrinários da Igreja Católica e purificar a Cristandade, tendo como recorte espaço-temporal o Sacro-Império Romano Germânico de 1517 a 1555⁶². A expressão Reforma Protestante, no entanto, teve sua origem apenas no final do século XVII pelo historiador alemão Veit Ludwig von Seckendorff, e foi utilizado para demarcar que no século XVI surgiu um cristianismo não-romano – dado que a Igreja católica era conhecida como Igreja de Roma ou Igreja Romana. Foi também com a obra de Seckendorff que se estabeleceu o protagonismo de Lutero como um dos líderes da

⁶¹ *Ibid.*, p. 24.

⁶² RAMOS NETO, João Oliveira. O conceito de Reforma Protestante na historiografia. *História (Revista Online)*, v. 24, p. 206-217, 2019.

Reforma Protestante⁶³.

Lutero ocupou um lugar de extrema importância nos acontecimentos do século XVI. De acordo com Delumeau,

A partir do momento em que o Frei Martinho - sem a mínima intenção de revoltar-se contra Roma - afixou, em 31 de outubro de 1517, as suas 95 teses na porta da Igreja de Wittenberg, a fratura da catolicidade avançou com desconcertante rapidez. Menos de quatro anos depois, Lutero, que entretanto passara a ser o homem mais conhecido da Alemanha, fora excomungado, banido do império, recolhido e escondido em Wartburg [...]⁶⁴.

O tema da Reforma Protestante, então, mobilizou diversos estudiosos ao longo dos séculos, principalmente quando se tratava de biografias de grandes reformadores, as guerras religiosas e o debate teológico, as cisões entre os cristãos, as causas que levaram à secessão protestante e as Dietas promulgadas em razão disto. Porém, as pesquisas acadêmicas tratando da Reforma se expandiram, e aos poucos surgiram estudos sobre as transformações e conflitos culturais, sociais, econômicos e políticos deste período. Assim, também, surgiram pesquisas que argumentavam não haver apenas uma Reforma, mas sim múltiplas Reformas que impactaram a sociedade moderna de diversas maneiras.

Devido a esta pleora de acontecimentos e protagonismos masculinos, conforme exposto anteriormente, pouca atenção foi dada pela historiografia ao papel que as mulheres desempenharam dentro deste amplo movimento religioso, suas experiências, ou como elas responderam às transformações religiosas e espirituais como sujeitos históricos e não como meras receptoras passivas de decisões e orientações de teólogos, padres e líderes reformadores. Quando algum historiador

⁶³ É importante lembrar que antes da Reforma Protestante tomar a proporção que tomou durante o século XVI, muitas outras reformas foram propostas em séculos anteriores e, até mesmo, alguns casos de *protoprotestantismos*. Estes movimentos, embora em escalas menores, já haviam buscado uma reforma nas instituições da Igreja Católica, como o caso dos hussitas, liderados por Jan Huss, ou movimento liderado por John Wycliffe. O caso de Lutero, no entanto, tornou-se excepcional por buscar uma reforma na doutrina cristã. Referência: reformas antes da reforma. Cf. CALDAS FILHO, CARLOS R.. Reformas antes da Reforma: investigando antecedentes da Reforma luterana do século XVI. *Estudos Teológicos*, v. 57, p. 297-315, 2017.

⁶⁴ Embora Delumeau sugira que Lutero não visava uma revolta contra a Igreja Romana, é importante considerar que vários outros membros do clero também expressaram descontentamento com a conduta da Igreja em relação aos fiéis. No entanto, poucos prosseguiram com a criação de uma nova doutrina religiosa. Conforme os relatos de Jeanne em sua crônica, observa-se que aqueles que desejavam preservar seu vínculo com o catolicismo reagiram e se portaram de maneiras distintas diante das dificuldades enfrentadas pela Igreja. Muitos, embora críticos, continuaram a se manter fiéis à causa católica. DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, p. 126.

tratou da presença das mulheres na Reforma deu-se ênfase aos papéis de generosas senhoras silenciosas que cuidavam das famílias e ajudavam eventualmente a cuidar dos fiéis seguidores de seus esposos, enquanto eles participavam ativamente da religião, faziam discursos, pregações e escreviam.

No entanto, conforme as investigações da história das mulheres e dos estudos de gênero avançaram, principalmente nos anos 1980 e 1990, começaram as problematizações a respeito da relação entre o gênero, como categoria histórica, e a religião. Os estudos se direcionaram para explorar novas perspectivas e protagonismos na Reforma Protestante. Desta forma, buscando outras maneiras de abordar as fontes tradicionais e os documentos produzidos pelas mulheres, encontraram-se materiais em que elas apareciam em papéis ativos, não apenas como fiéis lideradas e obedientes, mas ocupando lugares de ação e de uma religião comunicativa. Apesar de escassas e malconservadas, por intermédio de fontes escritas, percebeu-se a importância que as mulheres tiveram na difusão da Reforma ou, ao contrário, nas lutas e resistências por parte das católicas.

Segundo Tryntje Helfferich, historiadora e pesquisadora da Reforma Protestante, buscou-se dar enfoque, para além da experiência feminina, em como a Reforma influenciou o papel social das mulheres na era moderna, os casamentos, a vida familiar, as expressões religiosas e a fé, assim como outros aspectos da vida cotidiana⁶⁵. Alguns estudos surgiram, muitos deles parciais e enviesados pela religião de quem realizava a pesquisa, que tentavam indicar se a Reforma tinha sido benéfica ou maléfica para as mulheres. De um lado, os estudos que provinham de protestantes indicavam que as mulheres tinham se beneficiado com as mudanças, pois elas ocupavam o mesmo espaço que os homens dentro da religião; além disto, as freiras, que estariam presas na “escravidão” da vida monástica, foram libertas para a vida em sociedade e garantiram um casamento honrado.

Do outro lado, os estudos católicos iam na direção de como a Reforma teria sido prejudicial às mulheres, pois sua cosmovisão alijou a Virgem Maria e outras santas do modelo inspirador para as mulheres, ficando sem o consolo dos modelos de mulheres santas e exemplares. A vocação para a vida religiosa era algo importante para as mulheres, pois além de poderem se dedicar a Deus, elas tinham a liberdade

⁶⁵ HELFFERICH, Tryntje. Women and the Reformation. In: *Renaissance and Reformation*, 2020. Disponível em: doi: 10.1093/obo/9780195399301-0455. Acesso em: 24 mar. 2024.

e a independência que muitas outras não tinham em sociedade. Estas afirmações, além de simplistas, ignoraram as subjetividades das mulheres e as relações de poder, agrupando-as indiscriminadamente e reduzindo suas diferenças e singularidades.

De acordo com Merry E. Wiesner⁶⁶, estudos sobre as experiências religiosas femininas foram ignoradas por muito tempo porque se acreditava que elas vivenciaram a Reforma da mesma forma que os pais e maridos, e que questões como o gênero não teriam grande impacto na experiência religiosa. Além disso, também era comum que se examinasse o papel das mulheres na Reforma pela ótica masculina, ou seja, através de relatos que eles produziram sobre os papéis de homens e mulheres no movimento religioso, o que tornava a visão bastante enviesada.

A partir da década de 1970, no entanto, os estudos sobre as mulheres e a Reforma começaram a aparecer. A princípio, deu-se ênfase às mulheres que participaram da Reforma Protestante, ou que foram afetadas pelas transformações religiosas do período, passando-se, posteriormente, aos estudos sobre mulheres de elite que apoiaram a Reforma Protestante, em maior ou menor grau de intensidade. Estudos mais recentes buscaram entender estas mulheres construindo debates sobre papéis e identidades de gênero, tendo em consideração algumas questões como diferenças regionais, posição socioeconômica, estado civil, faixa etária e confissão religiosa. Isto foi de extrema importância, porque se percebeu que não foram apenas rainhas e mulheres de elite que atuaram a favor ou contra a Reforma Protestante; muitos documentos também mostram que houve participação expressiva de mulheres das camadas populares. Assim, as vozes de mulheres que atuaram na Reforma Protestante oferecem um importante relato que complementam, ou alteram os relatos históricos das experiências e perspectivas masculinas sobre o tema. A pesquisadora de religião e gênero, Claudete Beise Ulrich, enfatizou que:

Revisitar e reler a história, a partir da história das mulheres, é reconhecer que elas foram silenciadas e invisibilizadas. A história que chegou até nós foi a dos homens heróis e de seus grandes feitos. Nomes como Martinho Lutero, João Calvino, entre outros, são conhecidos. No entanto, nomes como Argula Stauff von Grumbach, Elisabeth von Calenberg, Elisabeth Schütz Zell ou Katharina von Bora são praticamente desconhecidos⁶⁷.

⁶⁶ WIESNER-HANKS, Merry. E., *op. cit.*, p. 239.

⁶⁷ ULRICH, C. B. . A Atuação e a Participação das Mulheres na Reforma Protestante do Século XVI. *Estudos de Religião*, v. 30, 2016, p. 73.

Alguns destes nomes até são conhecidos porque fazem parte da biografia dos líderes da Reforma, como é o caso de Catarina de Bora (1499-1552), que foi esposa e companheira de Lutero. No entanto, de acordo com Stjerna, boa parte da documentação que ela produziu, como é o caso das cartas trocadas com Lutero, perdeu-se, pois foi considerada de menor importância que os escritos dele, mesmo que as cartas tratassem de temas religiosos. No entanto, alguns registros feitos por mulheres sobre a Reforma Protestante ajudaram a compreender como se deu este processo em diversas cidades europeias.

Cabe aqui destacar alguns escritos produzidos por mulheres durante a Reforma, além da crônica de Jeanne de Jussie. Dentre eles, a obra de Caritas de Pirckheimer, freira do Convento de Santa Clara em Nuremberg, que comentou sobre a sua experiência e a de suas irmãs com a Reforma Protestante na Alemanha, quando elas resistiram para manter seu convento aberto durante o processo de implementação do protestantismo na cidade. Também os escritos de Marie Dentière (1495-1561), freira que se converteu ao protestantismo ao tomar conhecimento dos escritos de Lutero e que durante anos se empenhou para que a religião protestante e as mulheres fossem respeitadas pelas autoridades e pela sociedade.

2.3.1 A Reforma Protestante em Genebra

Conforme vimos, o relato de Jeanne de Jussie foi de grande importância por ajudar a elucidar o papel que, principalmente, as mulheres tiveram durante o movimento reformado no século XVI, auxiliando a compreender a experiência religiosa feminina, que seria bastante diferente das experiências masculinas. Além disso, seu relato é também muito considerado devido às informações sobre as disputas religiosas, políticas, sociais e culturais na cidade de Genebra.

Durante as primeiras décadas do século XVI, a cidade de Genebra se encontrava em um impasse. De um lado estava a Casa Saboia e seus aliados, liderados pelo duque de Saboia, Carlos III (1486-1553). Na questão política, a Casa Saboia possuía soberania parcial sobre a cidade genebrina, responsável, principalmente, pela proteção militar da cidade. Sob o poder da Casa Saboia, estavam os bispos da diocese de Genebra – também conhecidos como príncipes-bispos –, que geralmente eram membros da própria família Saboia ou pessoas ligadas às famílias vassalãs da Casa. Portanto, o poder exercido pelo bispo em Genebra era uma

ampliação do poder da Casa de Saboia, administrando a cidade em favor dos interesses da família saboiana, ao mesmo tempo que defendia os interesses do Papado. Da mesma forma, também sob o jugo da família, estava o cargo do *vidomne*, que era ocupado por um representante legal do bispo, exercendo suas funções, principalmente, na justiça temporal.

Do outro lado encontravam-se os patriotas eidguenotes – do alemão Eidgenossen, que pode ser traduzido como confederados (Eid = juramento; Genosse = membro) –, que eram cidadãos da cidade de Genebra. Além deste grupo, havia outra associação, formada por mercadores e comerciantes. Estes grupos apoiavam a independência de Genebra da Casa de Saboia, principalmente na questão política e financeira, a favor de uma aliança entre a cidade e os cantões suíços. Conforme os embates se acirraram, as autoridades da cidade começaram a se fragilizar cada vez mais e a soberania de Saboia enfraqueceu naquele território. Quando os patriotas genebrinos finalmente conseguiram uma aliança com Berna e Friburgo, cidades que possuíam alianças econômicas entre si mais antigas, a situação mudou completamente para as autoridades da Casa Saboia.

É importante frisar a importância que a Casa Saboia exercia na região. A maioria das famílias tinham relações diretas com o duque Carlos III de Saboia e, portanto, muitos mantiveram sua lealdade para com ele até o fim. O apoio se dava de diversas formas, e assim que o pacto entre os genebrinos e os cantões suíços foi realizado, seus aliados reforçaram a fidelidade ao duque, dividindo a cidade. A freira Jeanne de Jussie tem neste evento, a *comburguesia*, ou seja, a aliança de Genebra com os cantões suíços, principalmente Berna e Friburgo, como o ponto de partida para a escrita de sua crônica. Assim,

No ano da encarnação de Nosso Senhor de 1526, no mês de março, os embaixadores de Berna e Friburgo renovaram alianças de longa data com a cidade de Genebra, que se rebelava perversamente contra o ilustre Príncipe de Saboia, rejeitando completamente o seu poder e senhorio e rejeitando todos os nobres. Naquela época, o Bispo de Genebra era um poderoso senhor chamado Pierre de la Baume, da Casa de Montrevel em Bresse. As pessoas diziam que ele havia concordado com a aliança, pela qual sofreu mais tarde, junto com o resto do país, como você verá escrito abaixo em parte e resumidamente, já que é impossível escrever nem metade do que aconteceu⁶⁸.

⁶⁸ “In the year of the incarnation of Our Lord 1526, in the month of March, ambassadors from Bern and Fribourg renewed longstanding alliances with the town of Geneva, which was wickedly rebelling against the illustrious Prince of Savoy, completely rejecting his power and lordship and spurning all the nobles. At that time the Bishop of Geneva was a powerful lord named Pierre de la Baume, 11 of the House of

A cidade, então, foi paulatinamente promovendo uma reforma política, que culminou na retirada de autoridades e nobres apoiadores de Saboia, de Genebra. No entanto, a reforma política e as lacunas deixadas no âmbito eclesiástico abriram as portas para mudanças religiosas. As ideias protestantes, que circulavam nas regiões germânicas desde 1517, começaram a se espalhar cada vez mais pelas outras regiões europeias, ganhando novos adeptos inclusive nos cantões suíços. De acordo com Hanni Hanson, na historiografia há uma corrente que defende que a descentralização de poder esteve diretamente ligada à Reforma Protestante.

A Alemanha, durante a Reforma, era um mosaico de Estados com poderes descentralizados que, apesar da união pela cultura, não possuía quase nenhuma supervisão nestes territórios. Essa descentralização, além de poderes que muitas vezes divergiam, facilitou a entrada de uma nova religião, dado que lugares com poderes mais centralizados, como a Espanha ou a França, eram conhecidas por seus reis católicos e que muitas vezes perseguiram os opositores do catolicismo. Neste sentido, a descentralização que aconteceu em Genebra pode ter sido um fator importante para a aceitação de uma nova doutrina religiosa na cidade.

Jeanne de Jussie apontou os efeitos que Lutero e seus escritos causaram na Cristandade durante o século XVI; segundo ela,

O príncipe e grande heresiarca daquela maldita seita era um monge agostiniano chamado Martinho Lutero. No ano de 1518, cheio de maldade e grande orgulho próprio, ele se concentrou em todo tipo de malícia e erro, e reviveu todas as heresias e erros que existiam desde a morte dos apóstolos, e os imprimiu em Basileia e espalhou-se imediatamente por quase toda a cristandade, e assim o seu veneno pestífero envenenou todos os reinos e terras da Igreja Católica.⁶⁹

De acordo com o historiador inglês da Reforma Vivian H. H. Green⁷⁰, a insatisfação com a Igreja Católica na Idade Moderna provinha de duas questões. A

Montrevel in Bresse. People were saying he had agreed to the alliance, which he suffered for later, along with the rest of the country, as you will see written below in part and in brief, since it is impossible to write even half of what happened." JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 38.

⁶⁹ "The prince and grand heresiarch of that damnable sect was an Augustinian monk named Martin Luther. In the year 1518, filled with wickedness and great self-pride, he set his mind to all sorts of malice and error, and he revived all the heresies and errors that had existed ever since the apostles' death, and he had them printed in Basel and carried straightaway through almost all of Christendom, and so his pestiferous venom poisoned all the kingdoms and lands of the Catholic Church." *Ibid.*, p. 60-61.

⁷⁰ GREEN, Vivian H. H. *Renaissance and Reformation: a survey of European History between 1450 and 1660*. New York: St. Martin's Press, 1964.

primeira era o descontentamento com a Igreja como instituição; a segunda era o desejo de voltar a uma religião mais intimista, como nos primórdios do Cristianismo, isto é, mais próxima ao Evangelho do que dos rituais da Igreja. Esta maneira mais simples de vivenciar a religião sugeria que os devotos não seriam tão dependentes da intermediação dos clérigos. Em outras palavras, isto permitiria uma ênfase maior na dimensão individual da fé. Estas considerações desempenharam um papel crucial na desestabilização das estruturas religiosas do século XVI, viabilizando a Reforma Protestante.

Da mesma forma, Delumeau, em sua obra “Nascimento e afirmação da Reforma”, destacou que a Reforma Protestante aconteceu por uma série de problemas sociais, políticos e, principalmente, religiosos que afligiam a população⁷¹. Estes problemas iam desde o clima de medo e insegurança devido às guerras, fomes e pestes que assolaram a Europa anos antes, e afirmavam que estas adversidades eram produto do pecado, ao mesmo tempo em que a imagem de um Deus vingativo aumentava o temor da população.

Desta forma, a esperança das pessoas repousava na salvação divina. Para alcançar essa salvação, acreditava-se que cada indivíduo precisava se aperfeiçoar, ou seja, tornar-se justo perante Deus e realizar boas obras. A teologia pastoral medieval ensinava que, se cada indivíduo fizesse o melhor ao seu alcance, Deus não lhe negaria a graça. Assim, os fiéis eram responsáveis por suas vidas, pela sociedade e pelo mundo, dentro dos limites da aliança estabelecida por Deus. Embora o objetivo fosse oferecer segurança através da participação no processo de salvação, essa abordagem, ao exigir esforço pessoal, acabava por intensificar a insegurança e a incerteza, ao deixar os indivíduos à mercê de suas próprias capacidades.⁷²

No entanto, diante das incertezas da época, a dúvida sobre a própria salvação tornou-se cada vez mais comum, e muitos se perguntavam qual seria o caminho certo para alcançá-la. A resposta da teologia pastoral da Igreja recomendava o autoexame de consciência e o esforço contínuo para atingir o ideal de virtude. Contudo, principalmente entre os leigos, persistia uma tensão constante entre a esperança de redenção e o temor pelo destino eterno de suas almas. Muitas pessoas dedicaram-se intensamente, de corpo e alma, na busca pela salvação eterna. Tudo era válido para

⁷¹ DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.

⁷² LINDBERG, Carter. *The European Reformations*. 2nd. ed. Oxford: John Wiley & Sons, 2009, p. 61.

escapar da incerteza quanto ao destino espiritual. Essa busca incessante pela salvação não se restringiu aos leigos, incluindo muitos membros do próprio clero.

Assim, abriu-se espaço para uma experiência mais material da religião, tão criticada por Erasmo e por Lutero, com o ataque à comercialização da fé pela venda de indulgências. Esta prática, assim como o comportamento desregulado do clero, que muitas vezes vivia no luxo e desrespeitava seus deveres espirituais – como é o caso do concubinato – foram bastante criticadas por teólogos e humanistas.

A sensação de abandono pela Igreja era generalizada, levando à busca por alternativas espirituais, como associações leigas cristãs e o ressurgimento do misticismo individualista, numa crescente desconfiança do clero e de sua capacidade de conduzir os fiéis pela religião e o temor a Deus. Jeanne, em sua crônica, também expôs sua insatisfação com parte do clero e seus erros.

É, de fato, verdade que os prelados e clérigos daquela época não respeitavam os seus votos e propriedades, mas usavam imoralmente as vantagens da Igreja para seu próprio prazer, mantendo mulheres e filhos na devassidão e no adultério, e quase todo o mundo estava infectado com esse repugnante pecado abominável; é lamentável acreditar que os pecados do mundo que abundavam em pessoas de todas as classes provocaram a ira de Deus e fizeram com que Ele usasse aqueles agentes falsos e desleais do diabo, disfarçados de homens, para infligir o castigo divino⁷³.

Por isso as pessoas procuravam outras formas de orientação e meios de salvação, escapando das condutas impostas pelos outros e estabelecendo as suas próprias, movidas por sua devoção e espiritualidade cristã. Da mesma forma, muitos fiéis perceberam que os rituais religiosos poderiam intensificar e redirecionar a busca por uma prática religiosa que inflamasse a alma e tocasse cada um. Segundo Lindberg, Martinho Lutero, enquanto monge, também se viu profundamente atormentado pelas questões relacionadas à salvação. Em sua busca por compreensão, dedicou-se intensamente à questão. Com o tempo, Lutero passou a entender a salvação não como um processo a ser conquistado por meio de esforços pessoais, mas como uma dádiva divina pela fé, e foi a partir dessa compreensão espiritual e intelectual que ele deu início a uma nova doutrina e religião.

⁷³ "It is, indeed, true that prelates and clerics at that time did not respect their vows and estates but used the advantages of the church immorally for their own pleasure, keeping women and children in wantonness and adultery, and almost the whole world was infected with that loathsome, abominable sin; it is piteously to be believed that the sins of the world that abounded in people of all estates provoked God's anger and caused Him to use those false, disloyal agents of the devil, disguised as men, to inflict divine punishment." JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 62.

De acordo com Ramos Neto, “o fato de as pessoas na Europa do século XVI estarem descontentes com o clero não significa que não tinham mais interesse pela religião. Pelo contrário, o desejo de reformar a Cristandade demonstra a importância que ela tinha para aquela mentalidade”⁷⁴. Neste sentido, o sacerdócio universal, um dos pilares da Reforma Protestante, em que cada pessoa era a responsável por sua própria salvação, começou a ganhar estima entre os fiéis. Lutero, buscando a sua salvação, foi visto como uma liderança em direção a uma nova forma de viver a espiritualidade cristã.

Em Genebra, os representantes do príncipe-bispo da cidade eram responsáveis por visitas periódicas a todas as paróquias que compunham a diocese, que ao longo do tempo também ficaram comprometidas. Havia sete paróquias e diversas casas religiosas, contendo cerca de duzentos a trezentos clérigos e mulheres religiosas. Além de frades e cônegos, a cidade também contava com uma única casa religiosa feminina, o Convento de Santa Clara. Ele ficava localizado entre o muro que protegia a cidade e a catedral, era considerado o coração da religião católica na cidade, pois as freiras rezavam por ela e seus moradores. Mesmo com a presença de figuras religiosas que ofereciam algum conforto espiritual aos moradores, a falta de um governo atuante na cidade e o temor generalizado da danação eterna levaram as pessoas a procurarem outras formas de suprir a necessidade religiosa que era amplamente sentida. O surgimento da Reforma veio como resposta a esta crise de fé.

Comparada às outras cidades da Europa, a Reforma Protestante demorou a chegar em Genebra. Os registros mostram que apenas no final da década de 1520 começaram a surgir defensores da nova confissão religiosa na cidade. Pode-se inferir que este grupo, uma minoria, era formado principalmente por mercadores e comerciantes. No entanto, com a adesão ao protestantismo de seus aliados, principalmente das cidades da Confederação Suíça, como Berna, tornou-se possível a disseminação das sementes da nova doutrina em Genebra. Enquanto sua cidade vizinha Berna aceitou prontamente a religião reformada, a cidade de Friburgo permaneceu ligada à religião católica.

Conforme Robert M. Kingdon, historiador norte-americano da Reforma Protestante,

⁷⁴ RAMOS NETO, João Oliveira., *op. cit.*, p. 216.

durante os primeiros estágios da revolta de Genebra contra o seu bispo, o protestantismo se espalhou pela Suíça e foi adotado por Berna”; lá, “tentou difundir ainda mais a nova fé, enviando agentes protestantes para áreas vizinhas, incluindo Genebra⁷⁵.

A primeira fase da Reforma em Genebra foi a fase da difusão da religião protestante. A segunda fase, que se iniciou em meados de 1531, foi marcada pelo confronto entre católicos e protestantes. Isto porque em 1531, Guilherme Farel endereçou uma carta ao reformador suíço Zuínglio (1484-1531), informando que Genebra estaria pronta para a Reforma Protestante.

O clero católico ainda fez algumas tentativas de pregação, mas a esta altura os reformadores pregavam diariamente na cidade, principalmente em casas particulares. Em 1534 as pregações evangélicas estavam bem avançadas, a ponto de Farel realizar seus sermões para centenas de pessoas. Além das pregações para converter as pessoas para o protestantismo através do diálogo, era também comum que a propaganda aparecesse em formato impresso, conforme já mencionado. A propaganda impressa, ao contrário da propaganda oral, poderia ser feita de maneira anônima, preservando a identidade daquele que tentava converter, denotando, uma vez mais, a importância que a imprensa teve durante este processo. De acordo com Natalie Zemon Davis, era comum que principalmente mulheres fizessem relatos anônimos sobre assuntos como religião, dado que o caráter impresso e anônimo era mais bem aceito em assuntos considerados masculinos.

A situação se acirrou ainda mais quando, em 1534, na França, ocorreu o Caso dos Cartazes, momento em que se deu a radicalização protestante. Foram distribuídos cartazes protestantes por diversas cidades francesas, e seu conteúdo era um ataque direto às celebrações de ritos católicos, como as missas e a questão sensível da eucaristia. Os cartazes foram recebidos com medo pela população católica, que acreditou ser necessária uma ação para conter a heresia que tomava conta das ruas da cidade. A convicção de que caso não agissem a ira de Deus cairia sobre eles, fez com que enfrentassem todos aqueles que se mostravam críticos da religião católica.

⁷⁵ “During the early stages of Geneva’s revolt against its bishop, Protestantism had spread into Switzerland and had been adopted by Bern. Bern, in turn, had tried to spread the new faith further by sending Protestant agents into neighbouring areas including Geneva”. In: KINGDON, Robert M. Calvin and Geneva. In: *A companion to the Reformation World*. Edited by R. PO-CHIA HSIA. Blackwell Companion to European History. Oxford: Blackwell, 2004, p. 91.

Com a perseguição, que partia tanto da monarquia quanto da população, muitos protestantes tiveram que fugir da França. Cidades como Genebra e Estrasburgo se tornaram opções viáveis para os refugiados, uma vez que nelas o protestantismo já estava sendo mais bem aceito. Embora o protestantismo se estabelecesse cada vez mais em Genebra, principalmente por abrigar os reformados fugidos da França, ainda não havia ocupado o lugar de religião oficial da cidade.

Com o aumento das discordâncias com as autoridades católicas e firmando outras alianças políticas e econômicas, Genebra gradualmente aderiu ao protestantismo. As autoridades católicas foram se convertendo⁷⁶, os sermões reformados se tornaram hábito, os atos iconoclastas se tornaram cada vez mais frequentes, as missas e ritos católicos foram cancelados e os espaços sagrados foram invadidos. Tais atos mobilizavam tanto os homens quanto as mulheres, que viam nestas ações uma forma de combater uma Igreja que se encontrava maculada pelas ações do clero, criando espaço para novas formas de expressar a espiritualidade cristã.

Jeanne expressou sua preocupação com a cisão entre os habitantes da cidade de Genebra e de outras cidades vizinhas. Segundo ela,

A cidade de Basileia foi pervertida, e o bispo foi expulso da cidade e banido da cidade de Estrasburgo, da cidade de Berna e todos os seus domínios, de Zurique e de dois outros cantões, e do condado de Neuchâtel e diversas outras cidades que falavam germânico, vilas e terras cujos nomes eu não conheço. E agora está acontecendo de novo, na cidade de Genebra, em Saboia, ainda que sempre tenha havido tantas pessoas boas e bons católicos aqui, e por esta razão muitas pessoas deixaram a cidade, e todos estão divididos, e a terra também, como já foi mostrado acima e como tornarei ainda mais claro⁷⁷.

A partir disso, deu-se início o êxodo católico; aqueles que desejavam

⁷⁶ O cenário de guerras, pestes e crises na Europa provocou uma profunda angústia religiosa. A insegurança quanto à vida, o medo da morte e o sentimento de abandono espiritual afligiam todas as pessoas, inclusive os membros do clero, que muitas vezes se sentiam incompreendidos e desamparados. Neste contexto, o surgimento do protestantismo trouxe o conforto religioso que as pessoas buscavam, o que levou muitas delas a se converterem rapidamente à nova religião reformada. DELUMEAU, Jean. *op. cit.*, 1989.

⁷⁷ "The town of Basel was perverted, and the bishop was run out of town and banished from the town of Strasbourg, from the city of Bern and all its domains, from Zurich and two other cantons, and from the county of Neuchâtel and several other German-speaking cities, towns, and lands whose names I do not know. And now it is happening again, in the town of Geneva in Savoy, even though there have always been so many fine people and good Catholics here, and for this reason many people have left town, and everyone is divided, and the land too, as has already been shown above and as I will make even plainer." JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 61.

permanecer fiéis à Antiga Igreja e tinham condições econômicas partiram em busca da liberdade religiosa em outro lugar. Os tumultos e a iconoclastia também levaram ao fim o acordo existente entre Genebra e Friburgo, o que tornou Berna a única aliada de Genebra. Os líderes e autoridades católicas que foram forçados a abandonar Genebra entre os anos de 1535 e 1536 buscaram a proteção da Casa Saboia e foram convidados pelo duque para se abrigarem em Annecy, em França, como foi o caso das freiras do Convento de Santa Clara, conforme apontado pelo historiador Jill Fehleison.

Nas palavras de Jeanne,

Os clérigos não foram autorizados a permanecer onde essa heresia foi introduzida e reinou, a menos que removessem os seus hábitos, e todos foram caçados e mandados para longe de suas terras, de modo que não tinham lugar próprio. Eles sofreram muito. Esse tempo poderia muito bem ser chamado de “o tempo da perseguição à santa igreja”⁷⁸.

Em 1536 Genebra reconheceu formalmente a Reforma Protestante, e passou a viver de acordo com a interpretação reformada. Após o reconhecimento oficial de Genebra como uma cidade protestante e tentativas recentes de implementação da nova doutrina, João Calvino chegou à cidade. Apesar de todo o corpo clerical católico ter sido expulso, não havia uma igreja reformada organizada e, por isto, viu-se na figura de Calvino uma esperança para conduzir a cidade na nova doutrina. No entanto, após imbróglis entre Calvino e as autoridades, ele deixou a cidade, e só retornou em 1541.

O desenvolvimento da doutrina de Calvino, no entanto, não foi fácil e mesmo com o trabalho desempenhado, ele só conseguiu criar suas bases – do que posteriormente viria a ser chamada de Calvinismo – que influenciou diversas igrejas e triunfou sobre seus opositores em 1555, o que o tornou um dos reformadores históricos do século XVI, junto com Lutero. De acordo com Delumeau, assim como o sociólogo Max Weber, o calvinismo surgiu como uma forma de renovação do Luteranismo, quando este perdia sua força em meados do século XVI.

Embora haja uma ausência no estudo das mulheres envolvidas na Reforma Protestante em Genebra, é sabido que uma parcela substancial da população

⁷⁸ “Clerics were not allowed to remain where that heresy was introduced and reigned unless they removed their habits, and they were all hunted down and sent away from their lands, so they had no place of their own. They suffered greatly. That time could well be called “the time of persecution of the holy church.” *Ibid.*, p. 62.

feminina aderiu ao movimento. Jeanne de Jussie comentou diversas vezes sobre as mulheres genebrinas que se converteram e depois começaram a se rebelar contra as tradições católicas, como trabalhar em dias santos.

Várias mulheres luteranas usando capuzes de veludo sentavam-se às janelas para que todos pudessem vê-las trabalhando com rocas e agulhas. Faziam a mesma coisa em todos os dias de festa, mais do que nos outros dias, à vista das ruas, o que causava muita agitação nos cristãos. Dizia-se que nos dias seguintes à Páscoa e ao Pentecostes muitas delas limpavam e lavavam roupa. Algumas pessoas boas foram e jogaram suas roupas no Ródano, e as mulheres não tiveram vida fácil, porque tiveram que trabalhar duro para recuperá-las e não as perder. Quando a procissão estava passando, alguém puxou a roca do lado de uma mulher luterana gorda e bateu-lhe na cabeça com ela e jogou seu trabalho na lama e o pisoteou. Então aquela pessoa voltou para a procissão antes que ela soubesse o que havia acontecido. Ela pensou que morreria de dor por tal insulto⁷⁹.

Mesmo quando seguiam suas famílias e maridos na conversão, as mulheres convertidas enfrentaram duras críticas, sendo suas escolhas frequentemente associadas à suposta fraqueza espiritual feminina, o que as tornava mais suscetíveis à heresia do que os homens. Mas, assim como eles, as mulheres buscaram ocupar o espaço religioso e disseminar os princípios da Reforma Protestante em Genebra. Além de desafiar práticas consideradas pecaminosas pela fé católica, elas casaram-se com monges convertidos e procuravam converter os católicos. Foi notável como as mulheres começaram a desempenhar um papel mais ativo nos cultos realizados na cidade, especialmente nos corais locais, e tinham acesso irrestrito aos Salmos da Bíblia e às cópias dos escritos litúrgicos. O que na Igreja Católica era permitido apenas às mulheres do convento, agora estavam presentes no cotidiano das mulheres protestantes.

Com base no contexto da época registrado pela escrita de Jeanne sobre Genebra, assim como na biografia de Jeanne de Jussie, o próximo capítulo será dedicado ao lugar que as mulheres ocuparam na religião durante o século XVI,

⁷⁹ "Several Lutheran woman wearing velvet hoods sat at their windows so that everyone could see them working with distaffs and needles. They did the same thing on all the feast days, more than on other days, in plain view from the streets, which caused the Christians much turmoil. It was said that on the days after Easter and Pentecost many of them washed and did their laundry. Some good people went and threw their laundry into the Rhone, and the women did not have an easy time of it, because they had to work hard to get it back and to keep from losing it. When the procession was passing by, someone pulled the distaff from a fat Lutheran woman's side and hit her on the head with it and threw her work into the mud and trampled it. Then that person went back into the procession before she knew what had happened. She thought she would die from the pain of such an insult." JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 103.

principalmente no que diz respeito à mentalidade da época. Também será abordado como o catolicismo e o protestantismo prescreveram comportamentos e modelos de vida para as mulheres, além da fundação e manutenção do Convento de Santa Clara em Genebra, visto como um lugar de resistência católica à Reforma Protestante.

3 AS RELIGIOSAS ENCLAUSURADAS E A REFORMA PROTESTANTE

A relação das mulheres com a religião é um traço marcante na história do Cristianismo, despertando apoio, mas também desconfianças dos homens. Nos primórdios da Idade Moderna, ainda era muito forte a reiteração de discursos misóginos, especialmente de teólogos, associando as mulheres ao mal e ao pecado principalmente devido às interpretações da narrativa bíblica e da descendência de Eva e ao pecado original. Assim, enquanto os defeitos dos homens foram associados à educação descuidada ou com as condições de vida que eles levavam, os defeitos das mulheres eram tidos como decorrentes de sua natureza. Em uma sociedade pautada em valores cristãos, fortaleceu-se a autoridade e o poder masculino em oposição à subordinação e dominação das mulheres.

Conforme o celibato foi se tornando uma prática de distinção entre os clérigos e os laicos, a reclusão feminina e a castidade também se tornaram um ideal de vida e forma de controle do corpo feminino. Neste sentido, os conventos e mosteiros se tornaram não só espaços de espiritualidade e de caridade, mas de formação e proteção. Os conventos abrigavam inúmeras mulheres, com vocação religiosa ou não, que eram abrigadas sob os muros e paredes da clausura. Este lugar, a princípio inviolável, deveria proteger as religiosas da violência e de relações amorosas que colocassem em ameaça os interesses de suas famílias.

Com a Reforma no século XVI, a Europa se tornou palco de disputas entre católicos e protestantes. Dentre as pessoas impactadas diretamente por estes confrontos, as religiosas foram um dos grupos mais atingidos, uma vez que sua vocação foi questionada por líderes reformadores da época. Apesar das dificuldades enfrentadas nesse contexto, muitos conventos ainda permaneceram funcionando, embora muitos outros foram confiscados e transformados em escolas, universidades, hospedarias e hospitais.

Em relação às comunidades protestantes, deu-se uma revalorização do casamento, principalmente pelos ideais dos reformadores, que passaram a enxergar o celibato e o monaquismo como uma forma de desvio de caráter. Muitas mulheres dedicadas à consagração religiosa, ao entrar em contato com a nova religião, abandonaram a vida monástica e o convento, convertendo-se ao protestantismo e muitas delas se casaram. Mas, ao sair dos conventos, as mulheres perdiam seu papel de líderes religiosas, uma posição favorecida pelas visões e profecias feitas por

mulheres católicas. Se as mulheres protestantes eram impedidas de pregar, elas, no entanto, tiveram seu *status* favorecido dentro da Igreja Reformada, dado que poderiam ocupar um cargo muito importante, o de companheira de um ministro de Deus.

Mesmo com as invasões de conventos e mosteiros, muitas mulheres resistiram para poder manter sua comunidade e, principalmente, suas práticas religiosas. Jeanne de Jussie e as freiras do Convento de Santa Clara em Genebra, muito fizeram para garantir sua liberdade religiosa, atuando e resistindo contra os ataques protestantes e defendendo seu estilo de vida conventual, muito diferente da condição de mães e esposas tão enaltecida na comunidade protestante.

Desta forma, o objetivo deste capítulo é analisar estes papéis que as mulheres ocupavam na sociedade, principalmente no que diz respeito aos ideais promovidos pela Igreja Católica e pelos Protestantes. Também será analisado o lugar do convento naquela sociedade, não apenas para formar mulheres religiosas e castas, mas como uma alternativa aos controles da família patriarcal e como um espaço de segurança e de educação para as mulheres. Além disso, será discutido o papel do Convento de Santa Clara na cidade de Genebra e como suas religiosas tentaram provar que estavam ali por sua própria opção e não por obrigação.

3.1 O muro ou um marido: os chamados femininos na época da reforma

Conforme a Reforma Protestante avançou na Europa no século XVI, as críticas às mulheres aumentaram consideravelmente, fossem elas reformadas ou católicas. Enquanto os católicos atribuíam a conversão das mulheres ao protestantismo como demonstração de sua fraqueza natural que as tornavam mais atraídas pela heresia do que os homens, para os protestantes as mulheres que continuavam católicas eram ignorantes e supersticiosas, se recusando a aceitar a verdadeira religião cristã. Assim, as mulheres eram supervisionadas constantemente pelos dois lados da refrega religiosa. Segundo Delumeau⁸⁰, “[...] em muitas civilizações, considerou-se a mulher um ser fundamentalmente maculado, que era afastado de certos cultos, a quem muitas funções sacerdotais eram recusadas e era, em geral, proibida de tocar em

⁸⁰ DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 464-5.

armas”.

Desta forma, tanto no catolicismo quanto no protestantismo, as mulheres eram suspeitas por serem consideradas portas do pecado e instáveis. No entanto, a Igreja Católica e a Igreja Reformada formularam, igualmente, seus modelos de feminilidade, ou seja, definiram quais os papéis que elas poderiam ocupar na sociedade e na Igreja para sua salvação. Na Igreja Católica, o papel da mulher como virgem, símbolo da perfeição cristã, proporcionou-lhe certa liberdade e reconhecimento pelas autoridades religiosas. Esta valorização da virgindade ocorreu em detrimento do casamento, que antes era visto com maior aprovação. Segundo a teóloga alemã, Uta Ranke-Heinemann,

Embora os filósofos gregos de um modo geral concordassem com a importância considerável da busca do prazer para o ideal humano de vida, os estoicos, sobretudo durante os dois primeiros séculos da Era Cristã, mudaram tudo isso. Rejeitaram a busca pelo prazer. O efeito positivo dessa rejeição foi a concentração da atividade sexual no casamento. Mas à proporção que o prazer carnal se tornou suspeito, o casamento também passou a ser questionado e o celibato foi mais valorizado. [...] A preferência pelo celibato e a abstinência em detrimento do casamento já tinham sido esboçadas pelo estoicismo e atingiu a plenitude no ideal cristão da virgindade⁸¹.

Delumeau afirmou que os escritos de teólogos e outros religiosos do início do século XVI continuavam a afirmar que a castidade e a virgindade eram os ideais de vida para aqueles que almejavam o Paraíso. Embora o ideal de celibato fosse para homens e mulheres, os julgamentos em relação a ambos eram desproporcionais, principalmente pelas associações entre as mulheres e a tentação ao pecado. Ainda que a Igreja Católica se apoiasse na imagem positiva e mediadora da Virgem Maria como exemplo, o discurso sobre as mulheres reais continuava a manter as ressonâncias da tradição ascética e misógina.

A exaltação à Virgem Maria e o culto mariano, apoiados pela Igreja Católica, apenas reforçaram ainda mais a valorização do celibato. Maria, inclusive, era uma figura muito popular, e muitos acreditavam que ela fazia parte da Trindade. Devido à sua virgindade e por ser a mãe de Jesus, ela se tornou um modelo para as mulheres, mesmo que inatingível.

O celibato também foi um problema para o clero. A repulsa e negação do sexo

⁸¹ RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1996, p. 23.

e sua associação ao pecado, estão na origem das regulações das ordens religiosas. Com as reformas medievais da vida monástica, as relações sexuais se tornaram ainda mais interditas para o clero. Neste sentido, criou-se um modelo de perfeição dentro da Igreja, ou seja, uma hierarquia de valores dos estados de homens e de mulheres: a virgindade, a viuvez e a vida conjugal. Criou-se, também, maior distanciamento entre os clérigos e as mulheres laicas, modelo que também foi seguido pelas freiras, afastando-as mais rigorosamente do mundo.

De acordo com Hanson, o celibato gradualmente adquiriu um status de dom raro e divino, algo que não podia ser imposto, pois somente aqueles dotados da centelha divina poderiam alcançá-lo. Assim, passou-se a valorizar uma vida ascética, controlando, principalmente, o corpo feminino. A reclusão feminina foi vista como uma forma de controlar o corpo e as ações das mulheres, sempre ameaçadas pelo pecado e por sua natureza instável e fraca. Os conventos tornaram-se lugares bem-vistos como espaços de proteção e de formação, pois entrar para uma comunidade monástica significava o compromisso com a vida contemplativa, organizada pelas orações, votos de pobreza, castidade e obediência, e estes eram professados a um superior eclesiástico.

Para o antropólogo francês Louis Dumont, a separação física do restante do mundo social representa uma renúncia ao mundo secular, de forma que esta renúncia era uma expressão dos valores espirituais. Os indivíduos-fora-do-mundo, ou indivíduo extramundano, segundo Dumont, precisam deste distanciamento para desenvolver a vida espiritual. Ainda segundo o autor, o valor da alma do indivíduo estaria ligado à sua relação com Deus. Este pensamento se tornou basilar para a formação de comunidades religiosas, pois os cristãos se uniram em Cristo, tornando-se parte dele⁸².

Nessa lógica, os conventos seriam uma expressão e modelo desta forma sacrificial de praticar a religião porque naqueles espaços separados do mundo, as mulheres, em particular, poderiam se dedicar à vida contemplativa, além de se elevar espiritualmente em um ambiente controlado, sem as distrações e as ameaças mundanas. O controle rigoroso do corpo era uma forma de viver e demonstrar a fé, pela renúncia ao mundo e aos bens materiais. Este distanciamento também se tornou

⁸² DUMONT, Louis. *Ensaio sobre o individualismo: uma perspectiva antropológica sobre a ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

importante para manter a castidade, tão defendida como o ideal mais próximo da perfeição pela Igreja Católica.

Depois de cumprirem o voto solene, as religiosas passavam a ser denominadas como “noivas de Cristo”; ao passarem ritualmente para esta condição, elas deveriam se manter castas e puras, sendo a virgindade um presente dedicado a Jesus Cristo, segundo Evangelisti. Apenas se elas morressem nestas condições de pureza o casamento celestial seria consumado, e o enclausuramento era a garantia de que o seu corpo não seria violado. Assim, ao entrarem nos conventos, as mulheres renunciavam a uma experiência ordinária com seus próprios corpos, tornando-os um modelo sacrificial de pureza e de lugar de combate contra o mal e o pecado. De acordo com a historiadora Elsjé van Kessel “muros altos, portas pesadas, muitas fechaduras e inúmeras grades, com as medidas e espessuras impostas, não deixavam dúvidas de que as noivas de Cristo tinham dito para sempre adeus ao mundo”⁸³.

Toda esta estrutura era importante para garantir a reclusão das freiras e um modo de vida dedicado à vida contemplativa, aos estudos e aos rituais religiosos. Devido à violência, os conventos medievais e da Época Moderna se tornaram espaços atraentes, especialmente para as classes privilegiadas protegerem suas filhas e viúvas.

Formava-se nos conventos uma família espiritual, esta, porém não requeria os mesmos deveres que a família tradicional exigia das mulheres, nem o custo material para seus corpos com a maternidade e a obediência ao marido. Apesar de ausentes do mundo secular, as mulheres consagradas foram muito importantes para a defesa da Igreja e da fé cristã. Elas se manifestavam a respeito de assuntos religiosos e faziam parte de uma comunidade espiritual maior.

Enquanto muitas mulheres decidiram entrar nos conventos por vocação genuína, outras o faziam para escapar do matrimônio e de suas decorrências. Embora nos conventos existisse uma hierarquia restrita, o afastamento do mundo e das obrigações que as mulheres deviam cumprir com o casamento e a maternidade, pareceu ter bastante peso na decisão de qual caminho seguir. Para as freiras, a expectativa de vida era de cinco anos a mais do que a das mulheres fora do convento porque elas podiam se preservar das diversas doenças e mesmo de crises epidêmicas que assolavam o mundo exterior aos muros do convento, além de não passar terem

⁸³ KESSEL, Eljse van., *op. cit.*, p. 208.

que passar pela perigosa experiência do parto e do puerpério⁸⁴.

No entanto, conforme o humanismo e a Reforma Protestante foram se disseminando e ganhando adeptos, o celibato, o casamento e a castidade passaram a ser reavaliados, primeiramente nas classes intermediárias e em setores da nobreza. Erasmo de Roterdã foi um dos mais influentes humanistas modernos a criticar o celibato e a defender o valor cristão do casamento que unisse em concórdia e amizade maridos e esposas. Para o humanista, Deus já havia se conciliado com a humanidade e seus erros após o Grande Dilúvio e não ordenou que as pessoas ficassem reclusas e no celibato. Ele teria determinado que as pessoas se multiplicassem.

De acordo com a historiadora Susanna Peyronel Rambaldi, Erasmo contribuiu muito para mudar a hierarquia em relação aos valores femininos. Ele elaborou uma concepção filosófica mais otimista sobre o casamento, como uma instituição sagrada e honrada. O autor via o casamento como uma parceria igualitária a partir da interpretação das Escrituras, que valorizava a posição social da mulher. Assim, na visão do humanista, o casamento passou a ter um novo *status* pelo menos para uma parcela mais instruída da população, e paulatinamente a suspeição da mulher começou a ceder frente a uma visão mais positiva de amiga e companheira do homem.

As alegações de Erasmo no contexto da Reforma impulsionaram Lutero a se pronunciar teologicamente, argumentando que nenhum voto solene era válido se fosse jurado contra a liberdade do cristão, uma vez que a humanidade merecia ser salva.

Embora Lutero e os outros reformadores partilhassem muitos dos clichés medievais sobre as mulheres, a crítica radical ao monaquismo e ao celibato, uma consequência do tema luterano do sacerdócio dos crentes e da liberdade do cristão, levou à ênfase na igualdade de todos os cristãos diante de Deus e sua liberdade espiritual das regras humanas, tanto de homens como de mulheres⁸⁵.

Isto também se deu porque Lutero via o matrimônio como um chamado divino,

⁸⁴ HANSON, Hanni., *op. cit.*, p. 14.

⁸⁵ Anche se Lutero e gli altri riformatori condivisero molti dei luoghi comuni medievali sulle donne, la radicale critica del monachesimo e del celibato, conseguenza del tema luterano del sacerdozio dei credenti e della libertà del cristiano, portarono a sottolineare l'uguaglianza di tutti i cristiani di fronte a Dio e la loro libertà spirituale dalle regole umane, gli uomini come le donne. RAMBALDI, Susanna Peyronel. L'uomo e la donna sono creature di Dio: donne i Riforma protestante. In: TOMASSONE, Letizia; VALERIO, Adriana (org.). *Bibbia, donne, profezia: a partire dalla Riforma* (Italian Edition). Firenze: Nerbini, 2020.

no qual a mulher seria a companheira e ajudante do marido. Ambos deveriam constituir uma família com filhos devotos a Deus, dado que a ordem divina era de crescer e multiplicar. Apesar de sua defesa do matrimônio, Lutero não considerava o casamento um sacramento, mas uma expressão da criação de Deus e, portanto, fazia parte da ordem divina. Desta forma, ele afirmava que embora o celibato e a virgindade fossem divinos, o matrimônio fazia parte da natureza. Assim, a vida conjugal seria melhor do que a vida monástica, e o celibato deixou de ocupar o primeiro lugar na hierarquia de valores para os reformados, em oposição à tradição eclesiástica.

Segundo Rambaldi, as palavras de Lutero levaram muitos frades, monges, freiras e abadessas a deixarem suas comunidades monásticas para se casarem. Jeanne de Jussie, observando o que acontecia fora dos muros do convento, se pronunciou sobre Lutero, sua renúncia ao seu antigo cargo clerical e à sua vocação, recorrendo a uma linguagem bastante singular.

Não satisfeito com sua própria perdição, aquele dragão pestilento com cauda venenosa [Lutero] tentou trazer consigo pessoas de todas as classes. É por isso que ele perseguiu e importunou as pessoas que haviam se consagrado e se dedicado a Deus com um santo voto de castidade e tentou fazê-las se casar, e ele próprio e seus discípulos se casaram da maneira comum. Numerosos sacerdotes e monges, ingratos e sem respeito pela sua santa vocação, seguiram-no⁸⁶.

Além da agressão aos clérigos, também foram proferidos muitos ataques às casas monásticas, às freiras e aos monges. A historiadora Mary Laven afirmou que estas instituições, durante a primeira década do século XVI na Itália, se tornaram alvo de pessoas que acreditavam que monges e freiras eram forçados a viver afastados do mundo⁸⁷. Jeanne comentou sobre uma das invasões ao convento de Santa Clara, quando um dos convertidos tentou retirar as freiras do convento, insinuando que elas estavam ali contra a suas vontades. De acordo com Jeanne, ao se dirigir à abadessa, o homem disse que as freiras deviam conhecer as Escrituras “verdadeiramente”:

“Senhora Vigária, nem todas são da sua opinião, pois há algumas freiras lá que você restringe com força, pelas suas tradições e pelo seu controle, que

⁸⁶ “Not satisfied with his own perdition, that pestiferous dragon with the venomous tail tried to bring people of every estate down with him. That is why he pursued and pestered people who had consecrated and dedicated themselves to God with a holy vow of chastity and tried to get them to marry, and he himself and his disciples were married in the ordinary manner. Numerous priests and monks, ungrateful and lacking respect for their holy vocation, followed him”. JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, 2006, p. 62.

⁸⁷LAVEN, Mary. Sex and Celibacy in Early Modern Venice. *The Historical Journal*, Vol. 44, No. 4 (Dec., 2001), p. 871.

se renderiam imediatamente à verdade do Evangelho se este lhes fosse pregado; e para que ninguém tenha a desculpa da ignorância, os messieurs ordenaram que todos viessem a esta disputa e querem que todos vocês estejam lá”⁸⁸.

Com o aumento das críticas dos reformados, parecia que o ideal de celibato disseminado pela Igreja havia se tornado algo inadmissível para as pessoas. As críticas a ele tiveram tanto impacto na sociedade que motivaram ataques, invasões e dissoluções de muitos conventos nos anos posteriores a 1520. Estes ataques tiveram um impacto imediato no modo de vida das freiras, seja quanto à sua segurança física ou espiritual, especialmente nas cidades em que a população se mostrou abertamente a favor da Reforma Protestante.

Conforme a vida monástica e o celibato caíam cada vez no conceito dos reformadores, surgiam outros pontos para embasar e reforçar o casamento e a procriação entre os reformados. Um deles era que a doutrina protestante se apoiava na *Sola Scriptura*, ou seja, a Bíblia era a única autoridade que os fiéis deveriam reconhecer. Neste sentido, não havia passagens na Bíblia que tratassem o celibato como um dom designado por Deus e, portanto, não era um estado que deveria ser assumido por homens e mulheres.

Além disto, eram inúmeros os relatos de padres que viviam com concubinas ou que formavam famílias com esposas e filhos sem largar os votos monásticos, o que era proibido pela Igreja, que aos olhos dos contemporâneos era visto como sinal de hipocrisia e corrupção. Da mesma forma, as freiras também estariam levando uma vida de corrupção, pois os protestantes afirmavam que era impossível manter o celibato por tanto tempo. Em um dos embates com os invasores protestantes, Jeanne relatou as desavenças entre eles e as freiras do convento:

“Messieurs”, disseram as senhoras, “tenham a graça, pois todas nós fomos trazidas aqui pela graça do Espírito Santo, e não pela força, para fazer penitência e orar pelo mundo, e para não sermos ociosas, e não somos hipócritas, como você diz, mas virgens puras.” Os síndicos⁸⁹ responderam: “Vocês estão realmente muito enganadas, porque Deus não fez tantas regras quanto os homens inventaram para enganar o mundo, e, em nome da religião, eles são ministros do grande diabo. Vocês esperam que acreditemos

⁸⁸ “Lady Vicaress, they are not all of your opinion, for there are some nuns in there whom you restrain with force, by your traditions and your control, who would immediately surrender to the truth of the Gospel if it was preached to them; and so that no one will have the excuse of ignorance, messieurs have ordered everyone to come to this disputation, and they want you all to be there”. *Ibid.*, p. 123.

⁸⁹Os síndicos eram os mais importantes funcionários eleitos em Genebra, representando o povo perante o príncipe-bispo.

que vocês são castas, o que não é possível na natureza. Vocês são todas mulheres corruptas”⁹⁰.

Ao lembrar dos acontecimentos traumáticos e colocar no papel estas palavras sacrílegas, Jussie defendeu que ela e suas irmãs de vida religiosa não foram para o convento apenas por falta de dinheiro de sua família, mas por motivos religiosos, ou seja, a vocação, ou o chamado de Deus. Jeanne ainda reforçou a ideia de que todas estavam no convento por vocação:

O síndico disse: “Senhora Vigária, fique quieta e deixe falar outras pessoas que não são da sua opinião”. A madre vigária disse: “Terei o maior prazer. Irmãs”, disse ela, “digam aos senhores suas intenções”. Então as três porteiras, a tesoureira, as duas cozinheiras, a enfermeira e várias das mães idosas que estavam lá para ouvir o que aconteceu, todas gritaram juntas em voz clara: “Nós dizemos a mesma coisa que ela e queremos morrer e viver em nossa santa vocação”⁹¹.

Para os reformados, com o sacerdócio universal e a possibilidade de cada um poder alcançar a própria salvação sem intermediação do clero, o monaquismo perderia sua razão de existir. Assim, o monaquismo não era apenas teologicamente infundado ou corrupto, mas também era inútil. As orações intercessoras, os cantos, a contemplação religiosa e a obra em busca da salvação foram todos rejeitados pelos reformadores, tornando as ações das freiras no convento e da própria Igreja “inúteis”.

Segundo Hanni Hanson, não demorou muito para que os conventos e as freiras passassem a ser associados aos bordéis, que também eram comunidades de mulheres que “não tinham família”⁹². Alguns reformadores chegaram a alegar que o nível moral dos conventos e dos bordéis era parecido. As freiras protestaram veementemente contra essas acusações, como uma ofensa sacrílega. A tentativa de associar os conventos aos bordéis mostra o tamanho da rejeição dos reformados ao

⁹⁰ “Messieurs,” said the ladies, “be gracious, for we were all brought here by the grace of the Holy Spirit, and not by force, to do penance and pray for the world, and not to be idle, and we are not hypocrites, as you say, but pure virgins”. The syndics replied, “You are truly very much deceived, because God did not make as many rules as men have invented to deceive the world, and, in the name of religion, they are ministers of the great devil. You expect us to believe that you are chaste, which is not possible in nature. You are all corrupt women”. *Ibid*, p. 124.

⁹¹ “The syndic said, “You name the devil, you who pretend to be so holy.” “I am following your example, and you name him as a joke, and I do it out of spite.” The syndic said, “Lady Vicarress, be quiet and let others who are not of your opinion speak.” Mother vicarress said, “I will be glad to. Sisters,” she said, “tell me your intentions.” So the three portresses, the bursar, the two cooks, the nurse, and several of the aged mothers who were there to hear what happened all cried out together in a clear voice, “We say the same thing she does and want to die and live in our holy vocation.”” *Ibid*.

⁹² HANSON, Hanni., *op. cit.*, p. 9.

monaquismo e aos seus valores mais profundos, como a castidade e o celibato.

Outras críticas partiam dos reformadores à liderança das casas monásticas femininas. Os conventos exigiam muito trabalho e esforço para funcionar, dependendo, portanto, da organização das religiosas. Todo o trabalho administrativo e o aconselhamento espiritual era realizado pelas mulheres para elas mesmas, com a exceção da confissão e alguns outros sacramentos, ministrados apenas pelos clérigos que tinham permissão para entrar nas casas religiosas. Desta forma, as mulheres exerciam o poder nos conventos.

Era usual que a liderança da casa ficasse a cargo da abadessa, que ocupava o mais alto cargo, sendo a responsável por governar a abadia ou mosteiro, estando acima dos cargos de priora, das freiras e das monjas — que fizeram os votos perpétuos ou simples — ou noviças, aquelas que estavam prestes a professar seus votos na congregação. Um reformador protestante de Augsburg já havia se pronunciado contra a liderança feminina monástica, questionando:

Como poderia resultar algum bem, quando as mulheres se juntam numa vida separada, de modo que, contrariamente à ordenação de Deus... elas se entregam à obediência a uma mulher, que não tem razão nem entendimento para governar, seja em assuntos espirituais ou temporais, que não deveria governar, mas ser governada?⁹³.

Conforme as freiras entraram em contato com os ideais reformados e decidiram se converter, as autoridades não sabiam como lidar com a situação de tantas ex-freiras presentes na sociedade. Elas eram mulheres solteiras, não faziam parte do grupo reformado como cidadãs, ainda não integravam uma família tradicional e não tinham filhos. Em algumas cidades da Alemanha, para as ex-freiras se tornarem cidadãs era muito custoso. Se elas não pudessem arcar com estas despesas, deveriam assumir trabalhos como serviçais e morar na casa onde trabalhavam, casar-se, ou deixar a cidade. Assim, as mulheres ficavam sem muitas alternativas após deixar o convento, e reforçou-se ainda mais o papel do casamento para suprir esta desocupação e colocá-las sob uma autoridade masculina.

De acordo com Hardwick, às mulheres que optaram por sair dos conventos e

⁹³ “How should it come to any good, when women join themselves in a separate life, so that, contrary to the ordinance of God ... they give themselves into obedience to a woman, who has neither the reason nor the understanding to govern whether in spiritual or temporal matters, who ought not to govern, but to be governed?”. HANSON, Hanni., *op. cit.*, p. 11.

se converter foi oferecida uma quantia pela comunidade protestante, que funcionava como o dote, usado por ela para conseguir comprar os bens necessários para estabelecer uma nova casa, como o enxoval, dado que a partir de então os pastores protestantes poderiam formar uma família.⁹⁴ Jeanne, em sua crônica, comentou sobre o auxílio financeiro que era oferecido aos convertidos em algumas ocasiões. Em uma delas, comentou sobre seu próprio caso, quando a ela foi oferecida uma certa quantia em dinheiro para abandonar o convento. Em outra passagem, ela relatou o caso de Marie Dentière, uma freira que abandonou o convento, se converteu à nova religião e se casou.

De acordo com a transcrição de Jussie, Marie Dentière alegou

“Oh, pobres criaturas, se vocês soubessem como é bom estar ao lado de um marido bonito e como é agradável a Deus! Infelizmente, estive por muito tempo nesta escuridão e hipocrisia onde vocês estão. Mas só Deus me mostrou as ilusões da minha vida miserável, e eu vi a verdadeira luz da verdade e percebi que vivia na tristeza o tempo todo porque nestes conventos não há nada além de hipocrisia, corrupção mental e ociosidade. E assim, sem hesitar, tirei quinhentos ducados do tesouro e deixei aquela vida miserável, e, só graças a Deus, já tenho cinco lindos filhos e levo uma vida boa e saudável!”⁹⁵

Em outra passagem relativa ao dote, Jussie critica a conversão e o casamento de um ex-padre na cidade.

Na festa de Pentecostes [24 de maio], um padre secular, homem fino e excelente cantor [eclesiástico que rege o coro], que era um dos doze padres ordenados pela igreja catedral de São Pedro e que se chamava Messire Louis Bernard, assistiu ao sermão luterano, e gritou em alta voz que queria ser um deles. Então ele tirou seu longo manto e vestiu uma capa espanhola. Então todas as pessoas daquela seita, homens, mulheres e crianças, o receberam com grande alegria e reverência. Mais tarde, o pregador anunciou seu casamento com uma jovem viúva luterana. Na terça-feira seguinte [26 de maio] eles se casaram, o que escandalizou muito todos os cristãos. Ele teve um benefício de duzentos florins e mais⁹⁶.

⁹⁴ HARDWICK, Julie., *op. cit.*, p. 345.

⁹⁵ “Oh, you poor creatures, if you knew what a good thing it is to be next to a handsome husband and how pleasing to God! Alas, I was for a long time in this darkness and hypocrisy where you are. But God alone showed me the delusions of my wretched life, and I saw the true light of truth and realized I had been living in sorrow the whole time because in these convents there is nothing but hypocrisy, mental corruption, and idleness. And so, without hesitating, I took five hundred ducats from the treasury and left that miserable life, and, thanks to God alone, I already have five fine children and I lead a good and healthy life”. JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, 2006, p. 151.

⁹⁶ “On the Feast of Pentecost [May 24], a secular priest, a fine man and amost excellent cantor, who was one of the twelve priests ordained by thecathedral church of Saint Peter and who was named Messire Louis Bernard, attended the Lutheran sermon, and he shouted in a loud voice that he wantedto be one of them. Then he removed his long robe and put on a Spanishcape. Then all the people of that sect, men, women, and children, wel-comed him with great joy and reverence. Afterward the preacher

A deliberação das cidades em pagar uma soma de dinheiro encorajando o casamento mostra a preocupação de que as mulheres saíssem dos conventos e não tivessem como se manter, tendo, talvez, que recorrer à prostituição. Isto poderia ocorrer, principalmente, nos casos em que a família sendo abastada não concordava com a conversão. Ainda assim, segundo Natalie Zemon Davis, para muitas mulheres era preferível manter seus votos, o celibato e a organização independente, do que se arriscarem no mercado matrimonial protestante⁹⁷.

Para a arqueóloga da cultura material feminina, Roberta Gilchrist, ingressar numa comunidade monástica significava construir uma identidade para as freiras, distanciando-as da vida secular. Segundo a autora, ao entrar num mosteiro “a identidade pessoal é estruturada através de duas fases: a negação da identidade anterior e a construção de um sentido alternativo e novo do eu. Fazer os votos monásticos envolve a renúncia à personalidade, à sexualidade e ao status social.”⁹⁸ Assim, assumindo uma nova identidade dentro do convento, as freiras criavam laços entre si, que eram reforçados pelo modo de vida que levavam.

Sobre isto, Jeanne também deixou registros em sua crônica. Segundo ela, os reformadores tentaram convencer as freiras a abandonarem os conventos, mas elas resistiram, mostrando não apenas sua vocação, mas seu senso comunitário:

Às jovens, eles ofereciam maridos e casamento, grandes honras e riquezas; disseram que nunca faltaria nada e que não deveriam ter medo de declarar secretamente seus desejos e outras coisas que não deveriam ser escritas porque seriam apenas horríveis e difíceis de ler. Mas Nosso Senhor e o Espírito Santo operaram milagrosamente, e ali se viu um milagre, visível e digno de lembrança e grande louvor a Deus, pois eram todas de um único desejo e de uma única resposta e opinião, como se fossem todas partes de um único coração e uma só voz, sem qualquer desacordo⁹⁹.

an-nounced his marriage to a young Lutheran widow. The next Tuesday [May26] they were married, which greatly scandalized all the Christians. He had a benefice of two hundred florins and more.” *Ibid.*, p. 102.

⁹⁷ DAVIS, Natalie Zemon., *op. cit.*, p. 81.

⁹⁸ “Upon entering a monastery, personal identity is structured through two stages: denial of one's previous identity, and construction of an alternative, new sense of self. The taking of monastic vows involves renunciation of personality, sexuality and social status.” In: GILCHRIST, Roberta. *Gender and Material Culture: the archaeology of religious women*. New York: Routledge, 1994, p. 18.

⁹⁹ “To the young ones they offered husbands and marriage, great honor and wealth; they said they would never lack for anything and should not be afraid to declare their wishes secretly and other things that should not be written because they would only be horrible and difficult to read. But Our Lord and the Holy Spirit worked miraculously, and a miracle was seen there, visible and worthy of remembrance and great praise to God, for they were all of a single desire and a single answer and opinion, as if they were all parts of a single heart and a single voice, without any disagreement.” *Ibid.*, p. 163.

No entanto, é importante ressaltar as diferenças de gênero naqueles embates. Os ataques ao celibato afetaram homens e mulheres, mas não igualmente, pois enquanto os homens ainda poderiam viver suas vidas como líderes religiosos na nova religião, as mulheres não poderiam mais ter o mesmo papel de liderança e de certa autonomia que tinham no convento. Desta forma, a maternidade se tornou a única possibilidade para as mulheres, enquanto a paternidade era mais um dos muitos chamados para os homens. Com a nova posição adquirida pelo casamento, as pessoas solteiras se tornaram suspeitas porque não se encaixavam no modelo ideal de organização da família formada por marido, esposa e filhos. Desta forma, assim como pessoas solteiras não se encaixavam, os conventos não se adequavam ao modelo ideal de vida cristã. Por este motivo, Lutero muito advogou pelos solteiros, arranjando casamentos entre os novos convertidos para garantir que ninguém ficasse só.

Outro ataque dos reformadores ao celibato vinha também da ideia de que a solidão levaria à corrupção sexual, representada pelos padres que tinham concubinas. O casamento, no entanto, fornecia um(a) companheiro(a) para afastar a solidão. E as mulheres, mais do que a corrupção, não estavam cumprindo os papéis a que foram destinadas, o de esposas e mães. Neste sentido, tanto a questão espiritual, quanto uma nova forma de vida, atraíram homens e mulheres que viveram em mosteiros e conventos, a deixar suas vidas nas comunidades religiosas para seguir a nova doutrina.

O destino das mulheres deveria ser deixar o convento, se converter à religião protestante e assumir uma nova vida, casando-se conforme a oportunidade. De acordo com Claudete Ulrich,

Para as mulheres, no entanto, essa nova situação, considerada como uma missão ideal, apresentava muitas situações ambivalentes. As alternativas não eram as mais atraentes. Elas precisavam encontrar um homem com quem quisessem casar ou que quisesse casar com elas, para então tornarem-se esposas, donas de casa e mães. Outra possibilidade para as mulheres que saíam dos conventos era voltar para a sua família de origem, mas muitas famílias já não as recebiam de volta, pois elas voltavam com as mãos vazias. Sair do convento era uma decisão difícil. Era deixar para trás uma vida protegida e privilegiada, que oferecia educação, conhecimentos de latim, de música, de medicina, de administração, por exemplo.¹⁰⁰

¹⁰⁰ ULRICH, C. B. . A Atuação e a Participação das Mulheres na Reforma Protestante do Século XVI. *Estudos de Religião*, v. 30, 2016, p. 74.

A reafirmação do casamento como algo desejável para as pessoas também ganhou novo sentido porque reformadores como Lutero enxergavam que a família traria ordem, e vínculos bem ordenados poderiam servir de exemplo para outras pessoas na comunidade. Neste sentido, o casamento não se tornou apenas o lugar ordenador da vida doméstica, mas também o lugar da piedade, substituindo os mosteiros e conventos. Desta forma, a relação conjugal se tornou o modelo exemplar do disciplinado.

Cada vez mais foi se consolidando a narrativa de exaltação ao casamento. A ideia de casamento e maternidade como papéis ideais para mulheres em sociedades protestantes começou a ser disseminada por sermões, panfletos, imagens e conversas, amparadas pela imprensa protestante. O matrimônio não era nenhum elemento inovador na sociedade e, por isto, também era exaltado por teólogos católicos. A diferença é que o discurso protestante excluiu o celibato como estado ideal, defendendo o casamento como única escolha religiosa e socialmente válida. Assim, constituir uma família e se dedicar a Deus por intermédio do casamento ganhou novo *status*, e a maternidade, outro papel espiritual também, responsável por redimir as mulheres de seus pecados ao garantir a continuidade da nova sociedade cristã.

De acordo com Hardwick, a Igreja Católica também defendia o estado de casado e a maternidade, porém não excluía aqueles que escolhiam a vida monástica. Assim, enquanto para os católicos havia a possibilidade de escolha entre casamento ou celibato, para os protestantes, homens e mulheres só serviriam a Deus no casamento e com a prole¹⁰¹. Embora esta discussão já estivesse presente na reforma gregoriana do século XI, depois de tantos embates com o protestantismo e a sua nova doutrina, o Concílio de Trento reafirmou a superioridade do celibato em relação ao casamento, reforçando a distinção nítida e hierárquica entre o clero e os leigos. Com o avanço das ideias protestantes, a Igreja Católica também realizou um movimento de fortalecimento da família. Neste sentido, deu-se ênfase à vida doméstica, tomando a Sagrada Família como modelo para os católicos. Por outro lado, as ideias de boa esposa e mãe ficaram mais rigorosas e controladas pela doutrina, reforçadas pelo modelo da Virgem Maria, mãe de Jesus.

¹⁰¹ HARDWICK, Julie., *op. cit.*, p. 349.

Segundo Rambaldi, muitos autores católicos publicaram manuais para homens e mulheres tentando neutralizar os escritos protestantes e sua visão do casamento, reiterando que para a Igreja Católica o casamento era um sacramento. Da mesma forma, muitos reafirmaram a virgindade e o celibato e sua superioridade sobre o casamento, e aqueles casais que fizeram votos mútuos de castidade, ou deixaram o casamento para entrar em mosteiros e conventos foram exaltados e elogiados como modelos de piedade.

Embora Lutero tenha afirmado que a vida conventual era uma prisão eterna, muitas freiras não entendiam seu modo de vida desta forma. Parte da população feminina dos conventos não quis deixar a vida monástica para trás, preferindo continuar com sua vocação e serviço a Deus. Conforme Ulrich, muitas estariam familiarizadas com as rotinas e regras conventuais, além da convivência com as outras mulheres com quem dividiam a vida no convento. A vocação era algo muito importante para as freiras. Jeanne de Jussie descreveu sua própria experiência ao tentar ser retirada do convento por protestantes.

[...] renunciei a tudo por Deus por minha própria vontade, e faria isso de novo porque não quero um marido, mas apenas ser a noiva do meu Deus, a quem prometi e continuo a prometer a minha fé e todos os meus desejos do coração, e nem todas as posses do mundo, nem todas as torturas, me fariam mudar de ideia¹⁰².

Como destacado anteriormente, outro ponto importante sobre os conventos é que eles eram economicamente atrativos, dado que o dote espiritual para entrar no convento era bem inferior ao dote do casamento. Mesmo com o voto de pobreza, sabe-se que na maioria das casas religiosas era recolhido um dote ou mensalidade para aceitar as ingressantes nos conventos. Para van Kessel, “as crises econômicas tornavam o casamento mais arriscado para as classes abastadas, porquanto obrigavam a investimentos dotais mais elevados e ofereciam, além disso, menos garantias de rendimento”¹⁰³. De acordo com Hanson, em Estrasburgo, o dote espiritual era cerca de cem a duzentos florins. Um mestre artesão durante seu ano inteiro de trabalho ganhava um montante de cinquenta florins. O dinheiro, desta forma,

¹⁰² “But I have renounced everything for God of my own accord, and I would do it again because I do not want a husband, but only to be the bride of my God, to whom I have pledged and continue to pledge my faith and all my heart’s desires, and neither all the possessions in the world, nor all the tortures, would change my mind”. JUSSIE, Jeanne de., *op. Cit.*, p. 153-4.

¹⁰³KESSEL, Elisje Schulte van., *op. cit.*, p. 205.

selecionava quem entrava nos conventos, bem como deixava os conventos razoavelmente homogêneos do ponto de vista da origem social. Desta forma, colocar as filhas no convento era um caminho mais seguro para as elites.

Por isso, quando a Reforma Protestante irrompeu, muitas famílias ficaram preocupadas com o futuro de suas filhas e com os investimentos realizados nos conventos, já que o lugar que garantia a proteção não era mais tão seguro como antes. Mesmo algumas famílias recém-convertidas ao protestantismo no século XVI questionaram a decisão de fechar os conventos, pois o ideal seria manter a segurança das mulheres. Em algumas regiões da Europa, as freiras decidiram transformar os conventos em escolas, segundo Kirsi Stjerna, para abrigar e garantir a educação das filhas dos magistrados nas cidades.

Caso fossem obrigadas a sair dos conventos e a se casar com os novos convertidos, a possibilidade de que os maridos fossem de uma posição social inferior ao das religiosas era muito alta, o que não era bem-visto na época e sequer aceitável para famílias ricas. Apesar disso, algumas destas famílias viam com bons olhos a conversão das filhas e suas uniões, pois sair do convento e fazer um casamento com os descendentes de outra família abastada recém-convertida se tornava um bom negócio para todos.

Mesmo que o dote religioso fosse mais acessível que o dote para se casar com alguém da mesma classe social, ainda assim boa parte das famílias buscava os conventos para abrigar suas filhas. Neste sentido, as meninas iriam para os conventos tanto por vocação religiosa, quanto por interesses familiares. Quando a família não via nas suas filhas uma chance de ter um casamento proveitoso, as enviavam para um convento. Logo, era comum que muitas meninas que entravam para os conventos fossem obrigadas pelas famílias. Por estes motivos, Lutero e a comunidade reformada acreditaram que muitas moças estavam ali obrigadas por suas famílias e que, na verdade, elas desejavam se casar e constituir uma família, mas por empecilhos econômicos não podiam realizar tal desejo. No entanto, enquanto muitas mulheres entraram nos conventos por tais razões, outras tantas tiveram que desistir de sua posição espiritual também por pressão de suas famílias.

Para além das razões econômicas e religiosas, ter uma filha em um convento significava prestígio para a família, já que sua atuação poderia garantir a salvação espiritual da família - como as freiras viviam enclausuradas, acreditava-se que elas podiam ser mediadoras entre o mundo secular e os santos. As freiras eram bem-vistas

também pela comunidade, que fazia doações para os conventos como parte da economia da salvação por intermédio das orações das religiosas, conforme apontou Kristen Howard¹⁰⁴. Segundo Silvia Evangelisti, para interceder pela cidade em que viviam, era necessário que as freiras guardassem sua virgindade e dedicação a Deus, reforçando ainda mais este ideal da Igreja Católica.¹⁰⁵

Entendia-se que as orações garantiam bênçãos para a cidade e seus habitantes. Por este motivo, muitas freiras carismáticas e visionárias, ou seja, aquelas que eram entendidas como mensageiras de Deus, conseguiram ganhar o apoio de autoridades políticas, como reis e rainhas, e de autoridades eclesiásticas. Quanto maior o apoio de pessoas importantes, mais prestígio adquiria a casa religiosa e as freiras.

Ainda no Medievo diversas mulheres místicas ganharam notoriedade devido às suas visões e profecias, o que as fez ganhar respeito tanto do público em geral como das autoridades. Esta ligação com o sagrado era interpretada como uma garantia de proteção, o que conferiu às religiosas uma autoridade espiritual legítima sobre uma ampla gama de assuntos. Consequentemente, em regiões mais remotas da Europa, era recorrente que mulheres desempenhassem papéis de liderança espiritual, fomentando assim a procura pela orientação e aconselhamento de líderes femininas, abrangendo tanto questões espirituais quanto aspectos do cotidiano¹⁰⁶.

Elas exerciam também influência social e política, assumindo o papel de conselheiras de monarcas e rainhas, o que muito desagradou àqueles que não viam com bons olhos as mulheres se imiscuindo em assuntos públicos importantes para o reino, ou a cidade. Este papel espiritual, portanto, conferiu a algumas mulheres um *status* muito elevado e distinto, principalmente porque a visão sobre as mulheres na época era muito negativa. Tornou-se uma tradição os reis e as rainhas patrocinarem as igrejas e os conventos para obter a proteção divina da Ordem ou da congregação¹⁰⁷. Com estes dons, elas poderiam rezar pelas almas de seus protetores e, de certa forma, ajudar-lhes no árduo caminho da salvação. Isso não era pouco numa sociedade tão atemorizada com a salvação espiritual.

¹⁰⁴ HOWARD, Kristen C. From the Poor Clares to the Care of the Poor: Space, Place, and Poverty in Sixteenth-Century Geneva, *Footnotes: A Journal of History*, 2(0), 2018.

¹⁰⁵ EVANGELISTI, Silvia., *op. cit.*, 2007, p. 18.

¹⁰⁶ KESSEL, Eljse van., *op. cit.*, p. 207.

¹⁰⁷ EVANGELISTI, Silvia., *op. cit.*, 2007, p. 19.

Desta forma, embora boa parte da sociedade começasse a rever sua posição sobre o celibato e sobre o casamento, para muitas freiras não havia dúvidas quanto ao modo de vida que escolheram: elas aprenderam a viver em comunidade para servir a Deus e à Igreja Católica. Em nome deste modo de vida e de subjetividade religiosa, muitas tiveram que lutar para se manter unidas e continuar desempenhando suas funções, mesmo que para isto tivessem que abandonar suas diletas casas religiosas e mesmo a cidade onde viviam.

3.2 Entre a devoção, a pobreza e a ajuda: as pobres Claras de Genebra

Criado por Yolanda de Saboia em 1476, o Convento de Santa Clara¹⁰⁸, também chamado de Monastério Jesus de Belém, era a única casa monástica feminina em Genebra. Apesar deste convento ter sido fundado no século XV, quando o movimento de observância surgiu na região francófona dos Alpes após a reforma promovida por Colette de Corbie, sabe-se que as primeiras freiras Clarissas¹⁰⁹ surgiram na Suíça ainda no século XIII¹¹⁰.

Como soberana e piedosa, Yolanda de Saboia fundou um convento de Clarissas em Chambéry, na França, no ano de 1464. Após negociações com o Papa

¹⁰⁸ Clara de Assis (1194-1253) foi uma importante líder religiosa feminina. Quando tinha 18 anos, decidiu abandonar sua família e seguir Francisco de Assis (118?-1226), líder religioso e carismático que decidiu viver de acordo com os princípios do Evangelho, abraçando uma vida simples, de pobreza e caridade. Clara, seguindo os passos de Francisco, também optou por levar uma vida de simplicidade, e estendeu estes valores às suas seguidoras. Preocupada com o futuro de suas irmãs espirituais, Clara escreveu *A Forma de Vida*, a Regra monástica de sua ordem, na qual afirmava seu desejo de seguir o Evangelho, viver em castidade e obediência, além do enclausuramento. *A Forma de Vida* se tornou a primeira e única Regra feminina aceita e aprovada pelo papa, o que revela sua importância religiosa e carismática para a época. In: MUELLER, Joan. *The Privilege of Poverty: Clare of Assisi, Agnes of Prague, and the Struggle for a Franciscan Rule for Women*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2006.

¹⁰⁹ As freiras pertencentes ao Convento de Santa Clara poderiam ser chamadas de Clarissas, Pobres Claras ou Pobres Damas. Das Clarissas surgiram outras segmentações: as Clarissas Urbanistas – seguindo a Regra de Santa Clara, reformada pelo Papa Urbano IV –, as Clarissas Coletinas, a partir da reforma de Colette de Corbie e as Clarissas Capuchinas, que seguiam os frades Capuchinos.

¹¹⁰ A Regra de Santa Clara foi reformada ainda no século XV por Colette de Corbie (1381-1447), uma freira Clarissa que tinha como objetivo restaurar os princípios originais da regra, reforçando a pobreza, simplicidade e clausura, dado que estes aspectos foram se perdendo com o tempo e se tornando menos rigorosos nas comunidades religiosas clarissas. A reforma de Colette teve a permissão do Papa Inocêncio VII e além dos elementos originais da ordem, ela também deu destaque às obras de caridade e orações pela paz. Sua reforma foi de grande impacto e inspirou um renascimento da devoção religiosa entre as Clarissas. In: MUELLER, Joan; WARREN, Nancy Bradley (ed.). *A Companion to Colette of Corbie*. Boston: Brill, 2016. WILDERMANN, Ansgar. “Colette de Corbie (sainte)”, in: *Dictionnaire historique de la Suisse (DHS)*, version du 20.01.2020, traduit de l’allemand. Online: <https://hls-dhs-dss.ch/fr/articles/018681/2020-01-20/>.

Sisto IV, ela fundou um segundo convento, que viria a ser conhecido como o Convento de Santa Clara em Genebra. Apesar da fundação de conventos demonstrar profunda devoção religiosa, o desejo de famílias aristocráticas em fundar e manter conventos pode ser entendido como uma resposta às próprias necessidades da família, como destacado anteriormente.

De acordo com Mary Eler, as famílias ricas viam suas doações e apoio aos conventos como um investimento em uma esfera de influência complementar.¹¹¹ Elas buscavam manter conexões com os conventos, que passavam a ser cuidados por seus herdeiros após a morte dos fundadores. Isto garantia a preservação e administração das propriedades e bens familiares para a causa divina, assegurando a manutenção das freiras da comunidade. Como demonstrado anteriormente, a existência de lugares sagrados na cidade garantia a proteção de todos que ali viviam e, portanto, ter uma casa religiosa feminina indicava o amparo daquele local.

Desta forma, a fundação de conventos e casas monásticas era uma forma de estabelecer um legado bastante significativo, seja na esfera espiritual, seja secular. Assim, os fundadores de conventos poderiam ganhar o reconhecimento e respeito da sociedade, aumentando sua influência perante a elite e a população local. Na esfera espiritual, os fundadores recebiam as graças da Igreja e autoridades eclesiásticas, e era comum as comemorações festivas religiosas em agradecimento aos fundadores das casas monásticas.

Assim como em outros tipos de mecenato, as comunidades monásticas e religiosas eram um exemplo da manifestação da generosidade e do prestígio de seu fundador, ou fundadora. Portanto, para as mulheres, fundar conventos causava uma boa impressão, angariando a reputação de piedade e de caridade, por outro lado, isso significava também um ganho de autoridade. Tais ações, poderiam também ter profunda repercussão política, pois as mulheres manejavam os recursos que tinham e usavam de sua posição em favor das comunidades monásticas.

Segundo Erin L. Jordan, era comum que os mosteiros masculinos atraíssem mais patronos do que as casas monásticas femininas, e isto é explicado pelo fato de que apenas os homens eram ordenados e poderiam rezar missas, ou seja, aumentava o número de celebrações que poderiam ser rezadas por uma comunidade monástica

¹¹¹ ERLER, Mary; KOWALKESKI, Maryanne (ed.). *Women & Power in the Middle Ages*. London: The University of Georgia Press, 1988.

em nome de seus patronos¹¹². Desta forma, os conventos eram secundarizados, pois as orações femininas poderiam não ter o mesmo valor que as celebrações feitas em público pelos padres.

Com a proibição do ordenamento das mulheres, elas não atraíam tanto investimento dos patronos. Portanto, aventa-se que muitas mulheres apoiaram financeiramente os conventos femininos, erguendo altares e providenciando os recursos essenciais para que esses locais pudessem receber a visita de capelães que realizavam missas em nome dos patronos. Isso os incentivava a continuar apoiando essas comunidades, garantindo que não faltassem suas preces e celebrações. Tal foi o caso de Yolanda de Saboia e seu patrocínio aos conventos de Santa Clara.

O Convento de Genebra estava na rua Verdaine, perto da catedral, onde atualmente se encontra o *Palais de Justice*. Da mesma forma que muitos outros conventos, o convento genebrino das Clarissas também ficava dentro dos muros da cidade - como no exemplo da Figura 1. Os muros eram essenciais para garantir a segurança das freiras, dado que o Convento ficava perto do Lago de Genebra, um dos principais centros de atividades e aglomerações devido ao porto. Era necessário que o convento estivesse muito bem localizado, para que as freiras ficassem próximas aos prédios episcopais e à catedral, garantindo que elas estivessem longe do contato direto com pessoas leigas, sua segurança e castidade, mas também para serem vistas pelos fiéis cristãos da cidade e imediações.

Sendo uma ordem dedicada à pobreza, elas dependiam da caridade para garantir sua existência. A tradição pontuava que esmolas e caridades eram um bom caminho para alcançar a salvação. As pessoas pobres, segundo Kristen Coan Howard, eram vistas como intercessores, que oravam pela alma do doador, garantindo a salvação pessoal do seu benfeitor.

De acordo com a autora,

A localização física central do convento, no prestigiado e densamente povoado Bourg-de-Four e perto da catedral da cidade, garantiu que o convento estaria constantemente nos olhos e nos pensamentos de potenciais benfeitores. Além disso, o convento ficava na intersecção das rotas comerciais para a Itália, a Suíça e Lyon (França), sendo esta última o maior parceiro comercial de Genebra. Esta localização garantia que potenciais mecenas, sobretudo prósperos mercadores e peregrinos, passassem

¹¹² JORDAN, Erin L. *Women, power and religious patronage in the Middle Ages*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

frequentemente pelo convento¹¹³.

Porém, com o tempo, mesmo antes da Reforma Protestante, as freiras deixaram de receber doações de alguns benfeitores e de fiéis. De acordo com Jussie,

Nas vésperas, com belas espadas desembainhadas e armas pesadas, os síndicos vieram com as sentinelas e os sargentos, e expulsaram com raiva todas as pessoas que estavam adorando na igreja. Isso deixou os pobres muito aborrecidos. As pobres freiras não lucraram muito com isso. O Santo Padre Papa ouviu o que havia acontecido e soube da pobreza das irmãs, causada pela diminuição da piedade e da devoção no mundo. Publicou ainda outra bula declarando indultos gerais ao convento, sem o conhecimento ou solicitação das irmãs, mas por inspiração divina, e ordenou que, sob pena de excomunhão, ninguém se opusesse ou causasse qualquer obstrução¹¹⁴.

Assim, Jussie relatou a pobreza que as clarissas viviam e como elas dependiam da boa vontade da comunidade para sobreviver.

O terreno em que ficava situado o convento foi doado à duquesa de Saboia em 1473. Uma das partes da terra foi doada por François, conde de Gruyère e marechal de Saboia, na qual existia uma casa e um jardim. A outra parte foi obtida pela compra das terras que pertenciam a casas ligadas a Saboia, até que em 1474, iniciou-se sua construção. Este convento ocupava não apenas o lugar central na paisagem da cidade, mas também na vida espiritual de Genebra.

Desde a Idade Média, os cristãos acreditavam que os espaços onde ocorriam rituais sagrados, como a missa nas igrejas, ou onde viviam pessoas consagradas, como as freiras nos conventos, eram locais impregnados da presença divina, de acordo com Howard¹¹⁵. Esta crença perdurou ao longo do tempo: as mulheres enclausuradas eram despojadas de indulgências, mantendo a virtude da castidade e seguindo as regras conventuais dentro das muralhas, cultivando assim uma certa

113 "The convent's central physical location, in the prestigious and heavily populated Bourg-de-Four and near the city's cathedral, ensured that the convent would constantly be in the eyes and thoughts of potential benefactors. Moreover, the convent sat at the intersection of trade routes to Italy, Switzerland, and Lyon (France), the latter of which was Geneva's greatest trading partner. This location ensured that potential patrons, especially prosperous merchants and pilgrims, would frequently pass by the convent." HOWARD, Kristen C. From the Poor Clares to the Care of the Poor: Space, Place, and Poverty in Sixteenth-Century Geneva, *Footnotes: A Journal of History*, 2(0), 2018, p. 263.

114 "At vespers, with fine unsheathed swords and heavy weapons, the syndics came with the sentinels and sergeants, and they angrily threw out all the people who were worshipping in the church. It made the poor people very upset. The poor nuns did not profit much from it. The holy father pope heard what had happened and learned of the sisters' poverty, which was caused by the diminution of piety and devotion in the world. He published yet another bull declaring general pardons at the convent, without the sisters' knowledge or request, but by divine in-spiration, and he ordered that, under penalty of excommunication, no one should oppose it or cause any obstruction." JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 55-6.

115 HOWARD, Kristen C., *op. cit.*, p. 263.

santidade. Este aspecto era ainda mais significativo por ser a única comunidade monástica feminina na cidade.

FIGURA 1 - Gravura de Robert Gardelle representando a catedral de Saint-Pierre, Genebra, em 1735.



FONTE: GUY, Charnacé, 1905.

Conforme explicado anteriormente, era comum que as freiras fossem de famílias abastadas e tivessem relações com as autoridades da cidade. Em Genebra não era diferente. As clarissas provinham de famílias abastadas, da aristocracia rural e pequena nobreza, e mantinham vínculos com a família Saboia, o que explica a relação de fidelidade que as freiras tinham com esta família e o duque Carlos III durante o século XVI. Segundo Jean-Pierre Leguay, “a primeira postulante genebrina, em 24 de maio de 1477, era filha de um nobre notável, Aimé de Versonay; a segunda, em 7 de julho do mesmo ano, Claude de Lingotte, pertence a uma conhecida família de curadores das margens do Lago Genebra”¹¹⁶. Além disso, cerca de quinze freiras que chegaram em Genebra para integrar o convento das Pobres Claras em seus primórdios, conheciam Colette de Corbie, o que revela como elas eram bem

¹¹⁶La première postulante genevoise, le 24 mai 1477, est la fille d'un notable anobli, Aimé de Versonay ; la seconde, le 7 juillet de la même année, Claude de Lingotte, appartient à une famille de syndics bien connue sur les bords du Léman. LEGUAY, Jean-Pierre. Urbanisme et ordres mendiants: l'exemple de la Savoie et de Genève (XIII-début XVI siècle). Dans S. Cassagnes-Brouquet, A. Chauou, D. Pichot et Lionel Rousselot (dir.) *Religion et mentalités au Moyen Âge*: Mélanges en l'honneur d'Hervé Martin, 2003, [en ligne: <https://books.openedition.org/pur/19803?lang=de>].

relacionadas.

Segundo Carrie F. Klaus, para entrar no Convento das Pobres Claras não era necessário o dote, apesar das famílias das mulheres enclausuradas sempre oferecerem alguma contribuição para a manutenção do convento. Elas deveriam viver de esmolas ou pagamentos recebidos por orações feitas para doentes e mortos. Não foram raras as vezes que as freiras de Santa Clara foram chamadas pelo Conselho para rezar pela cidade, e isto aumentava a estima que os habitantes de Genebra tinham por elas. Durante os períodos de conflito entre os líderes da cidade com a Casa Saboia, as autoridades clamaram para que elas rezassem pela tranquilidade de Genebra. Costumava-se recompensar as suas orações e intercessões. Apesar disto, o pagamento era escasso — cerca de dois florins eram oferecidos a elas em casos de oração para personalidades da cidade ou para aqueles que já haviam morrido.¹¹⁷

Enquanto os padres tinham considerável apoio financeiro ao rezar pelas pessoas vivas e pelos mortos, as mulheres não tinham esta oportunidade, dado que elas não eram ordenadas e não podiam rezar missas. Mas, as orações das freiras eram vistas como sendo mais valiosas do que as de pessoas comuns, uma vez que elas eram as noivas de Cristo, ou seja, estavam mais próximas do sagrado do que as pessoas leigas.

Além de doações em dinheiro, elas recebiam produtos como arenque (peixe) ou madeira. No início do século XVI, após um período de fome, a Câmara Municipal doou pães às Pobres Claras para evitar que elas morressem de inanição. As esmolas eram um registro de como as freiras eram estimadas pela população local. E, desta forma, mesmo estando ali por um tempo relativamente curto desde a fundação do convento, elas conseguiram obter uma proeminência espiritual que, posteriormente, veio resultar na sua saída da cidade com a proteção das autoridades genebrinas.

As Pobres Claras também eram conhecidas pela simplicidade de suas vestimentas. Elas deveriam usar cabelos curtos e andar descalças. As suas roupas deveriam ser simples: o hábito de lã — que deveria ser nas cores preta, cinza ou sem tingimento —, e usavam casacos nas mesmas cores e tecido. O capuz e a bandana deveriam cobrir a maior parte do rosto, principalmente a testa, bochechas e o queixo. Enrolada na cintura de cada freira ficava uma corda com três nós espaçados para

¹¹⁷ RICHARDS, M. (1995). Community and Poverty in the Reformed Order of St Clare in the Fifteenth Century. *Journal of Religious History*, 19(1), p. 18.

representar as três promessas: pobreza, castidade e obediência. Carregavam consigo um rosário no lado esquerdo do cinto da corda. O uso do escapulário era opcional. Jussie relatou que as freiras viviam com tão pouco que, quando partiram de Genebra para Annecy, em 1535, elas nem ao menos sabiam calçar sapatos. “E embora a madre vigária tivesse dado a todos sapatos bons para evitar que machucassem os pés, a maioria delas não sabia viajar a pé, carregando-os presos ao cinto”¹¹⁸.

A vestimenta não era apenas para distinguir uma freira da outra no convento, como no caso explicitado acima, mas também para diferenciá-las das pessoas comuns. De acordo com Lynne Hume, a vestimenta religiosa mostra que uma pessoa, ou um grupo, optou por seguir uma série de práticas e princípios específicos. Serviam também para diferenciar uma casa monástica da outra, ou seja, identificava que aquele grupo estava vivendo sob uma regra e não sob outra¹¹⁹. Da mesma forma, a indumentária era utilizada para diferenciar hierarquias, gênero, papéis, costumes e a identidade do grupo.

Segundo Silvia Evangelisti, era requerido que as freiras usassem a vestimenta religiosa, ou seja, o hábito referente a sua própria ordem. Este, justamente com o véu e a capa simbolizavam também a saída delas do mundo terreno e sua inclusão na comunidade espiritual monástica. Para as freiras, o hábito refletia o status de virgindade e castidade, pois as vestes cobriam todo o corpo e a cabeça. Em relação ao cabelo, as religiosas deveriam tê-lo curto, para não precisar gastar tempo com “futilidades”.

Ao vestir o hábito as freiras aceitavam para si uma nova vida, declarando sua lealdade à Igreja. O hábito se tornaria sua roupa até o fim da vida, tendo também a função de dessexualizar as freiras e demonstrar que ela não fazia mais parte do mundo secular. O hábito era a prova de que ela pertencia apenas a Jesus Cristo, seu esposo, e seria assim até a sua morte.

Jussie relatou sobre os questionamentos feitos por protestantes em relação à castidade e o hábito que as freiras vestiam quando eles invadiram o convento de Santa Clara em Genebra:

¹¹⁸ “And even though mother vicaress had given them all good shoes to keep them from hurting their feet, most of them did not know how to travel by foot, but carried them attached to their belts.” JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 174.

¹¹⁹ HUME, Lynne. *The Religious Life of Dress*. Global Fashion and Faith. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2013.

“Mas vocês, pobres mulheres simples que, sob o disfarce da castidade, que é impossível por natureza, estão completamente corrompidas em seus pensamentos, onde vocês acham que Deus ordenou tal vida?” “Ele não ordenou”, disse a madre abadessa e mãe vigária, “mas nos mostrou pelo Seu exemplo”. “E como é que nem Deus nem Sua mãe viveram em reclusão, mas saíram pelo mundo pregando e ensinando e não usaram um hábito como vocês? Por que você usa essas roupas que são tão simples em estilo e cor?” “Porque gostamos delas”, disse a mãe vigária. “E você, por que está vestido tão pomposamente com esse manto?” Ele respondeu: “Não é por orgulho, mas porque gosto dele”¹²⁰.

Enquanto a vestimenta religiosa masculina era bem trabalhada — bordados com fios de ouro e cores diferenciando cada uma das hierarquias existentes —, o hábito feminino era bem mais modesto, para não chamar a atenção. A ênfase numa vestimenta simples pode ser encontrada também em passagens da Bíblia, em que os adornos vistosos e embelezadores eram apenas para concubinas, e não para mulheres de boa fé.

As religiosas deveriam ter prudência ao se vestir e roupas coloridas poderiam expor as freiras, principalmente aos olhos masculinos. Além do hábito, era comum usar a fâscia (faixa), tipo de cinto, usualmente feito em corda com alguns nós, para marcar os votos professados pelas freiras. Entre aqueles que visitavam as freiras, apenas o pai ou a mãe — geralmente pessoas de extrema confiança — poderiam ver a freira sem o hábito ou o véu. Desta maneira, ambos se tornaram parte do corpo da freira, e o fato de serem vistas sem eles poderia ser comparado à nudez.

Em relação à sua estrutura, a Igreja e o claustro ficavam na ala esquerda do convento, e os visitantes eram proibidos de adentrarem o claustro. A Igreja que fazia parte do convento era simples, com sua arquitetura fundamentada nos modelos medievais. Contava com uma capela-mor, uma nave, duas capelas e uma sacristia. Logo na entrada da igreja havia uma escada que levava ao coro das freiras, na parte superior, separado por uma grade de ferro. Essa separação era necessária, pois ao mesmo tempo em que colocava uma barreira física entre as freiras e outras pessoas, ainda era possível que o padre passasse a hóstia na comunhão para elas, ou que elas pudessem ter contato com os visitantes. Além disso, esta grade contava com uma

¹²⁰ ““But you, poor simple women who, in the guise of chastity, which is impossible in nature, are completely corrupted in your thoughts, where do you find that God ordered such a life?” “He did not order it,” said mother abbess and mother vicaress, “but showed us by His example.” “And how is it that neither God nor His mother lived in seclusion, but went into the world preaching and teaching and did not wear a habit as you do? Why do you wear these clothes that are so simple in style and color?” “Because we like them,” said mother vicaress. “And you, why are you dressed so pompously in that robe?” He answered, “It is not out of pride, but because I like it.”” JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 150.

cortina usada como barreira visual e uma porta de madeira, que elas poderiam fechar¹²¹.

A porta que conduzia do corredor até o claustro se mantinha fechada, e as exceções para sua abertura eram poucas. Dentre elas, a admissão de noviças, a administração dos últimos sacramentos ou quando alguma autoridade fazia visitas, como é o caso de Yolanda de Saboia. Ainda compunham o claustro a sala capitular, onde se reuniam as mulheres religiosas, a enfermaria, cozinha, refeitório e salas de trabalho, além da cela, que era o espaço privado de cada freira. No centro do pátio do convento havia um poço e o jardim ficava do lado de fora do pátio.

As irmãs tinham um extenso jardim de uso exclusivo, ao qual se chegava somente através do claustro. Esse recanto verde encontrava-se resguardado de olhares indiscretos por imponentes muros, além da proteção adicional proporcionada pelo muro da cidade localizado nos fundos, o que garantia às freiras que elas pudessem exercer suas atividades como a jardinagem, colher seus frutos e aproveitar o ar fresco. No entanto, o muro foi escalado diversas vezes para insultar as freiras durante a instalação da Reforma Protestante em Genebra, mostrando que o convento não era tão seguro o suficiente como se achava. Em relação às terras, elas poderiam utilizá-las apenas para plantar alimentos destinados à sua subsistência.

Conforme o embate entre católicos e protestantes foi se acirrando, as freiras tiveram que deixar de usar seus espaços conventuais devido à violência crescente. Segundo Jussie,

As irmãs não podiam entrar no jardim sem que os homens as vissem e gritassem palavras insultuosas, indecentes ou injuriosas. Então elas não iam, a menos que vários delas fossem juntas com os rostos cobertos. Finalmente, quando os homens viram que elas não respondiam ou reagiam de forma alguma, começaram a atirar pedras nelas e tentaram bater-lhes e machucá-las, e assim vários delas foram atingidas, e se Deus não tivesse intervindo, eles teriam colocado seus miolos para fora. Elas tiveram que fechar o portão e não ir mais lá para trabalhar, cultivar ou colher ervas, o que lhes causou grande pobreza¹²².

121 KLAUS, Carrie F., *op. cit.*, 2006, p. 10.

122 "The sisters could not go into their garden without the men seeing them and shouting insulting, indecent words or injuries at them. So they did not go in unless several of them went together with their faces covered. Finally, when the men saw that they did not respond or react to them in any way, they started to throw stones at them and tried to hit and bruise them, and so several of them were struck, and if God had not intervened, they would have knocked their brains out. They had to close the gate and not go there anymore to work, garden, or gather herbs, which caused them great poverty". JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 119.

Neste sentido, pode-se afirmar que os muros tinham a função de proteger fisicamente as freiras, porém também dependiam da concordância das pessoas de que o local não devia ser profanado. Quando a sacralidade do convento deixou de ser aceita, tanto as barreiras físicas quanto as espirituais perderam relevância, e elas passaram a ser ameaçadas constantemente.

Embora os confrontos diretos entre as freiras do convento de Santa Clara e os protestantes tenham acontecido apenas em 1535, desde 1530 elas já sofriam ameaças devido aos conflitos políticos na cidade. Em alguns momentos as freiras tiveram sua integridade física ameaçada e foram obrigadas a abrigar dezenas de homens dentro dos muros dos conventos por causa da invasão da cidade por tropas oriundas de Berna e Friburgo. Para garantir a segurança do convento, uma freira porteira ficava prostrada em uma janela perto da entrada do claustro. Caso as intenções dos visitantes passassem pelo aval dela, seria necessário andar até a igreja e falar com as freiras através das grades do coro. As freiras não deveriam ficar sozinhas com os visitantes segundo a Regra de Santa Clara, portanto, sempre estavam acompanhadas de outras três freiras discretas, que eram escolhidas pela abadessa.

Na época da narrativa de Jeanne de Jussie, a abadessa do convento era Louise Rambo. Ela era auxiliada pela vigária, a segunda responsável pelo convento. Ainda havia cerca de oito freiras discretas. Durante os primórdios da Reforma Protestante, o convento contava com algumas porteiras, tesoureiras — responsáveis por cuidar das compras diárias das freiras —, cozinheiras e uma freira responsável pela enfermaria. Por último, havia a secretária, responsável pela correspondência com o mundo secular e eclesiástico, e pela assinatura dos recibos de doações feitos ao convento. Este último cargo foi ocupado por Jeanne tanto em Genebra quanto em Annecy.

O convento também contava com irmãs leigas, aquelas que fizeram o voto simples, e que vieram de famílias com baixa posição social. Segundo Leguay, as Clarissas de Chambéry e Genebra participaram do acolhimento de prostitutas arrependidas,¹²³ mas nos escritos de Jussie não se encontra menção a este fato durante sua estadia no convento. Cuidando de serviços mais pesados, havia dois irmãos leigos que também participavam da vida espiritual; além deles, os outros dois

¹²³ LEGUAY, Jean-Pierre., *op. cit.*

homens permitidos no espaço eram os confessores da ordem franciscana reformada, totalizando quatro homens. É provável que estes homens eram os responsáveis por levar e buscar informações para o convento.

Embora possa parecer estranho que as casas religiosas femininas tivessem homens e lugares específicos a eles, era necessário contar com essa presença masculina, pois garantiam que as freiras participassem dos sacramentos, como a confissão e a comunhão. Durante os anos em que Jussie escreveu sua crônica, cerca de 24 irmãs habitavam o convento, e foram elas que enfrentaram a tormenta representada pela vitória do protestantismo na cidade. No total, cerca de 28 pessoas moravam no convento, todas vivendo na pobreza voluntária e de acordo com sua Regra monástica.

Destas 24 freiras, apenas uma abandonou o convento e se converteu à fé protestante, Blaisine Varember que, segundo Jussie, foi persuadida por sua família, em particular sua irmã, que foi buscá-la diretamente. Jussie descreveu com tristeza a perda da irmã para os protestantes.

Então as irmãs fizeram um grande lamento e gritaram: “Ah, irmã Blaisine, você se permite ser enganada? Infelizmente, mãe, ela está indo embora e você está perdendo uma de suas ovelhas.” E a mãe vigária correu e várias irmãs, e elas disseram: “Irmã Blaisine, vire-se e, se quiser, estamos dispostas a morrer para trazê-la de volta”. Eles tentaram afastá-la à força com as mãos, mas sem dizer uma palavra, ela se aproximou das pessoas más. Eles pegaram um grande pedaço de madeira das cadeiras e quase atingiram a cabeça da mãe vigária enquanto ela tentava afastá-la à força¹²⁴.

Ainda em relação ao dote, era comum que, após a saída e/ou fechamento do convento durante os anos iniciais da Reforma, os prédios, terras e propriedades fossem confiscados, fazendo as moradoras se deslocarem para áreas católicas. Assim que as freiras eram devolvidas para suas famílias, seus dotes também eram devolvidos. Jeanne afirmou que Blaisine e sua irmã voltaram pouco tempo depois ao convento, requerendo de volta seu dote – mesmo que este não tivesse sido pago:

No dia seguinte, quarta-feira [25 de agosto], a pobre e pervertida Blaisine e

¹²⁴ “Then the sisters raised a great piteous wail, and they cried out, “Ah, Sister Blaisine, do you allow yourself to be deceived? Alas, Mother, she is going away, and you are losing one of your sheep.” And mother vicaress ran forward and several of the sisters, and they said, “Sister Blaisine, turn around, and if you want, we are willing to die to bring you back.” They tried to pull her away forcibly with their hands, but without a word, she moved closer to the wicked people. They took a great shard of wood from the chairs and almost struck mother vicaress’s head as she was trying to pull her away forcibly.” *Ibid.*, p. 143.

sua miserável irmã levaram uma petição aos síndicos e à Câmara Municipal, pedindo-lhes que obrigassem o convento a pagar o seu dote: duzentos écus, um endereço e uma capa, correntes [joias], colares e bordados, que ela alegou que seu pai [Dominique Varember] havia dado ao convento. A afirmação não era verdadeira, pois todas as irmãs sabiam que nem uma única malha havia sido dada ao convento. Pediram também uma parte de todo o mobiliário do convento¹²⁵.

Jeanne ainda afirmou que Blaisine foi uma das irmãs mais pobres a entrar no convento, e o único feito pertencente a ela seria uma capela, construída por seu pai, mas que não gerou retorno ou lucro para as freiras, ou seja, elas não teriam como retornar dinheiro algum. Além disso, Jeanne reforçou que, com exceção de Blaisine, nenhuma outra freira se converteu e todas mantiveram seus votos até o fim.

Houve perversões entre todas as ordens do mundo, exceto entre as freiras de Madame Santa Clara da Reforma da Beata Colette, onde nenhuma freira jamais foi pervertida ou infiel, exceto aquela que não havia entrado no convento pela porta das boas intenções, mas pela hipocrisia fingida e perversa¹²⁶.

As outras freiras se mantiveram firmes no catolicismo e seguiram até a cidade de Annecy, onde o duque Carlos III de Saboia entregou a elas o Monastério agostiniano da Cruz Sagrada, desocupado no momento de sua chegada. O convento em Annecy permaneceu cerca de dois séculos, enquanto o convento em Genebra funcionou por 58 anos. Ainda assim, era comum que se referissem a elas como “Irmãs de Santa Clara de Genebra refugiadas em Annecy”, reforçando a jornada de fé e a identidade genebrina das freiras. O Convento em Annecy foi dissolvido em 1793 durante a Revolução Francesa.

Reforçando a ideia do enclausuramento restrito das freiras, Jeanne de Jussie afirmou em sua crônica como foi o primeiro contato com o mundo exterior para muitas freiras depois de longos anos:

Eram seis freiras idosas e pobres, que estavam no convento há mais de

¹²⁵ “The next day, on Wednesday [August 25], the poor, perverted Blaisine and her miserable sister brought a petition to the syndics and the city council, asking them to make the convent pay for her dowry: two hundred écus, a dress and a cloak, chains [jewelry], necklaces, and embroidery, which she claimed her father [Dominique Varember] had given to the convent. The claim was not true, for the sisters all knew that not a single maille had been given. They also asked for a portion of all of the convent’s furnishings.” *Ibid.*, p. 146.

¹²⁶ “There were perversions among all the orders of the world, except among the nuns of Madame Saint Clare of the Reformation of the Blessed Colette, where not a single nun was ever perverted or unfaithful, except for one who had not entered the convent through the proper door of good intentions, but by feigned and wicked hypocrisy.” JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 63.

cinquenta anos – e duas delas há mais de sessenta e seis anos – sem nunca terem visto nada no mundo. Eles vacilavam a cada golpe e não suportavam o vento forte. Quando viram os animais nos campos, pensaram que as vacas eram ursos e as ovelhas eram lobos vorazes¹²⁷.

Alguns dias após a partida das Pobres Claras de Genebra e do abandono do convento sem levar nenhum pertence, iniciou-se uma mobilização para averiguar os bens da igreja e do convento, e o Conselho da cidade recebeu petições para redistribuir os bens que antes pertenciam à Igreja Católica. Segundo os registros da cidade, um mês após a partida das freiras, cinco membros do Conselho de Genebra Genebra foram nomeados administradores de um novo hospital. Já nas semanas seguintes, este espaço apareceu regularmente nos registros do Conselho da cidade, dando pistas de como se deu a transformação do convento nesta casa que hospedava os mais pobres e doentes.¹²⁸ Embora outras cidades suíças que aderiram ao protestantismo tivessem redistribuído os bens confiscados das igrejas e casas monásticas aos pobres, as autoridades genebrinas procuraram controlar a cidade e criar uma instituição na qual se poderia cuidar dos habitantes mais pobres e necessitados de Genebra. Segundo Howard, um mês depois da partida das freiras o lugar já parecia transformado de um lugar que abrigava pobres voluntários, para acolher os pobres involuntários.

Embora tivessem muita importância, as freiras foram esquecidas rapidamente pelos magistrados da cidade, dado que eles tinham assuntos mais urgentes para resolver, como a questão da iconoclastia e a pobreza. Em Annecy, o prédio do convento se tornou uma fábrica de algodão logo após sua dissolução. Em 1949, foi colocada uma placa comemorativa em memória às Pobres Claras no edifício. Na década de 1970, a estrutura foi demolida e transformada em uma instalação para garagem e lojas, mas a placa foi preservada e colocada no mesmo lugar, onde permanece até os dias atuais.

Dentro dos conventos, devido à reclusão, as comunidades que se formavam eram bem unidas, funcionando como uma família espiritual. Logo, cada pessoa tinha um papel para cumprir. As freiras eram irmãs espirituais e deveriam se amar

¹²⁷ “There were six poor aged nuns, who had been in the convent for more than fifty years—and two of them more than sixty-six years—without ever having seen anything in the world. They faltered at each blow and could not bear the strong wind. When they saw the animals in the fields, they thought the cows were bears and the sheep were ravenous wolves.” *Ibid.*, p. 173.

¹²⁸ HOWARD, Kristen C., *op. cit.*, p. 270.

igualmente. A mãe seria a abadessa, a quem todas deveriam obedecer. Os laços criados dentro do convento deveriam ser eternos, uma vez que esta família foi unida pela graça divina, criando um laço forte entre as irmãs, que ia além dos laços de sangue do parentesco.

De acordo Hanni Hanson, quando da Reforma Protestante, a resistência das freiras para não fechar os conventos foi muito forte. Isto porque os conventos eram espaços também de um forte sentimento de identidade comunitária; elas viviam uma vida comum que abarcava tudo, das orações, aos rituais religiosos, do trabalho à educação e a prática da caridade. Assim, a ideia da dissolução daquele espaço feminino e religioso e de ficar longe das irmãs parecia inaceitável para elas quando se viram ameaçadas.

Após a Reforma e a dissolução de conventos, muitas ex-freiras que se converteram buscaram manter os laços que haviam criado dentro da clausura, revelando assim o prestígio dos conventos como comunidades de mulheres não-casadas, como William Monter já observava¹²⁹. Desta forma, Jussie também registrou na crônica a união das freiras contra os ataques protestantes e como elas não concordavam com a visão negativa do convento por parte dos recém-convertidos e, por isto, buscaram todo o apoio necessário que precisavam para conseguir expressar sua fé livremente, atuando às margens e utilizando as ferramentas que o convento e suas redes de sociabilidade proporcionaram a elas durante sua reclusão.

No próximo capítulo se discutirá a atuação católica feminina em Genebra, materializada na escrita de Jeanne de Jussie, e como ela utilizou a pena para se comunicar com as autoridades e buscar um lugar seguro para que ela e suas irmãs pudessem viver em paz. Além disso, analisaremos os ataques iconoclastas protestantes em Genebra e como eles foram testemunhados pela freira autora da crônica como práticas de violência.

¹²⁹ HANSON, Hanni., *op. cit.*, p. 15; MONTER, William. "Protestant Wives, Catholic Saints, and the Devil's Handmaid: Women in the Age of Reformation." In: *Becoming Visible: Women in European History*, 2. ed., Boston, 1987.

4 CRÔNICAS DE FÉ E RESISTÊNCIA: DEVOÇÃO E AÇÃO DE MULHERES RELIGIOSAS

As reformas religiosas do século XVI tiveram impacto significativo nos protagonismos devocionais e doutrinários de homens e de mulheres cristãos. Apesar dos imperativos vigentes em manter as mulheres, principalmente as leigas, afastadas de assuntos teológicos, o movimento iniciado em 1517 por Martinho Lutero mobilizou tanto aquelas que se converteram ao protestantismo como as mulheres católicas, cada uma delas defendendo a sua fé e a sua comunidade religiosa. A historiografia dedicou boa parte da atenção às mulheres protestantes, relacionadas aos atos de rebeldia da nova religião, embora muitas mulheres católicas também tenham participado ativamente nas lutas do contexto, não apenas de forma passiva. Esse foi o caso especialmente das religiosas consagradas.

Embora não se esperasse que as freiras se pronunciassem, afinal os terrenos retórico, doutrinário e mesmo das guerras religiosas eram terrenos masculinos, o fervor religioso da época requisitava a ação de todos aqueles prontos para preservar sua fé. A retórica militar do combate religioso era compreendida por homens e por mulheres. Desta forma, a linha entre as ordens religiosas contemplativas e ativas no mundo se tornou muito tênue, principalmente após o Concílio de Trento. Os conflitos e as expectativas religiosas e espirituais exigiam ação, tendo em vista as ameaças à ordem social e religiosa.

Com o fechamento dos conventos e a liberdade que elas teriam fora do claustro monástico, aquelas que saíssem do enclausuramento – seja à força ou por vontade própria – deveriam ter um lugar na sociedade protestante em formação, com sua forte ênfase ao lar e à família. Muitas mulheres abandonaram o convento e se converteram ao protestantismo – abraçando a vida leiga, o casamento e a maternidade –, mas muitas outras resistiram às tentativas de conversão dos protestantes, defendendo sua comunidade religiosa e demonstrando afeição pelo voto solene que fizeram ao entrar no espaço, reafirmando seu compromisso com a vida religiosa em clausura, que o protestantismo renegava. Apesar da associação das religiosas com o silêncio, a obediência e a passividade, as freiras não foram mulheres impotentes em sua fé diante de situações tão desafiadoras, ainda mais em se tratando da defesa da religião e de seu modo de vida, que lhes eram tão caras.

Desta forma, é necessário entender a importância da religião na vida das

mulheres no século XVI, como agiam, suas motivações e como elas se percebiam enquanto agentes em defesa da religião. Este capítulo analisa a agência religiosa de Jeanne de Jussie e de suas companheiras de vida consagrada do Convento de Santa Clara contra a nova religião. Ainda que as irmãs não tivessem tantos meios de defesa no espaço do convento e da clausura, elas elaboraram estratégias e demonstraram desenvoltura para lidar com as adversidades. As formas de agência e os enfrentamentos foram registrados pela escrita de Jeanne de Jussie em “A Crônica Curta”.

No caso das irmãs do Convento de Santa Clara e, particularmente, de Jeanne de Jussie, é preciso compreender suas ações não apenas como expressões individuais, mas como expressões de uma comunidade coesa, a das Clarissas. Dado que desde os primeiros momentos de ameaças até quando se viram obrigadas a abandonar o convento e a cidade, elas manifestaram um forte sentimento de zelo pela comunidade à qual pertenciam. Também será explorada a questão da iconoclastia, uma forma de violência religiosa que jamais havia sido experimentada na cidade e que Jeanne de Jussie observou com angústia.

4.1 A resistência das mulheres católicas contra as investidas protestantes

Ao ingressar no convento, as mulheres deveriam viver em reclusão e sem contato com o mundo exterior, como se estivessem mortas para o mundo secular. De acordo com Pereira e Lage,

É necessário observar que a correlação do enclausuramento com a morte se fortaleceu ao longo do período medieval, sendo que o papa Urbano II (1088-1099) foi o responsável por utilizar pela primeira vez a expressão de que as freiras estavam ‘mortas para o mundo’, pensamento que proliferou concomitantemente com a necessidade de expansão das clausuras¹³⁰.

É importante lembrar que na Época Moderna persistia a imagem da freira passiva, enquanto os homens religiosos, especialmente das ordens missionárias, eram associados à ação própria do apostolado e da evangelização. No caso das freiras, a clausura era um elemento muito forte para a elaboração dessa imagem, pois confinar as freiras em um espaço separado do mundo secular, as transformava em

¹³⁰ LAGE, A. C. P.; OLIVEIRA, T. *Ignez é morta: reflexões acerca da clausura para as Irmãs clarissas (séculos XIII ao XVIII)*. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. Rev. Estud. Fem., 2021 29(2), 2021, p.5.

mulheres socialmente invisíveis e aparentemente improdutivoas, principalmente porque elas eram responsáveis por tarefas consideradas passivas, embora de grande valor religioso para a comunidade exterior, como a oração e a caridade.

De acordo com a historiadora Claire Walker¹³¹, os governantes e os funcionários do Estado na Inglaterra não deram quase nenhuma credibilidade às comunidades monásticas femininas como agentes contra a Reforma Protestante, tendo em vista a imagem da reclusão e da passividade. Em consonância com os estudos de Walker, Ulrike Strasser pontuou que “a profissão monástica, juntamente com o gênero das mulheres, desqualificou-as como agentes políticos aos olhos das autoridades governantes protestantes”¹³².

No entanto, embora consideradas mortas para o mundo, muitas freiras desafiavam – mesmo que indiretamente – a afirmação do Papa Urbano e, por intermédio de suas ações, mostraram a capacidade de mobilização. Muitas utilizavam a invisibilidade, inclusive, para negociar sobre diversos assuntos, especialmente os de interesse do convento. Neste sentido, segundo Walker, este foi um espaço de ação das freiras no qual o poder institucional e normativo não anulou as ações individuais e coletivas, pois elas encontraram formas de contornar os impeditivos institucionais e agir com certa autonomia. Assim, os conventos foram importantes espaços de resistência na luta católica contra o protestantismo.

De acordo com Hanni Hanson¹³³, por toda a Europa o número de mosteiros masculinos fechados foi maior do que o de conventos, pois ao saírem da vida monástica os monges demonstraram ser muito mais propensos a obedecer prontamente às novas autoridades religiosas reformadas. As freiras, porém, tão conhecidas por sua passividade e obediência, quase nunca acataram prontamente às ordens de fechamento de suas casas religiosas. Isso não só indica que homens e mulheres se engajavam diferentemente no embate religioso, mas também que as oportunidades para aqueles que deixavam o convento eram bastante diversas. Analisando o contexto da Reforma na Alemanha, as freiras lutavam para apoiar um estilo de vida e a compreensão de um conceito menos restritivo do que significava ser

¹³¹ WALKER, Claire. *Gender and Politics in Early Modern Europe: English Convents in France and the Low Countries* (New York: Palgrave, 2003), p. 116.

¹³² “The monastic profession, together with the women’s gender, disqualified them as political agents in the eyes of Protestant governing authorities.” In: STRASSER, Ulrike. *Early Modern Nuns and the Feminist Politics of Religion*. *The Journal of Religion*, Vol. 84, No. 4 (October 2004), p. 548.

¹³³ HANSON, Hanni., *op. cit.*, p.

mulher.

Apesar do isolamento, as freiras mantinham contato com o mundo exterior, ou seja, para conseguirem se manter elas necessitavam de redes de apoio de amigos, familiares e das autoridades. Assim, mesmo isoladas, elas utilizavam suas habilidades artísticas e intelectuais e mantinham contato direto – através das grades do convento – ou indireto – pela escrita – com o mundo secular, inclusive como forma de resistência, como se deu após a Reforma Protestante. Estas formas de expressão podem ser entendidas como importantes ferramentas que estavam à disposição das religiosas enclausuradas, como é o caso das freiras do Convento de Santa Clara.

É necessário mais uma vez destacar o papel importante que Jeanne de Jussie desempenhou neste espaço. Ela foi escritora do convento e desfrutou de uma educação privilegiada para a época. Com sua boa educação e dedicação aos estudos, ela ocupou esta posição que permitia tratar de assuntos importantes com as autoridades da cidade, representando o convento. Além disso, ela ficou encarregada de escrever o memorial sobre o convento, “A Crônica Curta”, o que também marca sua importância entre as freiras de Santa Clara.

Ser incumbida de escrever o memorial do convento não era uma tarefa simples, ainda mais que a intenção de Jussie foi contar a história de resistência para inspirar e motivar as freiras de sua época para que elas permanecessem na religião católica. Era uma tarefa que exigia habilidades de escrita, de narração e que emocionasse e cativasse quem lesse seu testemunho; qualidades que Jeanne possuía por ocupar o cargo de escritora. Além disso, era importante que Jeanne levasse as freiras à reflexão de seu papel na sociedade, estabelecendo uma ponte entre os leigos e o Sagrado, como no caso das orações e contemplanções, que poderiam salvar a comunidade do mal que a cercava.

Segundo Susan Broomhall, tão importante quanto as ações das freiras são os registros deixados por elas, pois os conventos eram uma das poucas comunidades formadas exclusivamente por mulheres que podiam documentar seu cotidiano, além de terem meios para interagir com o mundo exterior, contribuindo para elucidar as formas de praticar a religião pelas mulheres no século XVI¹³⁴. Assim, com o aumento dos embates entre católicos e protestantes, tanto os confrontos diretos quanto ações

¹³⁴ BROOMHALL, Susan. *Women and religion in sixteenth-century France*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

mais indiretas passaram a ser parte da rotina das freiras de Santa Clara em Genebra no século XVI. Jeanne, desta forma, pontuou na sua escrita:

Eu, que escrevo isso, vi com meus próprios olhos aqueles dias cheios de infortúnio; suportei minha parte dessas aflições com minha companhia de vinte e quatro pessoas que não podiam carregar armas de ferro, mas carregavam armas de esperança e o escudo da fé. Prometo que não escrevo nada que não saiba ser verdade, e ainda assim não escrevo nem um décimo, mas apenas uma pequena parte dos principais eventos para que sejam lembrados, para que no futuro aqueles que sofrem por amor a Deus neste mundo saibam que nossos antepassados sofreram tanto quanto nós, e como as pessoas depois de nós, e sempre, em graus variados, a exemplo de Nosso Senhor e Redentor, que sofreu primeiro e mais¹³⁵.

Recorrendo à força testemunhal e à narrativa de combate, Jeanne comenta sobre a atuação católica feminina em Genebra, destacando como a fé e a esperança eram suas armas, dado que as freiras não poderiam manusear as armas de guerra dos homens, uma vez que não tinham treinamento militar e que, como freiras, elas deveriam rezar pela cidade, protegidas pelo escudo divino de Deus. Ela também fez questão de pontuar que não estava sozinha nesta luta, mas acompanhada por tantas outras freiras, que se ajudaram nesta jornada de luta.

Ela mostra seu comprometimento com o desenrolar dos eventos, buscando transmitir o que elas viveram, para que as pessoas conhecessem o sofrimento das suas irmãs nesta jornada por amor a Deus. É provável que ela tenha assegurado que escrevia a verdade por medo de cometer falso testemunho, um dos Dez Mandamentos da Bíblia e ressaltado pela Igreja Católica. Assim, Jeanne escreveu sua versão dos fatos. Ela, no entanto, enfatiza que mesmo ela narrando todo o sofrimento que passaram, ainda era pouco se comparado com a experiência real. Porém, juntas, as freiras conseguiram enfrentar aquela situação. Desta forma, sua escrita pode ser entendida como uma forma de ação, na qual ela pretende elucidar suas experiências para outras pessoas, ao mesmo tempo que esperava que sua história fosse inspiradora em momentos de perseguição e adversidades. De acordo com a historiadora Phyllis Mack, a agência religiosa pode ser caracterizada como uma forma

¹³⁵ "I who write this saw with my own eyes those days full of misfortune; I bore my part of those afflictions with my company of twenty-four who could not carry weapons of iron but carried weapons of hope and the shield of faith. I promise that I write nothing I do not know to be true, and still I do not write a tenth of it, but only a very small part of the main events so that they will be remembered, so that in the future those who suffer for the love of God in this world will know that our ancestors suffered as much as we do, and as people after us will, and always, to varying degrees, in the example of Our Lord and Redeemer, who suffered the first and the most". JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 90.

de autoexpressão pessoal, refletindo as próprias crenças e valores internos do indivíduo, em vez de ser um ato de autotranscendência¹³⁶.

A escrita, desta forma, permitiu que Jeanne reforçasse suas crenças, intenções e sua consciência. Neste sentido, podemos entender que ela não estava agindo ou se comunicando somente com as pessoas de sua época, buscando alianças e contatos, mas também visando documentar sua experiência para a posteridade e as futuras gerações de freiras que as lessem e moldassem sua percepção de mundo por meio de sua crônica.

Jeanne não registrou apenas as experiências das freiras de Genebra, mas também narrou sobre as freiras de Orbe e Vevey, que também pertenciam à Ordem das Clarissas, em um acontecimento que se desenrolou anos antes dos ataques ao convento em Genebra. Estas freiras, assim como as genebrinas, também se mantiveram unidas para lutar pelo seu convento. De acordo com Jussie,

A ordem de Madame Santa Clara ficou muito incomodada com essas heresias, especialmente os conventos de Vevey e Orbe e Genebra, que estavam cercados pelos malfeitores. O tempo de perseguição às freiras de Orbe, que atingiu as freiras e os irmãos leigos ao seu serviço, começou no ano de 1521, [...] quando o seu pai confessor, Frei Michel Julien, que pregava contra essas heresias no convento e louvava a virgindade, foi removido do púlpito e substituído por um miserável luterano da cidade, Christophe Hollard, cujo irmão era um padre casado. As mulheres não suportaram a injúria a Deus, agarraram aquele homem perverso pelos cabelos e arrastaram-no para fora da igreja com desprezo. Mas o oficial de justiça ordenou que o padre confessor fosse preso, para imensa tristeza das pobres irmãs. Elas pegaram imediatamente em tinta e papel e escreveram uma carta em nome do convento e da região expressando a dor e o perigo que corriam, implorando ajuda e conforto e oferecendo as orações e méritos do convento, com os bons conselhos e ajuda do prelado. Nosso Senhor permitiu que o bom padre fosse libertado da prisão, mas ele foi banido da cidade e nunca mais ousou pisar lá novamente, o que as pobres irmãs ficaram muito tristes e aborrecidas¹³⁷.

¹³⁶ MACK, Phyllis. Religion, Feminism, and the Problem of Agency: Reflections on Eighteenth-Century Quakerism. *Signs*, Vol. 29, No. 1 (Autumn 2003), p. 152.

¹³⁷ "The order of Madame Saint Clare was greatly bothered by those heresies, especially the convents in Vevey and Orbe and Geneva, which were sur-rounded by the evildoers. The time of persecution of the nuns in Orbe, which affected the nuns and the lay brothers in their service, began in the year 1521, on the Feast of the Annunciation of Our Lady, during Lent, when their father confessor, Friar Michel Julien, who preached against those heresies in the convent and praised virginity, was removed from the pulpit and replaced by a wretched Lutheran of the city, Christophe Hollard, whose brother was a married priest. The women could not bear the injury to God but seized that wicked man by his hair and dragged him out of the church in contempt. But the bailiff ordered the father confessor to be put in prison, to the poor sisters' immense sorrow. They took up ink and paper right away and wrote a letter on behalf of the convent and the region expressing the grief and danger they were in, begging for aid and comfort and offering the prayers and merits of the convent, with the good advice and aid of the prelate. Our Lord allowed the good father to be released from prison, but he was banished from the city and never dared set foot there again, for which the poor sisters were very sorry and upset." *Ibid.*, p. 63.

É importante perceber que nesta passagem, ao citar a troca de autoridade religiosa, Jussie reforça a questão da virgindade, dizendo que, enquanto o antigo padre era a favor do celibato, o novo pastor tinha um irmão que, apesar de ser clérigo, era casado. Este fato é visto como horror pelas freiras, um ataque ao seu modo de vida, fortemente fundamentado na castidade e na virgindade. Por isto ela destaca o fato de as freiras usarem a força física contra o homem que estaria caluniando Deus por não ser celibatário, uma cena incomum e inesperada: primeiro, pelo contato das mulheres com homens; segundo, pelo recurso à violência física. No entanto, devido ao desespero, elas partiram para a agressão.

Em Orbe e em Vevey as investidas protestantes começaram mais cedo e com mais ousadia do que em Genebra. Jeanne de Jussie fez questão de ressaltar, com orgulho, que as freiras fizeram grande mobilização para se defender do avanço do protestantismo. Segundo ela:

A maioria delas permaneceu firme e resistiu bravamente, e mesmo que ele pregasse por um longo tempo, a cidade nunca foi completamente desencaminhada. As mulheres suportaram heroicamente. O oficial de justiça o fez pregar no convento por um longo tempo, e as irmãs foram obrigadas a tocar o sino para o sermão e a ouvir atrás da grade com a cortina levantada, o que sem dúvida lhes causou muita tristeza. As irmãs em Genebra, com muita compaixão por elas, imploraram ao seu padre confessor que fosse vê-las e confortá-las, o que ele fez de boa vontade; ele ficou lá pelo menos dez semanas para confessar e consolar, com o consentimento de suas filhas em Genebra, até que os prelados pudessem assumir a responsabilidade e cuidar delas¹³⁸.

Nota-se como Jeanne enaltece as qualidades de suas irmãs de fé e de vida religiosa, destacando que agiram como heroínas e que suportaram o ultraje de uma pregação protestante em sua casa. Neste sentido, Jeanne demonstra toda sua compaixão por outras freiras que resistiram ao lutar em favor das suas casas monásticas e fizeram resistência aos ataques protestantes, não permitindo que a cidade caísse na heresia. Ela também demonstra sua compaixão com as freiras que sofriam com o protestantismo, e revela a união entre elas ao pedirem que o padre de

¹³⁸ "Most of them remained constant and put-up great resistance, and even though he preached for a long time, the city was never led completely astray. The women bore it heroically. The bailiff had him preach in the convent for a long time, and the sisters were forced to ring the bell for the sermon and to listen at the grille with the curtain raised, which caused them much grief, there can be no doubt. The sisters in Geneva, with much compassion for them, begged their father confessor to go see them and comfort them, which he did willingly; he stayed there at least ten weeks to confess and console them, with the consent of his daughters in Geneva, until the prelates could take charge and care of them" *Ibid.*, p. 64.

sua igreja fosse confortar as irmãs de outra cidade.

No século XVI, de acordo com Broomhall, as interações com o mundo exterior eram controladas para proteger as freiras¹³⁹. Uma das formas de contato com o mundo exterior e que influenciou a forma como as freiras agiram durante os ataques protestantes foi a própria arquitetura do espaço, principalmente o parlatório do convento e suas grades. Jeanne, mais de uma vez, relatou sobre a importância das grades das janelas para a comunicação com as pessoas de fora, que traziam informações, assim elas poderiam se prevenir e se defender das possíveis ameaças. Além da visita de familiares, conhecidos e clérigos, era necessário ter cuidado com a exposição às pregações protestantes, que eram vistas como um perigo contínuo. Qualquer freira que deixasse o convento e se convertesse ao protestantismo representava o fracasso das comunidades monásticas, daí a necessidade do contato regulado.

Segundo Carrie F. Klaus, uma das formas de resistência das freiras de Santa Clara em Genebra, se deu precisamente pela sua recusa em ouvir protestantes.¹⁴⁰ Pelas grades do convento, a irmã da freira Blaisine, Hemme Faulson, uma das que abandonou o convento e se converteu ao protestantismo, tentou converter algumas das clarissas, mas foi rejeitada prontamente. A abadessa, presente no momento da pregação acompanhada por outras freiras, rapidamente a interrompeu. “Senhora, não queremos ouvir tal conversa. Se você quiser falar conosco sobre Nosso Senhor e piedade, como você fez no passado, nós lhe faremos boa companhia, mas se você continuar assim, nós nos faremos de surdas.”¹⁴¹ Após a mulher continuar com seus insultos à religião católica, as irmãs prontamente viraram as costas e a deixaram falando sozinha, mostrando que o silêncio poderia ser uma forma de ação e resistência às pregações.

Hemme Faulson voltou diversas vezes ao convento para tentar converter as freiras, mas foi recusada todas as vezes pelas irmãs. “Então ela passou pela igreja e inclinou o ouvido para cada freira, o que não lhe adiantou nada, porque todas a rejeitaram, chamando-a de tola, lunática e mentirosa. Embora as mulheres

¹³⁹ BROOMHALL, Susan., *op. cit.*

¹⁴⁰ KLAUS, Carrie F. The Sounds and Silence of the Early Reformation in Geneva in Jeanne de Jussie’s Short Chronicle. In: *Calvin and the Early Reformation*. 2019, p. 96-112.

¹⁴¹ “Lady, we do not wish to hear such talk. If you want to speak with us about Our Lord and piety, as you have done in the past, we will keep you good company, but if you go on like this, we will turn deaf ears to you”. JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 101.

convertidas tentassem fazer o mesmo com as freiras falando da liberdade do protestantismo, da felicidade do casamento e da maternidade, as freiras lutaram veementemente contra estas afirmações. Para elas, as protestantes falavam mentiras e tolices, usadas apenas para enganá-las. Diante disso, as freiras começaram a retrucar as pregações que ouviam, principalmente de forma verbal, o que causava certo espanto em quem ouvia, especialmente pela imagem de que as freiras eram passivas.

Em um primeiro momento, o contato das freiras com o mundo externo se dava apenas pelas grades do convento, mas à medida que o protestantismo se disseminou por Genebra, os protestantes passaram a entrar no convento para tentar convertê-las à força. Elas, no entanto, ainda continuaram a recusar o que eles tinham a dizer, pois eram palavras de pecado, e chegaram a recorrer a algumas técnicas inusitadas. “Algumas das irmãs taparam os ouvidos com cera para não o ouvir. Quando viu que não estavam prestando atenção nele, o pregador parou e, pela sua aparência, desejou nunca ter entrado e pensou que não conseguiria sair logo”¹⁴². Jeanne ainda complementou dizendo

Eu, quem escrevo isso, estando presente e observando sua atitude cuidadosamente com a firme convicção de não me desviar do amor do meu Deus e da minha vocação, firmemente acredito que os demônios que o guiavam não podiam suportar a companhia das verdadeiras noivas de Jesus e sua constância virtuosa e o sinal da santa Cruz, que elas faziam continuamente apesar dele¹⁴³.

Jeanne, nesta passagem, mostra sua devoção e dedicação a Deus. Ela não apenas narra de forma heroica como as freiras resistiram às tentações, inclusive recorrendo à técnicas que exigiam conhecimento e criatividade para conseguir contornar a situação, mas sinaliza que as noivas de Cristo conseguiram se livrar dos protestantes, bem como reforçar seus gestos -como o sinal da cruz, que se tornou um escudo de fé para as freiras, conhecido por afastar o perigo daqueles que creem.

Como Jeanne acreditava que o protestantismo era uma heresia, ela via que os

¹⁴² “Some of the sisters had stuffed their ears with wax so they would not hear him. When he saw that they were not paying any attention to him, the preacher stopped, and from the look of him, he wished he had never come inside and thought he could not get out soon enough”. *Ibid.*, p. 132.

¹⁴³ “I who write this, being present and observing his attitude carefully with the firm conviction not to sway from the love of my God and of my vocation, firmly believe that the devils that guided him could not endure the company of the true brides of Jesus and their virtuous constancy and the sign of the holy cross, which they made continuously in spite of him”. *Ibid.*, p. 132-3.

gestos feitos pelas freiras poderiam enfrentar o mal, ou seja, a nova religião, que para elas estava sendo guiada por um demônio. Assim, Jeanne coloca em suas palavras a crença de que a religião delas era a correta, enquanto a religião dos protestantes não era uma religião, mas sim uma heresia, portanto, Deus as fortalecia, escolhendo os católicos como seus filhos. Desta forma, essas clarissas agiam contra a Reforma Protestante de acordo com o que consideravam certo, suas crenças e consciência religiosa. Neste sentido, podemos entender que suas ações, até mesmo as que exigiam força física, faziam parte do chamado divino para proteger o catolicismo das investidas protestantes.

Além do silêncio e da recusa em escutar, as freiras lançaram mão de outra importante ferramenta que, assim como o silêncio, era comum às freiras clarissas: as preces. Segundo Jeanne, as orações em voz alta ajudaram a afastar o mal que cercava o convento:

Então, à noite, quando as irmãs de Santa Clara celebravam as vésperas [liturgia da tarde] e as portas foram inadvertidamente deixadas abertas depois que algumas mulheres burguesas vieram visitar as irmãs, uma companhia daqueles cães entrou na igreja. Então eles se voltaram para as irmãs, que recitavam às vésperas. Todos juntos levantaram a cabeça e começaram a gritar, uivar e berrar a plenos pulmões como lobos enfurecidos, um som mais hediondo do que jamais se ouviu no abismo do inferno, ou assim parecia, e fizeram isso para obstruir o serviço divino. Mas Nosso Senhor fortaleceu o coração das irmãs para que, sem parecer notá-los, com um coração ardente todas elas elevaram a voz tão alto que os intrusos não conseguiam abafá-las, embora continuassem desde o primeiro salmo durante todo o capítulo¹⁴⁴.

As orações eram parte intrínseca da espiritualidade e do cotidiano das freiras, algo que não deveria causar espanto ou medo nos reformadores. É possível inferir que o ato de orar despertou a fúria dos protestantes simplesmente porque as freiras se recusaram a renunciar suas preces católicas. A recusa em acatar as vozes predominantemente masculinas dos reformadores, algo possivelmente raro para eles naquele contexto, também contribuiu para a ira de seus ofensores.

Neste sentido, a invasão de um local até então considerado sagrado demonstra

¹⁴⁴ “Then in the evening, when the sisters of Saint Clare were saying vespers and the doors had inadvertently been left open after some burgher women had come to visit the sisters, a company of those dogs came into the church. Then they turned toward the sisters, who were reciting vespers. All together lifted their heads and began to shout, howl, and bawl at the top of their lungs like enraged wolves, a more hideous sound than was ever heard in the pit of hell, or so it seemed, and they did it to obstruct the divine service. But Our Lord strengthened the sisters’ heart so that without appearing to notice them, with an ardent heart they all raised their voices so high that the intruders could not drown them out, even though they continued from the first psalm all through the chapter.” *Ibid.*, p. 114.

a audácia dos protestantes para ela. Desta forma, Jeanne narrou a clássica luta entre o bem e o mal, Deus fortalecendo as freiras apesar de todo o esforço que as pessoas convertidas fizeram para que elas deixassem aquele espaço consagrado. Neste sentido, ela mostra como a oração se tornou uma arma de combate, muito eficiente para derrotar os protestantes. Além disso, considerando a rápida conversão da população de Genebra, é possível que eles não esperassem encontrar resistência naquele lugar, especialmente vinda de mulheres dedicadas à caridade e à oração.

Como os reformados não tiveram sucesso ao tentar conversar com as irmãs, Jeanne relatou que eles descontaram sua raiva em atos de iconoclastia, quebrando cruzeiros de madeira e estátuas de santos. Ela ainda comentou que o padre confessor e seus associados presenciaram a violência aos objetos sagrados, mas não tiveram coragem para agir ou intimidá-los, pois tinham medo de serem agredidos. Elas, no entanto, permaneceram ali até que saíssem, testemunhando a violência. O medo afligia diversas pessoas, que não tinham coragem de se pronunciar contra os ataques protestantes; no entanto, ela fez questão de destacar que as freiras demonstraram alguma coragem para ficar e enfrentar aqueles invasores.

Logo que os conventos começaram a ser invadidos, elas passaram a pedir cada vez mais pela ajuda de seus conhecidos e das autoridades. Escreviam cartas pedindo socorro e proteção física e espiritual:

Então eles tentaram tomar o jardim das pobres senhoras, romper o muro e o claustro. E, de fato, na festa de Monsenhor São Jerônimo [30 de setembro], às quatro horas da manhã, as irmãs foram orientadas a tirar as coisas do jardim [...]; os messieurs [os síndicos] deram ordens para avançar, o que lhes causou muita tristeza, e não sem motivo, porque não tinham recurso e não podiam pedir a ninguém que as defendesse, visto que os governadores e superiores haviam dado as ordens. Quando elas escreveram a sua queixa, não receberam outra resposta, exceto que eles [autoridades] estavam tão ocupados com os negócios da cidade que não puderam atender o seu apelo¹⁴⁵.

Sabendo da dificuldade que os católicos estavam enfrentando em Genebra, Jeanne sinalizou nesta passagem saber que não havia a quem mais pedir ajuda.

¹⁴⁵ "Then they tried to take over the poor ladies' garden, to break through the wall and cloister. And, indeed, on the Feast of Monseigneur Saint Jerome [September 30], at four o'clock in the morning, the sisters were told to take their things out of the garden, because it was all true; messieurs [the syndics] had given orders to break through, which caused them much sorrow, and not without cause, because they had no recourse and could ask no one to defend them inasmuch as the governors and superiors had given the orders. When they wrote their complaint, they received no other response, except that they were so busy with city business that they could not listen to their appeal." *Ibid.*, p 111.

Reclusas no convento, elas não tinham como se defender, enquanto seus amigos e apoiadores também pouco podiam fazer sem se envolver na instabilidade política da cidade. Diante da efervescência social e da atenção voltada às tensões políticas, as freiras acabaram sendo relegadas a um segundo plano pelas autoridades e os amigos.

Porém, cabe destacar que a escrita ocupava um papel muito importante para as freiras, pois era uma forma de agência, ou seja, elas poderiam se comunicar e pedir ajuda, conforme visto na situação do convento de Orbe e Vevey; se elas não podiam sair para pedir por sua causa, elas ainda poderiam colocar no papel as suas reivindicações. Apesar da impossibilidade de intervenção direta por parte de seus amigos, as freiras conseguiram manter sua causa visível. Esta rede de contatos permitia que sua situação continuasse sendo conhecida e discutida, mesmo na ausência de ações diretas em seu favor, esperando, provavelmente, o momento certo para agir em prol delas.

O envio e recebimento de cartas era um método muito conhecido e eficaz de comunicação; no entanto, não havia um sistema oficial de troca de correspondências, e era necessário ter cuidado com os intermediários para não extraviar as cartas. É provável que quem fizesse este serviço entre o convento e o mundo exterior fossem as pessoas que poderiam entrar e sair dos conventos sem muitos problemas, como é o caso de alguns irmãos leigos. Porém, quando as freiras e o convento viraram alvos dos reformados, tornou-se comum a interceptação das cartas. Neste cenário, Jussie descreve:

E assim as irmãs viviam com medo, lágrimas e tristeza, e não havia como avisar ninguém porque não ousavam escrever uma carta, pois a cidade havia enviado oitenta homens armados à casa do Monsenhor de Coudrée, bem em frente ao convento; e vigiavam dia e noite para que nenhuma freira, nem quaisquer bens ou móveis, pudessem sair do convento; e nenhuma criança pequena ou qualquer outra pessoa poderia passar sem ser revistada e solicitada a declarar suas intenções, por que estava indo e vindo; e se alguém levasse esmolas às irmãs por piedade, elas as confiscariam e impediriam que criaturas boas lhes dessem consolo; e dessa forma foram privadas de todo conforto e conselho humano¹⁴⁶.

¹⁴⁶ “And so the sisters lived in fear, tears, and sorrow, and there was no way to let anyone know because they did not dare write a letter since the city had sent eighty armed men to the house of Monseigneur of Coudrée right in front of the convent; and they kept watch day and night so that no nun, nor any goods or furnishings, could leave the convent; and no small child or anyone else could pass by without being searched and asked to declare their intentions, why they were coming and going; and if anyone was bringing alms to the sisters out of pity, they would confiscate them and prevent good creatures from giving them consolation; and in that way they were deprived of all comfort and human counsel.” *Ibid.*, p. 137

Com esta limitação da troca de correspondências com amigos e autoridades, podemos ter noção da importância que este instrumento tinha para as pessoas. A impossibilidade de se comunicar as colocava em isolamento ainda maior do que o claustro, principalmente porque a escrita era uma forma de refúgio e reflexão para as freiras e teve seu fim decretado. O ato de colocarem homens armados para cuidar do que entrava ou saía do convento mostra a severidade e a determinação dos reformados em cortar os contatos e sufocar as ajudas externas para as freiras, possivelmente por elas resistirem por tanto tempo às investidas protestantes. Sem poder se comunicar e sem receber ajuda, as freiras foram isoladas fisicamente e emocionalmente.

Em outro momento, assustadas com os atos violentos dos reformados, Jeanne relatou como a escrita foi um importante para o contato entre elas e as autoridades da cidade.

As pobres e reclusas senhoras, as freiras de Madame Santa Clara, terrivelmente assustadas por aquelas pessoas e com medo de que elas as ferissem, com a fúria que estavam demonstrando contra as pessoas piedosas, oraram com lágrimas noite e dia, e se reuniram na sala do capítulo para decidir o que fazer a respeito. E fizeram um pedido muito humilde aos senhores síndicos e conselheiros, escrito por mim da seguinte forma e substância: "Nossos magníficos e mais honrados senhores, pais e bons protetores, ouvimos sobre a chegada dos inimigos de Deus em sua cidade e das coisas más e desrespeitosas que estão fazendo na igreja de Deus e às pessoas piedosas, e estamos muito assustadas. Portanto, imploramos muito humildemente, ajoelhadas prostradas no chão com as mãos postas em honra ao Nosso Redentor e Sua dolorosa paixão e à Sua Virgem Mãe e a Monsieur São Pedro, Monsieur São Francisco, e Madame Santa Clara e a todos os santos no paraíso, que por favor nos mantenham sob sua salvaguarda e proteção para que esses inimigos de Deus não nos violem ou perturbem. Pois não queremos nenhuma inovação de religião ou lei ou nos afastar do serviço divino, mas estamos determinadas a viver e morrer em nossa santa vocação aqui em seu convento, orando ao Nosso Senhor pela paz e preservação de sua nobre cidade, se os senhores concordarem em nos preservar e proteger aqui como seus ancestrais fizeram; e se não, que nos deixem sair do nosso convento e de sua cidade, para nos salvarmos e buscar refúgio em outro lugar para observar o serviço divino, e manteremos vocês, como nossos pais, em nossas orações, e pedimos seu favor e uma resposta." A carta foi enviada na noite de quinta-feira [6 de outubro]. Na manhã de sexta-feira [7 de outubro], três dos vereadores vieram ouvir a Missa no convento, e após a Missa pediram ao padre confessor e seus associados para dar a resposta às irmãs, dizendo: "Os senhores e o conselho viram e consideraram o humilde pedido das senhoras, e elas não devem se preocupar com nada porque a cidade cuidará delas e garantirá que nenhum mal lhes aconteça, e não devem ter medo por sua religião, pois a cidade não quer ser luterana"¹⁴⁷.

¹⁴⁷ The poor secluded ladies, the nuns of Madame Saint Clare, terribly frightened by those people and afraid they would hurt them, with the fury they were showing toward pious people, prayed tearfully night

Esta carta é um registro do medo e da aflição que rondava as freiras de Santa Clara e sua vida consagrada. Jeanne reforçou a posição das freiras de não poderem fugir de suas casas monásticas, pois estavam isoladas, o que as forçava a presenciar a violência; ela também reforçou a posição de submissão em que as freiras se encontravam, sem muitas alternativas para lutar fisicamente contra os protestantes; assim, podemos entender como o gênero impactava suas ações. Neste sentido, sem acreditar que elas tinham como combater os protestantes, Jeanne recorreu à escrita, acreditando que este apelo tocasse o coração das autoridades. Da mesma forma, podemos entender a escrita como uma forma de desafiar a narrativa protestante e denunciar o que elas estavam passando.

Para isso, ela utiliza algumas ferramentas próprias da vocação monástica, enfatizando que as freiras estavam rezando para que Deus protegesse a cidade dos síndicos, demonstrando que elas ainda cumpriam com sua função primordial: a oração. As autoridades da cidade, que em tempos anteriores tinham grande estima pelas freiras, frequentemente as convocavam para rezar e interceder pelo bem da cidade e geralmente as recompensavam por estes serviços. Neste contexto, Jeanne ofereceu suas orações em troca de apoio e proteção, como forma de combater os inimigos.

Ela também demonstrou a estratégia de evocar as autoridades espirituais, como a Virgem Maria e os santos na sua escrita. No entanto, temendo que os síndicos já tivessem renunciado ao catolicismo e se convertido ao protestantismo, ela recorreu

and day, and they gathered together in the chapter room to decide what to do about it. And they made a very humble plea to messieurs the syndics⁵⁰ and councilors writ-ten by myself in the following manner and substance: “Our magnificent and most honored lords, fathers, and good protectors, we have heard of the arrival of God’s enemies in your town and of the evil and disrespectful things they are doing in the church of God and to pious people, and we are very afraid. We therefore beg you very humbly, kneeling prostrate on the ground with our hands folded in honor of Our Redeemer and His sorrowful passion and of His Virgin Mother and of Monsieur Saint Peter, Monsieur Saint Francis, and Madame Saint Clare and of all the saints in paradise, please to keep us in your safeguard and protection so that those enemies of God do not [21] violate or disturb us. For we do not want any innovation of religion or law or to turn away from divine service, but we are determined to live and die in our holy vocation here in your convent praying to Our Lord for the peace and preservation of your noble town, if you lords will agree to preserve and protect us all here as your ancestors have done; and if not, let us leave our convent and your town, to save ourselves and seek refuge elsewhere to observe divine service, and we will keep you, as our fathers, in our prayers there, and we ask you for your good will and for an answer. “The letter was presented on Thursday evening [October 6]. On Friday morning [October 7], three of the aldermen came to hear Mass at the con-vent, and after Mass they asked the father confessor and his associates to give the sisters their answer, saying, “Messieurs and the council have seen and considered the ladies’ humble request, and they should not worry about anything because the city will take care of them and make sure that no harm comes to them, and they should also have no fear for their religion, for the city does not want to be Lutheran”. Ibid., p. 46-7.

às autoridades seculares para sua proteção, invocando aqueles que foram síndicos antes da tempestade protestante. Assim, ao escrever “honrem seus pais” na carta, ela pede que pelo menos sejam respeitadas as antigas autoridades de Genebra e suas decisões, destacando como anteriormente elas podiam professar sua fé livremente na cidade. Seu modo de vida parecia estar correndo sério perigo, e as clarissas precisavam da ajuda das autoridades para impedir que o pior acontecesse.

Além do registro de “A Crônica Curta”, os arquivos de Genebra guardam uma carta que foi enviada pelas irmãs de Santa Clara às autoridades da cidade reclamando da iconoclastia na igreja do convento, como pode ser visto na Figura 2. Na carta, Jeanne escreveu que esperava que aquele pedido de ajuda não incomodasse as autoridades genebrinas, mas era necessário que eles ficassem cientes do medo que as freiras do convento estavam sentindo. Além de se dirigir a eles como protetores, ela reforça a ideia de que estavam no convento por vontade própria e por sua fé; não foram constrangidas por ninguém:

Senhores muito honrados, nossos muito amados pais e protetores, que não vos pareça presunção a perturbação que vos causamos com nossas cartas, pois somos compelidas a vos informar de nossas necessidades e lamentos. Nos colocamos sob vossa proteção e salvaguarda e confiamos inteiramente em vós e nos Senhores. É verdade que ontem, na hora das vésperas, alguns entraram em nossa igreja, não por devoção, mas com gritos e clamores impetuosos, para nos impedir de realizar o serviço divino, e tomaram uma cruz com algumas imagens, que quebraram violentamente. E esta já é a segunda vez que sofremos tal insulto e grande medo. Não cremos que isso seja do vosso conhecimento, por isso recomendamos-nos à vossa senhoria e benevolência, suplicando com toda reverência, em honra de Jesus Cristo e de seus dolorosos sofrimentos, que vos digneis ordenar que não sejamos mais molestadas por tais insolências contra Deus e a razão, e que nos seja permitido em paz realizar o serviço divino, para o qual voluntariamente nos enclausuramos e nos dedicamos a Deus, rezando dia e noite pela conservação da boa cidade e de vós, Senhores, desejando continuamente viver e morrer aqui em vosso convento, se vos aprouver manter-nos e conservar-nos sem perturbações, e por isso de joelhos e mãos postas vos suplicamos a garantia e vossa nobre vontade, pois sem isso não poderíamos viver, dado o espanto que sentimos com essas insolências contra a santa Igreja. E por fim, recomendamos-nos muito humildemente e com toda reverência às vossas boas graças e senhoria, rezando a Deus que vos conceda uma vida muito boa. Amém¹⁴⁸.

¹⁴⁸ “Pour tres humble salut, Jhesus nostre Redempteur vous doint sa sainte grace et son amour. Messieurs tres honorés seigneurs nous tres aymeés peres et conservateurs, plaise vos ne tenir à presumption la facherie que vous donnons par nous lettres, car il sommes contraintes pour vous advertir de nos indigences et doleances. Nous nous sommes mysés soubz vostre protection et sauvegarde et en vous et à Messieurs nous confions entierement. Il est vray que hier à heure de vespres entrèrent aulcuns en nostre esglise, non par devocion, mais faisant cris et brairie inpetueulx, pour nous enpechés le divin service, et prindrent une croix avecques aulcuns ymaiges, qui mirent par piece viollement. Et ce ja la seconde fois que avons enduré tel insurte et grant fraieurs. Nous n’entendons pas que cela soit la notice à vostre Reverence, si nous en recomandons à vostre seignorie et begnyvolance, suppliant

Embora alguns editores da obra de Jussie tenham atribuído sua escrita à emoção e não à razão, é importante notarmos que, se esta carta compõe parte de seus textos, sua escrita demonstra muita reflexão e cálculo, principalmente diante de uma situação limite para a qual as autoridades poderiam intervir.

Analisando a carta, vemos como as palavras são escolhidas cuidadosamente pela freira, para que seu pedido não fosse entendido como uma insolência diante dos síndicos. Ela, novamente, afirma o lugar de submissão perante as autoridades, em vista de que as freiras estavam e deveriam estar sob a proteção daqueles homens, principalmente por serem mulheres enclausuradas. Neste sentido, pode-se entender que, se algum mal viesse a acontecer, a responsabilidade seria deles, pois elas não tinham força, nem armas físicas para se proteger de tais assaltos e ultrajes. Além disso, há uma escolha atenta das palavras quando denuncia que as autoridades não saibam das intervenções que aconteciam nos conventos, pois caso soubessem, não deixariam acontecer.

Como vimos, as notícias circulavam com certa rapidez na cidade, até porque elas se mantinham bem-informadas sobre o que acontecia. Neste caso, era improvável que as autoridades não soubessem o que acontecia com as freiras, ainda mais devido ao crescimento e difusão do protestantismo em Genebra. Assim, a carta os informava da situação, ao mesmo tempo em que clamava por piedade e proteção. Se de fato essa carta foi escrita por Jeanne, é preciso lembrar que nesta época, boa parte de seus amigos e conhecidos católicos já tinham partido da cidade, então era essencial que as freiras recebessem alguma ajuda das autoridades.

en toutes reverence, en l'honneur de Jhesuscrist et de ses doloreuses soffrances, qui vous plaise donné ordre que ne soions plus molestee de teulles insolance contre Dieu et raisons, et que l'ong nous laisse en paix faire le divin service, pour quel faire vollentairement nous sommes rencluses et donné à Dieu, prian jours et nuyt pour la conservation de la bonne cité et de vous, Messieurs, desirant continuel et de vivre et mory ycit en vostre convent, si vous plait nous il maintenir et conservés sans molestes, et de cecessit à genoux et mains jointes vous supplions assurance et vostre noble volloir, car sens cela ne porrions vivre, veu l'espavatement que nous donons de ses insolance contre sainte Esglise. Et por la fin, nous recomandons tres humblement et en toutes reverence à vos bonnes graces et seignorie, prian Dieu vous donné tres bonne vie. Amen." PLAINTES des religieuses de Sainte Claire au sujet des dévastations commises dans leur Eglise (de la main de Jeanne de Jussie). *Les archives d'Etat de Genève*, 1996. Disponível em: https://archives-etat-ge.ch/page_de_base/transcription-de-documents-v7/. Acesso em: 06 jun. de 2023.

aos síndicos, reafirmando que estavam orando pela vida deles.

Tendo em vista o papel desempenhado por Jeanne na administração da casa e na produção de sua memória, é possível que essa carta seja atribuída a ela, que possuía a nobre tarefa de escritã. O tom polido e o conhecimento intelectual e retórico para reforçar seu pedido, agindo com cautela ao se dirigir às autoridades, poderia ser característico de uma mulher como Jeanne, que além de letrada e instruída, possuía muitas relações com o mundo externo e político.

Ainda que a Reforma tenha se instaurado em Genebra alguns anos antes, os confrontos diretos entre as freiras do Convento de Santa Clara e os reformados aconteceram apenas em 1534, quando os capitães de Berna, cidade já reformada, se dirigiram ao convento para inspecionar o ambiente e ver qual seria o local mais apropriado para abrir um caminho para que as tropas bernesas pudessem transitar na cidade com maior facilidade. Quando as freiras se recusaram a abrir as portas, alegando que ninguém poderia entrar no recinto devido ao seu modo de vida, as freiras foram ameaçadas com a invasão, conforme relata Jeanne:

Então, as pobres senhoras, temendo um perigo pior, abriram as portas, e ele entrou tão furioso quanto um leão com uma companhia de sua seita. As pobres irmãs, todas como uma só, refugiaram-se na igreja, prostradas, com as cabeças inclinadas ao chão, e rezaram a Deus com grande abundância de lágrimas e em angústia. Quando ele passou pela igreja, parou na porta e olhou para as irmãs sem fazer qualquer movimento para entrar, e sentiu tanta pena delas que começou a consolá-las e pediu à madre abadessa que as fizesse levantar. Então, ela e sua vigária se levantaram e fizeram o possível para recomendar aquela pobre e angustiada companhia a ele, e ordenaram às irmãs que o cumprimentassem e pedissem misericórdia e que lhes fosse permitido servir a Deus em seu claustro intacto. Deus permitiu que seu coração fosse completamente transformado pela piedade, e ele não soube o que dizer, exceto tranquilizá-las e prometer que nunca mais lhes faria mal algum, e se ofereceu para fazer tudo o que pudesse para guardá-las e protegê-las contra qualquer um que tentasse machucá-las. Ele foi embora completamente edificado sem causar mais problemas¹⁴⁹.

¹⁴⁹ “Then the poor ladies, fearing worse danger, opened the doors, and he came in as furious as a lion with a company of his sect. The poor sisters, all as one, took refuge in the church, prostrate, their heads bowed down to the ground, and they prayed to God with a great abundance of tears and in anguish. When he passed by the church, he stopped at the door and looked at the sisters without making any move to enter, and he felt such pity for them that he began to console them and asked the mother abbess to have them rise. So she and her vicaress stood up and did their best to commend that poor, anguished company to him, and they ordered the sisters to greet him and to ask him for mercy and to be allowed to serve God in their unbroken cloister. God allowed his heart to be wholly transformed by pity, and he did not know what to say, except to reassure them and to promise that he would never do them any harm again, and he offered to do all he could to guard and protect them against anyone who tried to harm them. He went away completely edified without causing any more trouble”. JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 111-2.

Jeanne expôs a situação enfatizando que naquele dia elas não foram nem feridas, nem constrangidas pelos homens. A narrativa segue um padrão de outras mais antigas de como o forte se rende ao fraco porque este está com Deus. Neste sentido, pode-se entender que Jeanne acreditava que as preces e a devoção das freiras ainda podiam comover os cidadãos, mesmo diante das ações violentas que ela relata ao tratar dos atos semelhantes ao comportamento de um animal, o leão. Neste sentido, elas conseguiram sensibilizar os homens e impedir seus ataques por meio do que sabiam e deviam fazer: orar. Além disto, ela sinaliza a importância de permanecer devotas a Deus dentro do claustro intacto, ou seja, que a violência da invasão não destruísse os aposentos de sua casa monástica, reafirmando a importância do lugar como forma de sobrevivência de seus corpos e devoção. Segundo Carrie F. Klaus¹⁵⁰, o medo da violência exposto na crônica é revelador do perigo real contra seus corpos pela presença masculina protestante no convento.

No mesmo episódio, Jeanne relatou que um dos “hereges” que participou da invasão lavou suas mãos na água benta e depois cuspiu nela. Quando saiu do convento, mentiu para a multidão que havia tirado o véu de uma freira e a beijou. Jeanne o desmentiu, horrorizada com a ideia de o corpo de uma freira ter sido violado ao ter seu véu retirado e por um beijo profanador. De acordo com Klaus, este ato representaria não só o cúmulo das ameaças contra o claustro, mas também contra o que havia de mais íntimo de sua vida consagrada, o corpo intocado e pouco visível exposto.

Outro embate ocorreu em 1535, quando as freiras foram “convocadas” a participar da Disputa de Rive, quando católicos e protestantes foram chamados a debater suas respectivas posições teológicas, descritas por Jeanne:

“[...] Não é papel das mulheres discutir, pois o estudo não é prescrito para mulheres. Certamente vocês não acham que elas deveriam discutir, já que até mesmo homens iletrados, segundo os decretos da Santa Igreja, são proibidos de fazer afirmações sobre as Sagradas Escrituras, e nenhuma mulher jamais foi chamada para testemunhar em uma disputa, então não seremos as primeiras, e não seria nenhuma honra para vocês tentarem nos forçar”¹⁵¹.

¹⁵⁰ KLAUS, Carrie F. Architecture and Sexual Identity: Jeanne de Jussie's Narrative of the Reformation of Geneva. *Feminist Studies*, Vol. 29, No. 2 (Summer, 2003), p. 278-297.

¹⁵¹ “It is not women's place to dispute, because study is not prescribed for women. Surely you do not think that they should dispute since even illiterate men, according to the decrees of the holy church, are forbidden to make claims about the Holy Scripture and no woman has ever been called to witness in a disputation, so we will not be the first, and it would be no honor to you to try to force us”. JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 123.

Mesmo tendo acesso a leituras e à prática de estudos que boa parte das mulheres da época não tinham e conhecesse bem a Bíblia, conforme Jeanne demonstrou diversas vezes em sua crônica, ela não inverte hierarquias ao afirmar que mulheres não tomariam parte em debates públicos. Ela mostra o descontentamento que as freiras sentiram em relação aos reformados que pretendiam pregar sem ter nenhuma formação teológica, dado que este debate exigia estudos e dedicação. Ao escolher enfatizar estas palavras na crônica, ela mostra que muitos protestantes falavam sobre a Bíblia sem ter conhecimento ou cuidado respeitoso, podendo deturpar as passagens bíblicas, o que seria antidogmático, reafirmando, assim, o protestantismo como uma forma de heresia.

As discussões foram apenas o começo dos embates entre as clarissas e os protestantes. Jussie relatou diversas vezes que as brigas escalaram muito rapidamente após certo tempo, e que as freiras começaram a ter que agir de forma ainda mais direta. As invasões ao convento tentavam persuadir as freiras de diversas formas: por elas não estarem seguindo os ensinamentos religiosos “certos”; pela vida na sociedade protestante ser mais frutífera, com experiências como os casamentos. Jeanne escreveu que as freiras se aborreciam facilmente quando estas tentativas eram realizadas e além de enfrentar com palavras, algumas vezes partiram para a agressão também, cuspiando em alguns mais insistentes:

Aquele pregador começou a falar novamente suas palavras enganosas sobre a bondade do casamento e a liberdade, e outras coisas muito abusivas e condenáveis. Quando ele falou sobre a corrupção da carne, as irmãs gritaram: 'É mentira!' E todas cuspiram nele com desprezo, especialmente as irmãs mais jovens que estavam à sua frente, e disseram: 'Não podemos mais ouvir esses erros'¹⁵².

O tópico do casamento apareceu diversas vezes no discurso reformado, conforme visto anteriormente, e se mostra um assunto muito sensível para as freiras. Conforme discutido no capítulo anterior, o matrimônio e a maternidade eram aceitos e defendidos pela Igreja Católica, embora o celibato ocupasse o status ideal para homens e mulheres. Assim, após se dedicarem à vida celibatária como “noivas de

¹⁵² “That preacher began speaking his deceitful words again, about the goodness of marriage and freedom and other very abusive and damnable things. When he spoke of fleshly corruption, the sisters cried out, ‘It’s lies!’ And they all spat on him in scorn, especially the young sisters who were in front of him, and they said “We cannot listen to these errors anymore”. *Ibid.*, p. 131.

Cristo”, as freiras não aceitavam a violação de um laço sagrado, portanto, as freiras deveriam lutar para se manter intocadas, reafirmando seus laços com a Igreja Católica e sua doutrina. Isso explica em parte a recusa das freiras em ouvir os protestantes e o que tinham a dizer sobre o matrimônio, reagindo com desprezo.

Jeanne não era contra o matrimônio e a maternidade, principalmente porque a Igreja Católica também tinha o casamento como sacramento, mas ela tinha a firme convicção de que as freiras desempenhavam outro papel na sociedade, o de rezar, de contemplar e se dedicar a Deus, por isto elas lutavam por seu estilo de vida monástico, tão importante quanto o casamento e os filhos para as outras mulheres. Neste sentido, as mulheres deveriam ter o direito de escolher como seguiram sua vida, seja no claustro ou no casamento, e Jeanne defendeu diversas vezes a vida na clausura.

Este tipo de reação aconteceu mais de uma vez. Segundo Jussie, quando a irmã de Blaisine começou a pregar no convento, alegando que estava convertendo as freiras, episódio narrado por ela

‘O quê?’ disse a madre vigária. ‘Vocês chamam isso de “converter”? É “perverter”, da salvação à perdição. Estou assombrada com a horrível perversidade de suas palavras precipitadas, e se não fosse por respeito a vocês, eu a golpearia o mais forte que pudesse.’ E todas as irmãs cuspiram nela¹⁵³.

Por este diálogo podemos perceber que as freiras encaravam a conversão como um ato de corrupção e de traição à fé católica, que para elas era a verdadeira religião. Além disso, é possível notar como as formas de agência religiosa foram se desenvolvendo: antes era apenas o silêncio e a recusa, mas depois de algum tempo, elas começaram a tomar atitudes mais drásticas como cuspir na convertida como forma de manifestar seu menosprezo. Este ato mostra a veemência e a resistência das freiras contra os reformados e como elas mantiveram uma postura desafiadora mesmo diante das ameaças.

O tema tão caro da salvação também aparece nessa passagem. Nos conventos, era habitual que as pessoas consagradas seguissem uma rotina rigorosamente estruturada, de modo a evitar momentos ociosos que pudessem

¹⁵³ ““What?” said mother vicaress. ‘Do you call that ‘converting’? It is ‘per- verting’, from salvation to perdition. I am amazed at the horrible perversity of her rash speech, and if it were not out of respect for you, I would hit her as hard as I could.’ And the sisters all spat on her”. *Ibid.*, p. 160.

desviar as freiras de suas rotinas. Além das práticas diárias de oração, eram esperadas meditações e exercícios espirituais. A Regra de Santa Clara, por sua vez, aborda a temática da salvação da alma com precisão. Segundo as diretrizes estabelecidas por Clara de Assis, as freiras deveriam dedicar-se à confissão e à salvação das almas. Para Clara de Assis, as freiras

[...] devem desejar ter o espírito do Senhor e sua santa operação, orar sempre a ele com coração puro e ter humildade, paciência na tribulação e na doença, e amar os que nos perseguem, repreendem e acusam, porque, diz o Senhor: Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, porque deles é o reino dos céus. E quem perseverar até o fim, esse será salvo.¹⁵⁴

Neste sentido, a própria Regra de Santa Clara estabelece um caminho para a salvação. Primeiramente, o trecho destaca a importância de buscar a presença divina por meio da oração, estabelecendo uma conexão com Deus que deve ser feita com pureza de coração. Além disso, valoriza a humildade e a paciência como virtudes cruciais durante os momentos de adversidade, pois são nessas situações que a verdadeira fé é testada. Aqueles que enfrentam as dificuldades em nome da justiça serão recompensados por Deus. Assim, aqueles que perseverarem em sua fé e se manterem fiéis até o fim garantirão sua salvação.

Assim, pode-se entender que Jeanne e suas irmãs seguiram a Regra de Santa Clara na defesa da religião católica, embasando-se neste poderoso documento que regia sua casa monástica. Neste sentido, podemos entender que Jeanne firmou este compromisso com o futuro e a eternidade prometidos pela Igreja Católica, e defendeu a doutrina até o fim de sua vida. Desta forma, os escritos de Lutero foram entendidos como afrontas à concepção católica de salvação e pela Regra de Santa Clara. Por esses motivos tão fundamentais, requeriam resposta e combate.

Com a intensificação das invasões, elas começaram a recorrer à força física. Jeanne registrou na sua crônica o medo e o cansaço que as acometiam a cada vez que os reformadores tentavam convertê-las.

Quando ele estava descendo as escadas, aquele criminoso franciscano que estava todo coberto de manchas e era horrível de se ver, não conseguiu descer e ficou para trás. Uma irmã foi atrás dele e bateu em seus ombros com os dois punhos e disse: 'Miserável apóstata, apresse-se e saia da minha vista.' Mas ele não reagiu e não disse uma palavra. Acho que sua língua

¹⁵⁴ VIDA CLARIANA. *Regra de Santa Clara*. 2024. Disponível em: <https://www.vidaclariana.com.br/p/regra-de-santa-clara.html>. Acesso em 18 de set. 2024.

estava presa e amarrada. [...] A madre vigária disse: 'Não voltem por nenhum motivo, pois nunca abriremos as portas.' Eles tentaram voltar muitas vezes depois disso. Mas Farel nunca voltou, nem nenhum outro pregador, porque disseram que era uma perda de tempo pregar para aquelas hipócritas¹⁵⁵.

Em alguns pontos de sua crônica, Jeanne se refere aos milagres que Deus teria realizado para poupar as freiras de sofrerem maiores danos. Em alguns momentos são sinais, como o passar de um cometa, que mostra que tudo ficará bem, em outros são ações mais instantâneas, que salvam a integridade física - nas palavras dela, o escudo da fé. Nesta passagem, vemos que um dos reformados - que ela chama de apóstata por ter deixado a vida religiosa de forma abrupta, ao qual ela expõe seu desprezo -, não reage diante da ação de uma das freiras; ele permanece imóvel, inerte, como se por um milagre ele tivesse sido paralisado. A fala, uma das formas de tentar converter as freiras ao protestantismo, estava travada, como ela sinaliza. Isto pode significar que Deus as estaria protegendo, poupando-as de ouvir mais sacrilégios dos hereges.

Embora pessoas “comuns” voltassem ao convento para tentar convencê-las, os próprios pregadores se negavam a voltar, segundo ela. Isto mostra que aqueles que “entendiam” mais do debate teológico desistiram de tentar convertê-las porque a resistência delas era maior do que eles esperavam, não tendo êxito em suas ações blasfemas. As discussões e a ação delas - neste trecho em específico ela citou que uma das freiras agrediu um dos homens - demonstravam sua força diante das tentativas de conversão, o que parece ser motivo de orgulho para Jeanne por terem conseguido fazer com que os protestantes não voltassem.

Em uma das passagens da crônica, Jeanne ressaltou a violência dos reformados ao tentarem entrar no convento, e como a irmã porteira fez tudo que pode para tentar barrar a entrada deles.

Quando a porteira viu a janela giratória colapsar e se quebrar em pedaços, ela trancou a porta e a segurou com as costas para impedir que eles a abrissem. Mas, um deles a golpeou tão forte com seu machado que o machado afundou e quase entrou nas costas da

¹⁵⁵ “When he was going down the steps, that criminal Franciscan, who was all covered with splotches and hideous to see, could not go down but stayed behind. One sister went after him and hit his shoulders with both her fists and said, “Wretched apostate, hurry up and get out of my sight. “But he did not react and never said a word. I think his tongue was bound and tied. [...] Mother vicaress said, “Don’t come back for any reason, for we will never open the doors.” They tried to return many times after that. But Farel never came, nor did any other preacher, because they said it was a waste of time to preach to those hypocrites”. *Ibid.*, p. 132-3.

porteira¹⁵⁶.

Este ato de coragem é exaltado por Jeanne, pois a porteira estava disposta a se ferir ou até mesmo a morrer para proteger sua casa e suas irmãs.

Segundo Jeanne, neste episódio, cerca de 150 pessoas entraram no convento e destruíram quase tudo o que encontraram. Foi nesse contexto da invasão e destruição que os reformados retiraram a freira Blaisine do convento e Jeanne conta que mais freiras tiveram que agir.

Eles [reformados] pegaram um grande pedaço de madeira das cadeiras e quase atingiram a cabeça da madre vigária enquanto ela tentava afastá-la [Blaisine] à força. Uma jovem irmã agarrou aquele pedaço de madeira e o desceu sobre os ombros de um homem. Mas ele sobreviveu ao golpe e teria batido na irmã se uma das mulheres não a tivesse puxado. A madre vigária e várias outras teriam sido mortas, porque estavam tentando puxar aquela pobre garota com grande força. A madre porteira foi derrubada e pisoteada vilmente. Usando a força, eles levantaram a pobre e miserável garota e a puxaram pela janela giratória, que tinham quebrado, e a levaram para a casa de um pobre sapateiro para remover o seu hábito de freira¹⁵⁷.

Ela mostra a fúria dos convertidos que tentavam invadir o convento e marca a intolerância religiosa contra as pessoas consagradas a Deus, que correram perigo de vida em muitos dos ataques. Apesar da força utilizada pelos protestantes, Jeanne ainda destaca a forma heroica como uma das freiras rapidamente se mobilizou, resistindo à violência, defendendo e protegendo as freiras do convento. Jeanne também comenta sobre a retirada do hábito de Blaisine, gesto violento que marca seu desligamento com a vida religiosa da clausura, voltando a pertencer ao mundo secular.

Jeanne escreve em primeira pessoa como testemunha da importância da privacidade e da segregação de gênero no convento, pois o espaço consagrado era a representação do corpo da mulher religiosa e o medo era da invasão do convento,

¹⁵⁶ "When the portress saw the turning window collapse and break into pieces, she barred the door to them and braced it with her back to keep them from opening it. But one of them hit it so hard with his axe that the axe sank in and nearly went into the portress's back". *Ibid.*, p. 139.

¹⁵⁷ "They took a great shard of wood from the chairs and almost struck mother vicaress's head as she was trying to pull her away forcibly. A young sister grabbed that piece of wood and brought it down on one man's shoulders. But he survived the blow and would have hit the sister if one of the ladies had not pulled her away. Mother vicaress and several others would have been killed, because they were trying to pull that miserable girl away with great force. The mother portress was knocked to the ground and trampled villainously. Using force, they lifted the poor miserable girl and pulled her out through the turning window, which they had broken, and took her to a poor cobbler's house to remove her nun's habit". *Ibid.*, p. 144.

mas também de seus corpos, de acordo com Klaus. Por este motivo, cada vez mais as freiras passaram a ter que superar o medo e agir, afinal a identidade das irmãs de Santa Clara, estava ligada à castidade, e as ameaças ao espaço do claustro e à integridade de seus corpos requeria ação.

Não apenas as freiras resistiram à conversão, mas também as laicas católicas resistiram ao protestantismo. Embora muitas mulheres tenham se convertido ao protestantismo, tantas outras demonstraram a sólida convicção em continuar na antiga religião. Segundo Natalie Zemon Davis, havia mulheres que foram convertidas por seus maridos e que se tornaram mais fiéis do que eles; mulheres que se converteram enquanto seus maridos continuavam sendo “idólatras”; e registros de maridos que se converteram, mas não obtiveram sucesso em converter suas esposas. Casos desse tipo foram tratados por Jeanne em sua crônica, ressaltando a resistência das mulheres católicas e como Deus as ajudava a continuar firmes em sua fé.

Além do caso de esposas e maridos, muitos pais ameaçavam com violência as suas filhas caso elas continuassem a participar dos ritos católicos. Em um destes casos, Jussie comentou sobre uma jovem que havia sido renunciada pelo pai, vindo a jovem viver com as freiras. Ela também relatou que mesmo sendo proibidas de participar de cerimônias religiosas católicas, muitas mulheres encontravam formas de fugir de casa para receber a hóstia consagrada, sem que seus maridos ou pais descobrissem.

Um dos casos relatados nas crônicas é o de um marido que foi alvo de zombarias por seus companheiros quando sua mulher se recusou a participar de ritos protestantes. Para os homens protestantes a desobediência da esposa implica a sujeição do marido e a desonra da mulher, pois se fosse uma mulher honrada e honesta acompanharia seu esposo sem objeção. Ele, irado pelas brincadeiras, puxou a mulher pelos cabelos a fim de obrigá-la a ir embora com ele. Mas ela orou a Deus, que atendeu a sua súplica, segundo Jeanne, fazendo a cama pegar fogo repentinamente.

Tanto a devoção de Jeanne, como a da mulher citada, estão implícitas nesta passagem, pois demonstram a compreensão de que Deus estaria punindo e tentando salvar os católicos que estavam sendo obrigados a participar de outros ritos religiosos. A cama pegar fogo sem nenhuma explicação reforça a ideia de que o protestantismo era uma heresia e que a mulher foi salva por este incidente devido à intervenção de Deus. Caso a mulher tivesse que participar de outros ritos estranhos à antiga religião,

ela estaria blasfemando e ofendendo à Igreja Católica, e como Deus tinha um lado favorito nesta batalha, decidiu poupar a mulher. O marido ainda tentou mais uma vez obrigá-la a participar dos ritos protestantes, mas foi atingido por uma súbita queimação no estômago, que o fez abandonar sua ideia. Além disto, este homem teve perdas financeiras, que foram relatadas para Jeanne por um vizinho daquela família. “Um homem honrado, seu vizinho próximo, contou-me e garantiu-me que num só dia perdeu mais de quinhentos florins em mercadorias”¹⁵⁸.

Podemos perceber que este relato de Jeanne não é apenas curioso pelo “castigo” que ele estaria recebendo ao perder dinheiro, mas também ajuda a entender como as freiras recebiam informações de amigos, mostrando a importância da comunicação entre as mulheres enclausuradas e o mundo secular. Isto porque, para elas, estas simples informações poderiam ser de grande importância, pois significavam um sinal de Deus, que agia em prol da religião católica, assim como provava a existência de “bons católicos” dispostos a lutar pela causa religiosa, o que fortalecia sua visão de também continuar lutando pelo catolicismo.

Em um episódio de agressão contra um mercador católico, definido por Jussie como um “bom cristão, ela relatou que as mulheres católicas se voltaram contra os reformados na cidade. Elas gritaram na rua para a mulher de um mercador reformado, “para começar nossa guerra, vamos jogar essa vadia no Ródano”¹⁵⁹. A mulher convertida rapidamente se escondeu dentro de casa, mas as mulheres se juntaram e destruíram as mercadorias do luterano e as espalharam pelo chão. É interessante notarmos como aqui as mulheres se organizam em grupo, mostrando sua solidariedade para defender o senhor católico. Além disso, o uso da palavra “guerra” pelas mulheres, mostra como elas viam esta situação com os protestantes como um combate mesmo, e que haveria um lado vencedor.

Elas mostram também que, caso precisassem usar a violência para conseguir afastar o protestantismo da cidade, elas fariam sem nenhum arrependimento, mostrando como as mulheres leigas também foram ativas contra o protestantismo. Como elas não puderam agir de forma violenta com a mulher, elas descarregaram sua ação violenta nas mercadorias que eles tinham, prevendo que isto causaria uma perda para aquele casal. Da mesma forma, este trecho de Jeanne nos ajuda a

¹⁵⁸ “An honorable man, his close neighbor, told and assured me that in one day he lost more than five hundred florins in wares”. *Ibid.*, p. 117.

¹⁵⁹ “To start our war, let’s throw this bitch into the Rhone”. *Ibid.*, 79.

entender a vida cotidiana nestes enfrentamentos entre católicos e reformados, atingindo várias esferas da vida.

Em outro caso, Jussie conta como as mulheres reagiram quando viram que a nova doutrina estava prestes a ameaçar sua casa.

A irmã dele, que era casada com um boticário muito rico, teve um bebê. Seu marido herege queria que ele fosse batizado pelo satânico Farel, e o chamou para sua casa. Quando aquela abençoada jovem, que tinha apenas quatorze ou quinze anos, viu seu primeiro filho entregue àqueles cães, firme em sua religião e em seu amor por Deus, ela saiu de sua cama após o parto para tirar seu filho dos braços daquele homem miserável e imediatamente desmaiou, de tristeza e do trabalho de parto. Seu marido teve piedade e a fez voltar para a cama, sendo obrigado a deixar o filho com ela. Ela chamou o padre para sua casa, e ele batizou o bebê em sua presença ¹⁶⁰.

Através de seu relato, a freira demonstra a preocupação que os católicos tinham em relação aos ritos e cerimônias comuns na Igreja Católica. Aqui, o batizado sinalizava que a criança estava livre do Pecado Original, ou seja, marcava sua pureza diante da comunidade católica. A preocupação da mãe, neste sentido, estava no medo de que seu filho se tornasse um herege desde pequeno e por isso reuniu suas forças para sair da cama, mesmo que fosse jovem e estivesse muito fraca para impedir que o marido batizasse sua criança em outra religião.

O esforço que a mãe fez para salvar o menino é visto de forma corajosa e emotiva por Jeanne, fazendo com que seu marido tivesse piedade dela, seguindo com os ritos católicos de batismo por um padre logo em seguida. Da mesma maneira, é interessante percebermos como a mulher enfrentou o marido, disposta a brigar com ele por causa da religião, algo que não era comum, pois os homens tinham mais autoridade, o que mostra a importância que a religião tinha na vida das mulheres naquele contexto. O compromisso com o batismo, uma das primeiras formas de contato da criança com a religião, é exaltado nesta passagem, mostrando o amor da mulher por Deus e por seu filho.

É interessante também notarmos os termos que Jeanne utilizou para se referir a Farel - satânico -, e que a criança foi entregue aos “cães”, os protestantes. A

¹⁶⁰ “His sister, who was married to a very rich apothecary, had a baby. Her heretical husband wanted to have it baptized by the satanical Farel, and he called him to his house. When that blessed girl, who was only fourteen or fifteen years old, saw her first offspring given to those dogs, firm in her religion and in her love of God, she got out of her childbed to go pull her child from the arms of that wretched man, and she immediately fell in a faint, from sorrow and the labor of childbirth. Her husband had pity on her and had her carried back to bed and was obliged to leave her child with her. She called the priest to her house, and he baptized the child in front of her”. *Ibid.*, p. 102.

utilização destas palavras marca o desprezo que Jeanne sentia não apenas pelo reformador, mas por sua religião, e mostra como as guerras religiosas estavam cada vez mais intensas e se davam no campo de batalha e no campo retórico.

Todos os casos relatados por Jeanne visavam mostrar que as mulheres leigas reagiram e fizeram o que podiam para impedir que outra religião, que não fosse a católica, entrasse em suas casas. Jeanne relatou diversas vezes que algumas mulheres católicas tentaram ajudar as freiras por diversas vezes, inclusive motivando-as a serem pacientes e se manterem firmes, pois as autoridades planejavam tirá-las do convento e dispersá-las. Embora a maioria dos católicos já não vivesse em Genebra na década de 1530, Jeanne de Jussie e as freiras de Santa Clara eram mulheres de famílias patricias de Genebra e ainda contavam com a ajuda e a proteção de alguns personagens políticos importantes, como o duque de Saboia, Carlos III, e sua esposa, Beatriz de Portugal. Jeanne analisa essa relação:

É verdade que muitas vezes ameaçavam a madre vigária com prisão, como criminosa, e esperávamos que fizessem isso algum dia. Mas alguns deles tinham medo e diziam: 'Ela é de uma família importante, e isso poderia causar uma revolta contra a cidade. O Duque de Saboia as apoia também, porque elas rezam apenas por ele, então seria um erro prender essa mulher estúpida'¹⁶¹.

A autora sempre mostrou muita admiração pelo duque de Saboia, e parte dessa admiração pode ser explicada pela proteção que ele concedeu às freiras nos momentos de maior ameaça e violência. Nesta passagem, Jeanne deu ênfase tanto à posição que a família da madre ocupava, quanto ao poder que o duque de Saboia ainda tinha na região. Quando as freiras se viram cercadas e sem possibilidade de entrar em contato com amigos e familiares, inclusive pela escrita, uma das suas formas de ação, as palavras de desespero das irmãs chegaram ao duque por outras fontes, que decidiu agir e ajudar as freiras.

No entanto, discretamente e com a ajuda de Nosso Senhor, eles enviaram a notícia do perigo e do infortúnio ao monsenhor duque [Carlos III], que tinha grande amor e piedade por elas, assim como a senhora [Beatriz de Portugal]. Mandaram uma mensagem ao juiz de Gex para que nos preparasse o seu mosteiro em Annecy, e disseram-nos para não temermos, que ele nos daria o dinheiro para nos salvar daqueles cães e que não deveríamos preocupar-

¹⁶¹ "It is true that they often threatened mother vicaress with imprisonment as a criminal, and we expected them to do it some day. But some of them were afraid and said, "She is from an important family, and it could cause an uprising against the city. The Duke of Savoy supports them, too, because they pray only for him, and so it would be a mistake to arrest that stupid woman". *Ibid.*, p. 134.

nos com nada a não ser como fugir, que ele nos dava móveis e tudo o mais que precisássemos, o que era um grande conforto e consolo para nós¹⁶².

Mostrando entender a situação das freiras, o duque de Saboia e sua esposa avisaram que as ajudariam para que pudessem se salvar dos infortúnios causados pelos protestantes. Jeanne dá a entender nesta passagem que o duque só veio conhecer a situação delas tardiamente, por isto não havia oferecido ajuda antes. A notícia é recebida com grande comoção por elas, principalmente porque poderiam praticar sua religião livremente, sem ter ameaças constantes, e mostra como esta carta foi um consolo para elas, que tanta violência já haviam presenciado, além de contar com a proteção de alguém tão estimado e poderoso como ele.

No entanto, era necessário que elas pensassem em uma estratégia para fugir da cidade, dado que nesta época o duque não tinha como invadir a cidade para retirá-las de lá. Neste sentido, embora ele promettesse uma vida tranquila ao sair da cidade, elas precisavam organizar uma forma de deixar o convento de forma autônoma. A ordem do gênero era um fator que influenciava diretamente as ações das freiras. De acordo com Hanson, diferentemente dos frades e monges, as freiras não podiam se mudar tão facilmente para áreas de predominância católica.¹⁶³

Primeiro porque havia a proximidade com as famílias e as autoridades locais. Também é importante destacar que elas não tinham como se movimentar livremente, nem viajar, sem arranjos difíceis de fazer, a não ser que contassem com apoio externo, como o apoio do duque. Aquelas que deixavam os conventos por vontade própria ou por coerção, enfrentavam dificuldades para se integrar entre os laicos, principalmente depois de tanto tempo enclausuradas.

Assim, em meio aos conflitos e aflições pelo receio da invasão do convento, as freiras decidiram procurar os síndicos da cidade, pedindo para deixarem a cidade em segurança, conforme relata Jeanne:

Então pedimos muito humildemente que nos preservem e mantenham como estamos, em santa reclusão, ou que nos concedam salvo-conduto para deixarmos sua cidade todas juntas, sem violência ou crime contra nossos

¹⁶² “Nonetheless, discreetly and with Our Lord’s help, they sent word of their danger and misfortune to Monseigneur the duke, who had great love and pity for them, as did madame. They sent word to the judge of Gex to prepare his monastery in Annecy for us, and they told us not to fear, that he would give it to us to save us from those dogs and that we should not worry about anything except how to get away, that he would give us furnishings and anything else we needed, which was a great comfort and consolation to us”. *Ibid.*, p. 137.

¹⁶³ HANSON, Hanni., *op. cit.*, p. 13.

corpos. “O quê?” disseram os síndicos. “Para onde vocês irão? A cidade certamente permitirá que vocês fiquem aqui na sua casa, desde que não sejam mais prisioneiras e sejam livres para ir e vir como quiserem; e ajudaremos aquelas que quiserem se casar, e as outras podem fazer o que desejarem. Mas vocês devem mudar suas vestes e não podem mais realizar officios ou missas. Não pensem que poderão deixar a cidade quando quiserem!” Estas foram palavras muito dolorosas para os ouvidos das irmãs. Então a madre vice-reitora disse: “Ai de nós, senhores, pelo amor de Deus, tenham piedade de suas pobres filhas! Vocês veem como estamos indefesas sem trancas. Se esses malfeitores vierem nos agredir à noite, quem os deterá? Por favor, nos deem algum tipo de proteção”. “Muito bem,” disse o síndico. “Cuidaremos de vocês e as protegeremos”¹⁶⁴.

Novamente, as freiras se colocam em uma posição inferior à daquelas autoridades, exatamente porque se tratava de um pedido crucial para a segurança delas. Elas se dirigem pedindo “humildemente” para que possam permanecer no claustro inviolável, ou partir. É importante notar que Jeanne dá ênfase ao medo de que seus corpos, que eram consagrados a Deus e à Igreja, fossem tocados e violados, devido ao assédio protestante. A resposta de um dos síndicos é que elas poderiam ser “livres”, inferindo que o papel que elas cumpriam no convento era o de prisioneiras.

As freiras, no entanto, não se consideravam prisioneiras, como visto em outras passagens, elas reforçam a ideia de estarem ali por livre e espontânea vontade, embora estivessem sendo assediadas. É importante notar que neste momento o Convento já havia sido invadido, quando Blaisine foi retirada pelos protestantes. Aquelas que continuaram no convento passaram a ser assediadas pelos protestantes, que tentavam fazer com que elas mudassem de ideia. Nenhuma outra freira, no entanto, quis deixar o convento e a sua vocação. Desta forma, Jeanne reforça que as mulheres, mesmo enclausuradas, tinham escolha, e elas tinham escolhido continuar católicas e consagradas à vida religiosa e conventual. A elas era proposto que se casassem e abandonassem o hábito, mas elas se recusam exatamente porque tanto as vestes quanto o matrimônio espiritual eram escolhas irreversíveis. Desta forma, podemos entender que aquelas mulheres se consideravam livres, porque estavam

¹⁶⁴ “So we ask you very humbly to preserve and keep us as we are, and in holy seclusion, or else to grant us safe conduct to leave your city all together, without violence or crime to our bodies.” “What?” said the syndics. “Where will you go? The city will certainly allow you to stay here in your house, as long as you are prisoners no more and are free to come and go as you wish; and we will help those who want to marry, and the others may do as they wish. But you must change your clothing and say no more offices or masses. Do not think you will be allowed to leave the city whenever you wish!” These were very painful words to the sisters’ ears. Then mother vicaress said, “Alas, Messieurs, for the love of God, have pity on your poor daughters! You see how defenseless we are without locks. If those evildoers come to hurt us at night, who will stop them? Please give us some kind of protection.” “Very well,” said the syndic. “We will take care of you and protect you”. *Ibid.*, p. 145.

seguindo sua vocação e suas vontades em permanecer no convento, com aquelas vestes e no celibato. Assim, elas recusavam o marido, escolhendo viver na proteção do muro conventual mantendo seu estilo de vida.

Desta forma, podemos perceber a questão da agência feminina religiosa em defesa da religião católica e de seu modo de vida, mesmo que isto significasse viver de acordo com os princípios e as normas estabelecidos pela hierarquia clerical masculina. Para elas, o modo de vida religioso valia muito mais do que a “liberdade” que os protestantes tanto defendiam e a elas ofereciam. As freiras mantêm, no entanto, pulso firme em relação a sua decisão, pois sabiam que a situação em Genebra era incontornável. Elas apelaram, novamente, para a bondade dos homens, afirmando sua insegurança em relação aos protestantes – se eles não haviam respeitado o convento fechado com trancas, sem as fechaduras elas estariam ainda mais vulneráveis à violência física. Sabendo que talvez não conseguiriam conter a fúria dos protestantes, os síndicos permitiram que saíssem do convento.

Em uma discussão sobre a agência feminina em tempos de guerra na cidade de Dijon, na França, a historiadora Annette Finley-Croswite tratou da questão do abandono das cidades nos momentos de intensa violência e ameaças. Segundo a autora,

ao se recusarem a abandonar a cidade, as mulheres lutavam por sua hegemonia e apoiavam os interesses de suas famílias. Abandonar a cidade significava renunciar a uma autoridade política significativa associada à herança familiar e à sociabilidade do bairro¹⁶⁵.

Se elas fossem embora, renunciariam a uma importante fonte de poder político associada à história de suas famílias e à dinâmica social da cidade. Sair da cidade acarretaria consequências significativas não apenas para sua própria posição social, mas também para a influência de suas famílias e sua rede social local. Ou seja, no caso do convento de Santa Clara, enquanto elas estivessem em Genebra estariam defendendo seus interesses e os da Igreja Católica, e deixar a cidade seria renunciar à autoridade que elas e a própria Igreja ainda tinham, mesmo passando a ser minoria religiosa.

¹⁶⁵ “By refusing to abandon the city, women fought for their hegemony and supported their families’ interests. Deserting the city meant giving up significant political authority associated with familial heritage and neighborhood sociability.” FINLEY-CROSWHITE, S. Engendering the Wars of Religion: Female Agency During the Catholic League in Dijon. *French Historical Studies*, 20 (2), 1997, p. 148

Jeanne de Jussie reafirmou em sua crônica o prestígio que as freiras tinham em Genebra e, segundo ela, os reformadores sabiam disso:

Outras vezes ele dizia que elas [freiras] estavam causando divisões na cidade, impedindo-o de converter as pessoas porque renunciavam a tudo o que ele fazia, que a cidade nunca seria unificada na religião até que elas saíssem do convento, e outras palavras criminosas e imorais sobre elas e sobre os monges, que não me atrevo a escrever¹⁶⁶.

Foi provavelmente por este prestígio que as autoridades permitiram que elas saíssem da cidade e se dirigissem a outro local. Como os contatos e a autoridade do duque de Saboia eram ainda muito reconhecidos, é provável também que ele tenha influenciado nessa questão.

Jeanne reforçou por diversas vezes que as freiras não se sentiam seguras e não podiam praticar a religião livremente, afetando diretamente seu modo de vida. A saída foi a melhor escolha para que as freiras continuassem em segurança física e espiritual. Após a negociação com as autoridades, elas se prepararam para sair da cidade, como pode ser visto na Figura 3, imagem que retrata a partida das irmãs de Santa Clara. No dia do exílio, em 29 de agosto de 1535, Jeanne escreveu que ela e suas irmãs estavam unidas devido a uma promessa que tinham feito há algum tempo: “Todas fizeram promessas umas às outras e juraram lealdade”¹⁶⁷.

Tal lealdade não se destinava apenas a elas, mas também à religião católica: não importava o que houvesse, elas se manteriam juntas até o fim. Pensando no público leitor das crônicas, ou seja, as freiras de Santa Clara, ela reforçou este ponto de união e companheirismo, mostrando que nem mesmo diante de uma adversidade tremenda elas iriam se desligar umas das outras, ou cortar seus laços com a vida consagrada.

Segundo o relato de Jeanne, elas deixaram o convento de mãos dadas, duas a duas, e havia uma multidão reunida para vê-las saindo da cidade. De acordo com o relato, mesmo aqueles que eram contrários à vida reclusa das freiras foram tocados pela misericórdia de Deus e as protegeram das ameaças. Ela ainda relatou que, enquanto saíam, ouviram alguns comentários sobre elas, de católicos e de

¹⁶⁶ “At other times he said they were causing divisions in the city, preventing him from converting people because they renounced everything he did, that the city would never be unified in religion until they were out of the convent, and other criminal and immoral words about them and about the monks, which I dare not write.” JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 119.

¹⁶⁷ “Todas fizeram promessas umas às outras e juraram lealdade”. *Ibid.*, p. 135.

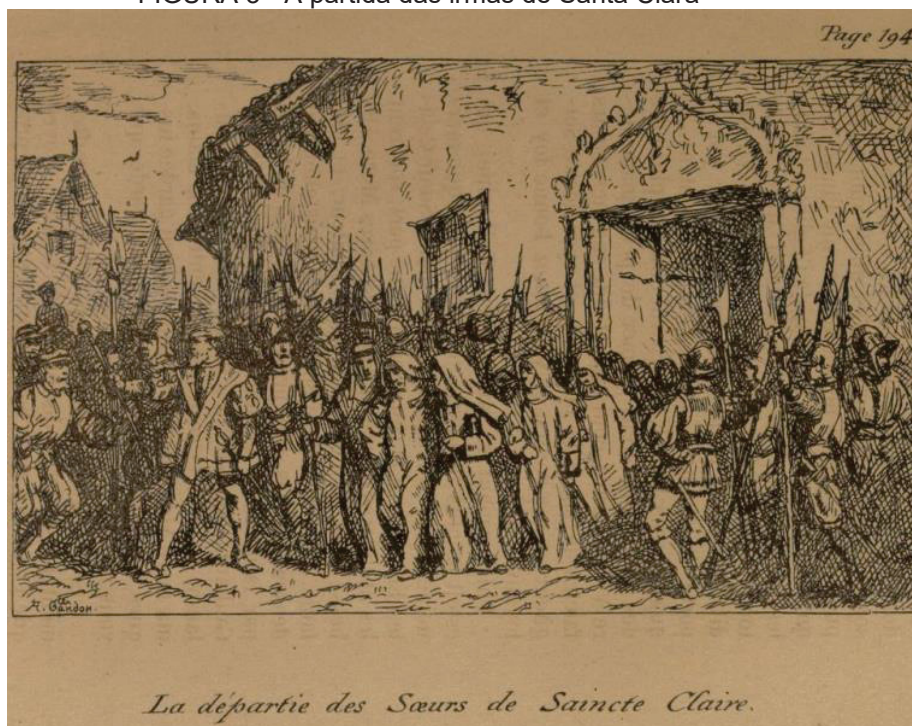
protestantes.

"Os outros, em tom de ridículo, fingiram chorar e disseram: 'Ai, Genebra, quem vai te proteger? Você está perdendo sua luz!' Os outros gritaram: 'Adeus, ratos! Eles deixaram seu ninho e vão se espalhar pelos campos como pobres criaturas perdidas.' Mas as pessoas de bem choraram amargamente, em grandes soluços, e até o síndico, quando chegou a hora de se despedir delas, foi tomado de tanta piedade que soluçou alto e derramou lágrimas amargas, e todo o seu grupo conduziu as irmãs em ordem até a ponte e se despediu delas, e ele disse: 'Adeus, nobres senhoras! Sua partida realmente me entristece.' E ele disse para si mesmo, como outro Caifás: 'Ah, Genebra, você está perdendo toda a sua bondade e luz!'"¹⁶⁸.

Jeanne pontua que, enquanto alguns fizeram troças com a situação, reafirmando o sentimento antimonástico que as motivou a sair da cidade, as pessoas de bem, ou seja, os católicos, realmente lamentaram a partida delas. Até mesmo aqueles que as viam com certo rancor foram tocados pela situação. Usando exemplos bíblicos, Jeanne chamou uma das autoridades de "Caifás", uma autoridade que teria afirmado ser a morte de Jesus necessária, pois "a morte de um levaria ao salvamento de toda a nação". Esse Caifás genebrino acreditava que as freiras deveriam sair da cidade para que as outras pessoas pudessem ser salvas, ou seja, pudessem se converter, pois como elas eram o porto seguro dos católicos, ao perdê-las, a salvação deles estaria garantida.

¹⁶⁸"The others, in ridicule, pretended to weep, and said, "Alas, Geneva, who will protect you? You are losing your light! "The others shouted, "Farewell, mice! They have left their nest and will scatter in the fields like poor, lost creatures. "But the good people wept bitterly, in great sobs, and even the syndic, when it came time to leave them, was moved with such pity that he sobbed loudly and shed bitter tears, and his whole company led the sisters in order to the bridge and told them good-bye, and he said, "Farewell, fine ladies! Your departure truly grieves me." And he said to himself like another Caiaphas "Hah, Geneva, you are losing all your goodness and light!" *Ibid.*, p. 171.

FIGURA 3 - A partida das irmãs de Santa Clara



FONTE: Le levain du calvinisme ou Commencement de l'hérésie de Genève, 1853.

O personagem de Caifás é visto como um traidor nas passagens bíblicas. É interessante notarmos que Jeanne recorre à Bíblia algumas vezes em sua crônica, mas ao fazer isto, sua intenção é explorar a força das metáforas e mencionar personagens que eram relativamente conhecidas pelas freiras, seu público-alvo. Neste sentido, sua escrita é distinta da escrita de outras mulheres religiosas da época que escreviam para um público majoritariamente masculino, recorrendo à Bíblia para embasar seus argumentos e dar-lhes autoridade, não deixando margem para discussão, pois desafiar o que estava escrito seria o mesmo que desafiar a própria Bíblia.

Assim que partiram, elas foram cruzaram por territórios amigos até chegar em Annecy. Em cada vila que passavam, contaram com a bondade de “bons cristãos”, ou seja, de católicos dispostos a ajudá-las. Muitos, ao saberem que as freiras eram protegidas do duque de Saboia, prestavam seus serviços.

O relato de Jussie tem elementos convencionais de perseguição às mulheres

religiosas, e de um quase martírio, frente às ofensas e ameaças à integridade física das noivas de Cristo. Mas, a crônica relata uma forte determinação das religiosas em resistir frente aqueles que tentaram impor sua religião e fazê-las abandonar a vida religiosa do claustro. Mais do que sofrimento passivo, as freiras do Convento de Santa Clara de Genebra reagiram aos protestantes com orações, palavras, e mesmo algumas ações violentas, como descreveu Jeanne, mas desse processo aflitivo e ameaçador, fortaleceram sua identidade religiosa e um estilo de vida comunitário.

4.2 Sob o véu da violência: a iconoclastia em Genebra no século XVI

Dentre os atos violentos praticados contra os católicos em Genebra, Jeanne de Jussie e suas irmãs presenciaram muitos atos de iconoclastia e levantes religiosos. De acordo com o historiador Jean Wirth, a palavra iconoclasta surgiu na língua francesa em meados do século XVI para conceituar a heresia dos destruidores de imagens sagradas¹⁶⁹. O historiador destaca que o debate sobre a iconoclastia se deteve principalmente no ataque às imagens, pois elas representavam a memória do sagrado, e ao longo da história do cristianismo os fiéis desenvolveram uma relação de proximidade afetiva com as imagens, como se fossem reais – conversam com as imagens, seguem-nas em procissão e tratam-nas como familiares. Embora houvesse outros símbolos sagrados, as imagens de Cristo, da Virgem e dos santos ofereciam uma presença mais concreta e sugestiva. Portanto, o ataque às imagens santas era um ultraje insuportável para os católicos, tão grave como profanações e blasfêmias.

Ainda segundo o autor,

Consideraremos, portanto, um ato iconoclasta como um ataque contra a imagem destinado a fazer cessar seu culto no sentido amplo, ou seja, as práticas de devoção ou simplesmente o respeito que a rodeia. Como definição, isso é suficiente, mas ainda precisamos perguntar se o ataque iconoclasta visa a imagem ou o que ela representa, geralmente uma pessoa e, através dela, uma instituição¹⁷⁰.

¹⁶⁹ WIRTH, Jean. Aspects modernes et contemporains de l'iconoclasme. *Historische Zeitschrift*. Beihefte, New Series, Vol. 33, Macht und Ohnmacht der Bilder. Reformatorischer Bildersturm im Kontext der europäischen Geschichte (2002), p. 455-481

¹⁷⁰ "On considerera donc comme acte iconoclaste un attentat contre l'image destine a faire cesser son culte au sens large, c'est-a-dire les pratiques de devotion ou simplement le respect dont on l'entoure. Comme definition, cela est suffisant, mais il faut encore se demander si l'attentat iconoclaste vise l'image ou ce qu'elle represente, le plus souvent une personne et, 'a travers elle, une institution". *Ibid.*

Já os levantes religiosos, segundo Natalie Zemon Davis, podem ser considerados “qualquer ação violenta, com palavras ou armas, feita contra alvos religiosos por pessoas que não agiam, formal e oficialmente, como agentes de autoridades políticas e eclesiásticas”¹⁷¹. Neste sentido, quem participava de levantes religiosos demonstravam sua indignação moral pelo estado das relações entre as pessoas e o sagrado.

As pessoas que se levantavam contra as imagens, segundo o historiador Carlos M. N. Eire, quando tinham poder suficiente, saqueavam igrejas, destruíam imagens, profanavam santuários e relíquias sagradas, além de roubarem hóstias consagradas para dar aos cachorros.¹⁷² Conforme o conceito de sagrado foi sendo ressignificado pelos protestantes, lugares considerados santos foram desaparecendo gradativamente. De adoradores de imagens, surgiram os destruidores de imagens. Ainda segundo o historiador, o sucesso da Reforma em Berna teve um grande efeito em algumas cidades próximas.

Genebra é uma cidade que oferece importantes dimensões sobre a iconoclastia protestante devido à riqueza de materiais disponíveis, sejam documentos oficiais guardados nos arquivos da cidade, sejam as crônicas, tanto de reformados, como Fromment, ou de católicos, como Jeanne de Jussie. A situação política da cidade, juntamente com as questões religiosas, culminou na forma como a Reforma Protestante ocorreu. Isso se deve ao fato de que, como visto anteriormente, a cidade era governada por um príncipe-bispo católico, o que fez acirrou ainda mais os conflitos e as intersecções entre política e religião.

Embora fosse um elemento importante, a iconoclastia não era a única forma de destruir elementos sagrados; a violência religiosa também poderia profanar lugares religiosos importantes para os católicos. De acordo com “A Crônica Curta”, atos iconoclastas começaram a ocorrer em 1529 em Genebra. Jeanne relatou que tropas bernesas invadiram o monastério franciscano de Genebra em 1530 e deixaram cerca de 200 carroças no claustro e na igreja, desonrando aquele solo sagrado. Além disto, estas mesmas tropas foram responsáveis por pegar o cibório – recipiente em que se colocam as hóstias já consagradas – e o jogarem na fogueira, marcando sua ira contra o “corpo de Cristo”.

¹⁷¹ DAVIS, Natalie Zemon., *op. cit.*, p. 130.

¹⁷² EIRE, Carlos M. N. *War against the Idols: The Reformation of Worship from Erasmus to Calvin*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Para os católicos a transubstanciação, ou seja, o ato de transformar do pão e vinho no corpo e sangue de Cristo após a consagração pelo sacerdote, era o momento culminante da missa. Os reformadores suíços, em particular, afirmavam que pão e vinho eram somente símbolos da aliança de Cristo com os homens, não ocorrendo uma transformação real na eucaristia. Neste sentido, o ato da transubstanciação para os protestantes não era considerado com fundamentação bíblica, apenas uma invenção da Igreja Católica. Conforme afirma Eire, “Os principais alvos [da iconoclastia] eram o culto dos santos, com suas imagens e relíquias, e a missa católica, com sua crença na transubstanciação e sua reverência à hóstia consagrada”¹⁷³.

A devastação causada por esses ataques foi profunda. Qualquer elemento sagrado para os católicos que fosse profanado, atingia profundamente a sensibilidade religiosa de todos, e em especial das freiras, como demonstraram quando ocorreu o caso dos sinos da cidade. Em 1529 Jeanne relatou que as freiras do convento de Santa Clara foram proibidas de tocar os sinos, um costume delas durante suas preces:

As pobres irmãs, que não sabiam nada disso, tocaram o sino à meia-noite, como de costume, para as matinas, o que irritou muitas pessoas. Eles imediatamente e impetuosamente enviaram guardas, que bateram na porta principal do convento com tanta força que o som ecoou por todo o convento. As pobres irmãs, que estavam na igreja, tremiam de medo. As madres porteiros, muito aterrorizadas, desceram e chamaram os irmãos leigos para descobrir o que estava acontecendo. Mas os irmãos estavam tão assustados quanto as irmãs. Mesmo assim, os irmãos leigos foram ver o que era. Então, os visitantes lhes disseram que as freiras estavam tocando os sinos demais e que, pelo grande demônio, não deveriam mais tocá-los até que tivessem permissão¹⁷⁴.

As irmãs do convento ficaram desorientadas, pois ao realizarem uma tarefa simples de sua rotina, elas enfureceram as autoridades. Além disto, Jeanne enfatizou a brutalidade com a qual bateram na porta, ou seja, algo incomum e que despertou muito medo nas freiras e nos homens que estavam no convento. Jeanne faz questão

¹⁷³ “Chief among their targets were the cult of saints, with its images and relics, and the Catholic Mass, with its belief in transubstantiation and its reverence for the consecrated host.” *Ibid.*, p. 3.

¹⁷⁴ “The poor sisters, who knew nothing of this, rang their bell at midnight as usual for matins, which angered many people; they immediately and impetuously sent guards, and they beat on the main door of the convent so hard that it resounded throughout the convent. The poor sisters, who were in the church, trembled with fear. The mother portresses, very terrified, went down and called for the lay brothers to find out what it was. But the brothers had no less fear than the sisters. Nevertheless, the lay brothers went to find out what it was. Then the visitors told them that the nuns were ringing the bells too much and that by the great devil they should not ring them anymore until they had permission”. JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 120.

de relatar as palavras enfurecidas dos homens que, utilizando uma linguagem apelativa, ordenaram que elas parassem de tocar os sinos. Elas não ousaram desobedecer a tal ordem, dado que os homens agiram com violência.

Os sinos, conforme explicado por Carrie F. Klaus, faziam parte do cotidiano da cidade de Genebra, transmitindo informações importantes para a população, como anúncios de mortes, horários de missas e rituais¹⁷⁵. Eles funcionavam como um sistema de comunicação crucial, especialmente porque o som se propagava com maior rapidez do que documentos escritos ou relatos verbais. Além disso, muitos sinos foram roubados e empregados para marcar o início de cultos protestantes. Jeanne interpretou isso como uma maneira de desafiar a antiga religião, rompendo com tradições já estabelecidas pela Igreja Católica.

Além dos elementos simbólicos importantes para a religião católica, a freira também descreveu como ela e suas irmãs testemunharam um convento próximo sendo consumido pelas chamas durante os ataques dos protestantes. Elas ficaram horrorizadas com a cena e temiam que algo semelhante pudesse acontecer com elas. “As pobres freiras de Santa Clara em Genebra viram a abadia queimando de seu jardim, e não há dúvida de que foi uma espada muito penetrante e dolorosa para elas e que esperavam nada menos que isso acontecesse com elas mesmas”¹⁷⁶. Observar o convento que era a casa de outras freiras causou uma onda de pânico entre as irmãs de Genebra, pois o claustro sempre foi um lugar tido como protegido e sagrado. A partir do momento em que elas presenciaram estes atos, entenderam que não estavam mais seguras nem em seu próprio espaço e no momento só poderiam esperar que o mesmo não acontecesse com elas. Os conventos, como mencionado, foram alvos dos ataques não apenas por abrigarem imagens sagradas, mas também por abrigarem as religiosas e seu estilo de vida celibatário.

Os levantes e a iconoclastia suscitaram o alarme na comunidade católica de que eram os alvos dos reformados. Muitos padres, frequentemente vestidos com túnicas longas, foram alvos de agressões durante as tentativas de invasão das igrejas, e muitos deles precisavam se disfarçar para conseguir se movimentar pela cidade. As vestes sagradas, conforme explicitado, marcavam a diferenciação entre os leigos e os

¹⁷⁵ KLAUS, Carrie F. The Sounds and Silence of the Early Reformation in Geneva in Jeanne de Jussie’s Short Chronicle. In: *Calvin and the Early Reformation*. 2019, p. 96-112.

¹⁷⁶ “The poor nuns of Saint Clare in Geneva saw the abbey burning from their garden, and there can be no doubt but that it was a very piercing and painful sword to them⁴⁸ and that they expected nothing less to happen to themselves.” JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 46.

clérigos. Esta distinção, no entanto, acabou atraindo mais violência para os religiosos e as religiosas. Jeanne, no entanto, enfatizou que muitos continuavam a usar as vestes, mesmo sabendo que poderiam ser atacados.

Durante um dos ataques dirigidos aos católicos, Jeanne descreveu quando um homem bateu em uma mulher na rua:

[...] ele começou a bater em uma pobre mulher pecadora. Quando ela viu que estava sendo agredida, começou a gritar e clamar, e olhou para a estátua da Virgem acima do portão e disse em voz alta: 'Santíssima Virgem Maria, por favor, ajude-me e venha em meu auxílio.' Diante dessas palavras, o homem perverso virou-se para a estátua com uma pedra na mão e disse à mulher: 'Você está realmente louca se pensa que ela vai te ajudar porque ela não tem poder e é tão virgem quanto você, uma prostituta pública.' No dia seguinte [13 de abril de 1532], uma grande multidão de pessoas se reuniu no portão para olhar a estátua, que estava coberta de sangue, no rosto e em outros lugares, e o sangue fluía milagrosamente da testa perto da coroa até abaixo da garganta. Vendo isso, os senhores governadores subiram até a estátua e observaram que era sangue milagroso¹⁷⁷.

Este relato de Jeanne é interessante por diversos motivos. Primeiro, porque ela descreveu a cena de agressão à uma mulher. Mesmo sendo uma “pecadora”, em nenhum momento Jeanne concordou que a mulher fosse “corrigida” pela agressão física. É necessário lembrarmos que em diversas passagens bíblicas Jesus andava com prostitutas, e dizia a todos que o escutavam que os pecadores poderiam se redimir de seus atos por amor a Deus. Em seguida, a mulher voltou-se para a estátua da Virgem Maria, suplicando por compaixão, tendo em vista a intimidade criada por tanto tempo com as imagens religiosas. Segundo Jeanne, ela clamou pela “Santíssima Virgem Maria” em busca de socorro.

No entanto, o protestante que não acreditava mais na santidade ou na virgindade de Maria, e muito menos na intercessão evocada pelo apelo às imagens religiosas, comparou a condição de vida da mulher que estava agredindo com a virgindade de Maria, cometendo uma violência insuportável para os católicos. Embora não escreva a respeito do desfecho, Jeanne comenta sobre o que aconteceu no dia

¹⁷⁷ “[...] he started to beat a poor, sinful woman. 112 When she saw she was being assaulted, she began to shout and scream, and she looked up at the statue of the Virgin above the gate and said out loud, “Blessed Virgin Mary, please help me and come to my aid.” At those words, the perverted man turned toward the statue with a rock in his hand and said to the woman, “You are really crazy if you think she will help you because she has no power and is as much a virgin as you, a public whore.” The next day [April 13, 1532] a great crowd of people gathered at the gate to look at the statue, which was covered with blood, on its face and in other places, and the blood flowed miraculously down its forehead from near the crown all the way down to below its throat. Seeing this, messieurs the governors climbed up to the statue and observed that it was miraculous blood”. *Ibid.*, p. 67.

seguinte: a estátua começou a verter sangue, um milagre para os católicos. Jeanne interpretou o caso como uma resposta ao chamado daquela mulher agredida, pois após os insultos, a Virgem Maria demonstrou sua resposta às súplicas, reforçando sua Santidade e Virgindade. Defendendo a Virgem Maria, pode-se inferir que Jeanne estava, indiretamente, defendendo as freiras, mulheres que escolheram uma vida de fé, devoção, orações e afastamento do mundo secular e, por isso, eram perseguidas pelos protestantes. Desta forma, o ato de proferir xingamentos à imagem da Virgem foi visto como desonra e ofensa, atingindo a todos os católicos.

Natalie Zemon Davis argumenta que o comportamento violento dos reformados refletia os mesmos objetivos da pregação: defender a “verdadeira doutrina” enquanto contestavam as falsas. Estes levantes ocorriam porque parte exaltada da população desejava purificar a comunidade, protegendo-a dos perigos que percebiam nos católicos, que consideravam como inimigos sujos e diabólicos. Estes indivíduos se disponibilizavam para erradicar as heresias, temendo que elas provocassem a ira de Deus, resultando em desastres naturais para a comunidade.

Neste sentido, muitas pessoas enxergavam a oportunidade de se livrar de imagens e de religiosos como um meio de purificação. Em um dos relatos compartilhados por Jeanne, ela descreve um incidente envolvendo um homem nascido em Genebra. Ele tentou causar a morte das freiras através de uma praga que rondava a cidade, mas elas foram salvas por Deus. Em sua escrita ela enfatiza sua devoção a Deus, principalmente por tê-las mantido em segurança durante os tempos mais conturbados.

Um homem chamado Michel Caddo [...] foi torturado com ferros em todo o seu corpo. Ele confessou e aceitou livremente o martírio. Confessou toda a sua empreitada e planos, dizendo que eles haviam iniciado a praga dois anos antes. Confessou que fizeram de tudo para envenenar e matar as irmãs de Santa Clara e seus bons pais e que planejavam transformar o convento em um belo castelo e viver nele. Muitas vezes chegaram até a porta do convento com a infecção, mas quando tentaram entrar, de repente viram três cavaleiros muito finos e excelentes diante deles, parados na porta, e eram incrivelmente finos e formidáveis, e cada um tinha uma cruz brilhante e fina na frente dele, o que os assustou tanto que nunca conseguiram prejudicar as irmãs ou o convento. Ele confessou que durante o perdão ele entrou com os outros, fingindo ir para o perdão, e infectou a arca, o touro e o relicário, para que todos fossem infectados. Mas pela graça de Deus, ninguém jamais foi tocado¹⁷⁸.

¹⁷⁸ “A man named Michel Caddo, a native of Geneva, was tortured with irons on his whole body. He confessed and freely accepted martyrdom. He confessed their whole enterprise and plans and said they had started the plague two years earlier. He confessed that they had done everything they could to poison and kill the sisters of Saint Clare and their good fathers and that they had planned to turn the

Jeanne, uma vez mais, mostra as freiras de Santa Clara testemunhando um milagre, ou seja, evidenciando o escudo de fé que as cercava. Embora os hereges tenham tentado infectá-las de diversas formas e vezes, elas conseguiram escapar ilesas, inclusive sendo protegidas por milagres. Diante disto, podemos entender que Jeanne acreditava que elas ocupavam um espaço importante na sociedade e que Deus as guardava por elas serem defensoras da religião católica na cidade; além disso, elas suportaram muitas adversidades em nome da religião, então Deus as havia poupado. Apesar disso, o fato de os protestantes terem atentado contra a vida delas mostra, na narrativa, como a guerra religiosa estava se tornando real e ameaçadora à vida das religiosas.

Como rituais de purificação, os atos coletivos de violência visavam devolver os bens considerados profanos ao mundo corrupto ao qual pertenciam, principalmente através da destruição de imagens. Este processo de purgação era considerado crucial pelos protestantes, pois fortalecia a coesão social, eliminando os falsos deuses e seitas que dividiam a sociedade. Segundo Natalie Zemon Davis, a violência dos levantes religiosos se distinguia das ações das autoridades políticas, que legalmente tinham o poder de silenciar, humilhar, destruir, punir e executar. Além disso, esses levantes nem sempre eram conduzidos por pessoas comuns, muitas vezes envolvendo indivíduos influentes da comunidade em que viviam.

Além de buscar a verdade e a purificação, estes levantes também eram motivados por questões políticas. Se o governo não conseguia manter a paz em uma sociedade dividida pela religião, a população sentia-se obrigada a agir e restaurar a justiça na comunidade. Segundo Davis, a população acreditava na legitimidade de suas ações, especialmente quando algumas autoridades apoiavam ou participavam dos tumultos iconoclastas, conferindo-lhes legitimidade. Jeanne relatou um confronto entre a madre vigária e os reformadores, questionando em nome de qual autoridade eles cometiam tais atos, referindo-se a destruição de objetos sagrados.

convent into a fine castle and live in it. They had often come all the way up to the convent door with the infection, but when they tried to get in, they suddenly saw three very fine and excellent knights in front of them, standing at the door, and they were amazingly fine and formidable, and each one had a fine shining cross in front of him, which frightened them so much that they were never able to harm the sisters or the convent. He confessed that during the pardon she had come in with the others, pretending to come for the pardons, and had rubbed and infected the trunk, the bull, and the reliquary, so that they should all have been infected. But by the grace of God no one was ever touched". *Ibid.*, p. 57.

Mas a madre vigária disse: “Clamaremos a Nosso Deus Bendito até recebermos d’Ele ajuda e graça. Mas você que faz obras diabólicas, sob a autoridade de quem você faz tal violência? Senhores síndicos e governadores não estão aqui. Pedimos-lhes uma explicação e que se faça justiça e nos digam o que o leva a nos torturar assim sem motivo”. Isso surpreendeu um pouco alguns deles. Os outros, como lobos vorazes, não paravam de devorar cada objeto de piedade que encontravam.¹⁷⁹

Se as autoridades tivessem participado deste levante, considerando a relação relativamente amigável com as freiras, certamente poderiam dialogar para obter o melhor resultado possível e evitar que alguém saísse ferido. No entanto, como os civis estavam agindo por conta própria, o diálogo se tornava mais difícil. Além disso, os invasores não tinham feito nenhuma promessa de proteção às freiras, como, de certa forma, as autoridades teriam feito. Sem essa via de diálogo, a situação se tornava ainda mais complexa. Jeanne comenta sobre o comportamento animalesco de alguns homens, comparando-os a lobos vorazes que destruíram tudo pelo caminho.

Ainda segundo Davis,

A profanação de estátuas e pinturas religiosas poderia ocorrer à noite, especialmente nos primeiros anos, quando se tratava de um pequeno número de protestantes esgueirando-se numa igreja. Mas a maior parte dos levantes religiosos é regulada pelos rituais, e a violência frequentemente parece uma curiosa continuação do rito¹⁸⁰.

Embora por algum tempo se tenha acreditado que os protestantes estariam em guerra apenas pelas imagens e contra a idolatria, enquanto a Igreja Católica derramava o sangue de fiéis reformados, esta hipótese não se sustenta, dado que muitos católicos foram perseguidos e mortos devido à religião. Jeanne relatou que um “bom católico” da cidade foi preso por defender o catolicismo. Embora este senhor tivesse dinheiro para sair da prisão, pois era um rico comerciante, ele foi mantido “cruelmente” na prisão. Após ser torturado com cordas, foi esquartejado e seu corpo levado à forca. De acordo com a freira, o único motivo para isto acontecer era porque “ele lutou virilmente pela sagrada religião”; neste caso, as autoridades precisavam passar uma mensagem contra aqueles que ainda defendiam a religião católica, por

¹⁷⁹ “But mother vicaress said, “We will cry out to Our Blessed God until we receive help and grace from Him. But you who do devilish works, on whose authority do you do such violence? Messieurs the syndics and governors are not here. We ask them for an explanation and to see that justice is done and to tell us what brings you to torture us like this for no reason.” This surprised some of them a bit. The others, like ravenous wolves, did not stop devouring every object of piety they found”. *Ibid.*, p. 140.

¹⁸⁰ DAVIS, Natalie Zemon., *op. cit.*, p. 143.

isso decidiram executá-lo. Mas até mesmo estas lamentaram o ocorrido, segundo Jussie, e o síndico que o havia julgado chorou tanto “que você poderia lavar as mãos debaixo do queixo dele com as lágrimas”¹⁸¹.

Desta forma, ela demonstrou que apesar de ter dado a sentença, o juiz prontamente se arrependeu de seu ato. No entanto, as perseguições religiosas continuaram mostrando que talvez o juiz apenas tivesse uma afinidade com o homem em questão e não, necessariamente, estaria arrependido de tê-lo perseguido por suas ideias religiosas. No entanto, Jussie entendeu o ato como uma forma de mostrar seu pesar.

Havia também a questão protestante com as imagens sagradas: quebrá-las rapidamente e com bastante energia não era o suficiente para purificar a sociedade; era necessário mexer com todos os signos da religião, como a hóstia, as pias de água benta, móveis, entre outros. De acordo com Jeanne,

Eles também quebraram as cadeiras e os púlpitos das irmãs, que eram bonitos e feitos de boa noqueira. Também quebraram o atril e o livro que estava sobre ele, e acredito que nunca antes se ouviram gritos e lamentos tão lastimáveis como os das pobres irmãs, e várias delas, angustiadas, desmaiaram e ficaram sem palavras¹⁸².

O ato de quebrar até mesmo os móveis do convento mostra como a raiva dos protestantes estava direcionada a qualquer pertence que estivesse no âmbito sagrado. Embora estes móveis fossem estimados pelas freiras, para os protestantes eles não tinham significado nenhum. Assim, segundo Jeanne, a cena teve forte impacto emocional nas freiras, pois muitas delas passaram mal ao presenciar o ocorrido, seja pela violência ou pelos objetos sagrados. Os católicos possuíam uma grande diversidade de objetos religiosos que poderiam ser alvo de vandalismo, e a sua destruição estava relacionada à perspectiva protestante sobre o seu uso inadequado.

Eles acreditavam que esses objetos, ao serem adorados, desviariam a atenção das pessoas daquilo que realmente era importante, a salvação pela fé. Segundo Wirth,

¹⁸¹ “You could have washed your hands underneath his chin with his tears”. JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 108.

¹⁸² “They also smashed the sisters’ chairs and pulpits, which were handsome and made of good walnut. Also the lectern and the book that was on it, and I believe that such piteous cries and lamentations as the poor sisters made had never been heard before, and several of them, in anguish, swooned and were speechless”. *Ibid.*, p. 140.

a idolatria não era simplesmente adorar um objeto físico, mas também englobava qualquer forma de devoção considerada “incorreta”¹⁸³. Neste sentido, os reformados não se preocupavam apenas com a idolatria às imagens, mas também com o comportamento das pessoas em contextos litúrgicos e sociais. Segundo Jeanne, quando Farel chegou a Genebra, ele começou a pregar secretamente às pessoas. Para ela, aqueles que estavam “infectados pela sua heresia” juntaram-se para ouvi-lo pregar.

Ela também elencou que “eles condenaram completamente a Santa Missa como sem valor e os divinos sacramentos como coisas imundas e abomináveis e todos os outros sacramentos da santa igreja”¹⁸⁴. A missa era um ritual central na vida das freiras, pois elas participavam da celebração mesmo que fosse apenas cantando. Por isso, considerá-la como sem valor ou negá-la, a deixou muito contrariada. Neste sentido, os católicos viam a nova religião como heresia, enquanto os protestantes consideravam como heresia a antiga. Por isso, era frequente encontrar o conceito de idolatria tanto entre os católicos quanto entre os protestantes. Conforme explica Wirth, o que um grupo considerava como devoção, o outro rotulava como idolatria.

Dentre os participantes dos atos iconoclastas, havia muitas mulheres. Segundo Julie Hardwick,

As mulheres trabalhadoras, assim como os homens, eram fervorosas defensoras da nova fé, especialmente nas áreas urbanas. Elas demonstraram seu compromisso e propagaram as novas crenças de várias maneiras, desde a destruição de estátuas até a recusa de observar os dias dos santos católicos e a realização de serviços religiosos em suas casas¹⁸⁵.

Conforme tratado no primeiro capítulo, muitas mulheres em Genebra faziam questão de demonstrar sua recusa pela religião católica, trabalhando em dias religiosos que deveriam ser guardados, principalmente em trabalhos de lavar e costurar; muitas delas, no entanto, iam além, e invadiram o convento, um lugar sagrado, para tentar pregar às freiras e tentar convencê-las a se converter.

¹⁸³ WIRTH, Jean., *op. cit.*

¹⁸⁴ “They completely condemned the Holy Mass as worthless and the divine sacraments as filthy and abominable things and all the other sacraments of the holy church”. *Ibid.*, p. 127.

¹⁸⁵ “Working women as well as men were ardent supporters of the new faith, especially in urban areas. They demonstrated their commitment and propagated the new beliefs in a variety of ways, from smashing statues to refusing to observe Catholic saints’ days to hosting church services in their homes”. HARDWICK, Julie., *op. cit.*, p. 349.

No sábado, festa de Monsenhor Santo Agostinho [28 de agosto], o tenente voltou com dezoito dos maiores hereges, todas pessoas importantes, e a irmã apóstata [Blaisine Varember], e trouxe consigo a esposa do boticário Aymé Levet, que estava se intrometendo em pregações e proclamando o Evangelho. As pobres irmãs refugiaram-se todas na igreja como de costume, pedindo socorro e auxílio de Nosso Senhor. Depois que os hereges disseram muitas coisas terríveis, eles disseram àquela mulher de língua diabólica: "Lady Claude, cumpra seu dever!"¹⁸⁶.

Invadir o convento e obrigar as freiras a ouvirem o que as protestantes consideravam ser "heresia", pode ser visto como uma forma de desrespeitar as autoridades e impor a religião protestante. Ao descrever a cena da invasão do convento, Jeanne mostra seu descontentamento com a atitude de uma das mulheres de se intrometer nas pregações protestantes e proclamar o Evangelho. A ideia de se refugiarem rapidamente pode ser entendida como a vontade delas de ter o menor contato possível com as heresias proferidas pelos protestantes, marcada pela frase de Jeanne, "mulher de língua diabólica".

É interessante perceber que os reformados iam acompanhados de mulheres para tentar convencer as freiras a deixarem o convento e se casar; era uma tentativa, pois as mulheres deviam contar sua experiência com a religião, que não implica na negação do matrimônio e da maternidade, reforçando os valores e os princípios do protestantismo naqueles primeiros momentos de confronto entre católicos e protestantes. Um homem que tentasse convencê-las dificilmente teria êxito, enquanto uma mulher poderia ser mais convincente. Um caso emblemático narrado na crônica é a chegada de Marie Dentière no convento, tentando converter as freiras ao falar das benesses do casamento, embora não tenha conseguido êxito.

Nem todas as invasões ao convento resultaram em agressão física, mas todas foram marcadas por violência, já que as freiras se sentiam profundamente ameaçadas pelas várias tentativas de conversão. Isso gerava um medo constante em relação ao futuro, motivo pelo qual se reuniram e decidiram permanecer juntas, independente do que houvesse, desde que pudessem permanecer freiras e católicas. De acordo com a cronista, as freiras pediram às superiores para que lutassem por elas.

¹⁸⁶ "On Saturday, the Feast of Monseigneur Saint Augustine [August 28], the lieutenant returned with eighteen of the biggest heretics, all prominent people, and the apostate's sister, and she brought with her the apothecary Levet's wife, who was meddling in preaching and proclaiming the Gospel. The poor sisters all took refuge in the church in their usual manner, seeking help and aid from Our Lord. After the heretics said many dreadful things, they told that devilish-tongued woman, "Lady Claude, do your duty!". JUSSIE, Jeanne de., *op. cit.*, p. 159.

Ó, nossas mais amadas mães, tenham piedade de nós e ajudem suas pobres filhas neste perigoso momento de tristeza. A angústia nos cerca, pois se formos separadas e afastadas de sua companhia, não podemos ter certeza de que não cairemos nas mãos deles, e se permanecermos, não poderemos escapar do perigo corporal, exceto por assistência divina. Por isso, pedimos que rezem por nós e façam tudo o que puderem para nos ajudar, porque estamos dispostas a morrer por Deus. Se nos levarem à força, não hesitem em fazer o possível para nos tirar deles, pois preferimos ser cortadas em pedaços a nos render. E prometemos fazer o nosso melhor para sermos fiéis¹⁸⁷.

Jeanne relatou o desespero dela e de suas irmãs, que não desejavam ter contato com os protestantes. Invocando a figura da proteção materna, as freiras suplicam para que as mães lutassem por elas, sabendo do amor entre mãe e filho que a Igreja Católica por tantos anos ressaltou, bem como o sofrimento de Maria por Jesus. O medo de Jeanne presente nesta passagem, vem da incerteza do que poderia acontecer com as freiras; a segurança corporal, a virgindade e o celibato importavam muito para elas como noivas de Cristo.

Elas confiaram seus corpos às mães, mas também sinalizavam crer na intervenção divina. Também afirmavam estar dispostas a lutar contra os protestantes, preferindo o esquarteramento a terem seus corpos tocados por mãos pecadoras, ou a conversão forçada. Jeanne, desta forma, marca a sua decisão e a decisão de suas irmãs, mostrando seu compromisso com o celibato e com a religião católica. Sabendo que seus escritos seriam lidos pelas clarissas, seus escritos reforçaram a devoção e o amor que tinham pela religião, lutando até a morte se preciso fosse.

Além dos casos de iconoclastia, existem relatos em que Jeanne se refere a como alguns iconoclastas, por fim, se arrependeram de suas ações ao acreditar que foram punidos.

Uma cruz de madeira que estava em frente ao convento de Madame Santa Clara foi arrancada e jogada no poço por um desgraçado que havia participado da destruição das igrejas e lugares sagrados. Ele não ficou sem punição, pois no mês de novembro, três desses profanadores foram atingidos pela peste e morreram no hospital. Dois deles retornaram a Deus e confessaram publicamente ter derrubado a cruz e outros crimes, pedindo perdão e acabando como bons cristãos. O terceiro nunca reconheceu seu

¹⁸⁷ "O our most beloved mothers, have pity on us, and help your poor children in this sorrowful danger. Anguish is all around us, for if we are parted and taken from your company, we cannot be certain not to fall into their hands, and if we remain, we cannot escape bodily peril except by divine assistance. And so we ask you to pray for us, and to do all you can to help us, because we are willing to die for God. If they take us by force, do not be afraid to do your best to get us away from them, for we would rather be chopped into pieces than give in to them. And we promise to do our best to be faithful". *Ibid.*, p. 135.

Deus e morreu em sua heresia e teimosia¹⁸⁸.

Mais uma vez, no conflito entre católicos e protestantes, ela defende a religião católica; aqueles que atacavam e praticavam iconoclastia eram castigados, mas caso se arrependessem e voltassem ao catolicismo seriam perdoados. Desta forma, ela usou como exemplo a peste, a mesma doença que as irmãs do convento de Santa Clara não pegaram, pois eram protegidas por Deus. Neste caso, o “pecador” que blasfemou contra a cruz pagou caro por seu erro e morreu.

Jeanne, como devota, demonstrou com felicidade a reconversão daqueles que tinham “caído na heresia”, pois acreditava que eles tinham voltado ao bom caminho. Ainda assim, ela demonstra sua tristeza pelos bens que foram destruídos. Da mesma forma, o convento, espaço sagrado, foi profanado diversas vezes:

Em junho daquele ano, em uma manhã de domingo [9 de junho], alguns homens audaciosos postaram grandes cartazes impressos em todas as portas das igrejas em Genebra, expondo todas as principais reivindicações da perversa seita luterana, mas eles foram logo arrancados por bons cristãos. Após recitar as matinas, um dos senhores cônegos, um bravo e bom católico que enfrentava os hereges, arrancou os cartazes que eles haviam colocado na igreja de São Pedro, o que enfureceu aqueles agitadores. Um deles sacou a espada e o golpeou no braço, e ele perdeu quase todo o seu sangue, ficando doente na cama por muito tempo; ninguém achava que ele iria sobreviver, e todas as pessoas honradas lamentavam por ele. No entanto, com a ajuda de Deus, em cuja honra ele havia arriscado sua vida, ele foi curado pelos bons cuidados do cirurgião¹⁸⁹.

Jeanne narra os eventos com fervor heroico, assumindo abertamente o lado católico e defendendo-o com afinco. Em sua narrativa, os católicos são heróis corajosos, protegidos por Deus e por outros cristãos devotos. As batalhas são retratadas como brutais e perigosas, com a morte sempre à espreita. No entanto, a

¹⁸⁸ “A wooden cross that stood in front of the convent of Madame Saint Clare was pulled up and thrown into the well by a wretch who had been at the destruction of the churches and holy places. He did not remain unpunished, for in the month of November three of those profaners were struck with the plague and died in the hospital. Two of them returned to God and publicly confessed to throwing down the cross and to other crimes, and they asked for forgiveness and ended up as good Christians. The third one never recognized his God and died in his heresy and stubbornness”. *Ibid.*, p. 60.

¹⁸⁹ “In June of that year, on a Sunday morning [June 9], some brazen men posted large printed placards on all the church doors in Geneva, stating all the principal claims of the perverse Lutheran sect, but they were soon torn down by good Christians. After saying matins, one of messieurs the canons, 126a brave and good Catholic¹²⁷ who stood up to the heretics, tore down the placards they had posted at Saint Peter’s church, which angered those troublemakers. One of them drew his sword and struck him in the arm, and he lost almost all his blood and was sick in bed for a long time; no one thought he would live, and all the honorable people grieved for him. However, with the help of God, for whose honor he had risked his life, he was healed by the surgeon’s good care”. *Ibid.*, p. 71.

intervenção divina garante a vitória aos católicos, salvando-os de perigos mortais. Em contrapartida, os protestantes são relegados a um segundo plano, quando não completamente ignorados. Afinal, na perspectiva de Jeanne, a vitória católica seria inevitável e absoluta.

Os atos de iconoclastia também contaram com a ajuda de pessoas que foram subornadas para abrirem as portas das igrejas.

Durante a primeira semana do próximo mês de agosto [2–8] o mosteiro de São Victor foi completamente saqueado. Cinquenta florins foram dados a pobres assalariados que os ajudaram a abrir a igreja para destruí-la completamente, junto com o priorado e o mosteiro, o que foi feito. Os monges se refugiaram, mas não sei onde. Foi transformado em solo profanado. Dizia-se que, por um tempo, quando você passava por lá, podia ouvir as almas dos que partiram chorando e lamentando audivelmente dia e noite e que era uma coisa serena e muito lamentável, e não era sem causa, porque muitas pessoas santas foram enterradas lá. Era a igreja mais antiga de Genebra e uma das sete paróquias, juntamente com o convento de São Bento¹⁹⁰.

Este trecho mostra como os ataques eram muito bem planejados, contando até com pessoas pagas para ajudar na destruição da igreja. Jeanne também marca sua incerteza em relação à comunidade monástica, que fugiu, mas ela não sabia para onde. Além disso, ela comenta sobre a profanação do solo sagrado e a intenção deles em não deixar nenhum vestígio de elementos católicos naquele lugar, arrasando-o por completo. Porém, com a destruição destes lugares, os lamentos daqueles que tiveram o seu túmulo destruído eram ouvidos por quem ali passava. Destacando este elemento, Jeanne reforça como as igrejas eram territórios sagrados, e que aqueles que os violassem poderiam ser assombrados pelos mortos.

As igrejas, mais do que qualquer outro lugar, representavam o poder clerical e pontifical, com sua arquitetura e obras de arte cristãs. Após a expropriação e destruição de muitas igrejas em Genebra, a cidade passou por uma reformulação não apenas na liturgia, mas também na arquitetura: as igrejas restantes foram limpas e pintadas de branco, indicando que os símbolos e sinais católicos já não faziam mais parte da cultura religiosa de Genebra no século XVI.

¹⁹⁰ “During the first week of the next month of August [2–8] the monastery of Saint Victor was completely pillaged. Fifty florins were given to poor wage earners who helped them open the church to destroy it completely, along with the priory and monastery, which was done. The monks took refuge, but I do not know where. It was turned into profaned ground. It was said that, for a while, when you walked by there you could hear the souls of the departed wailing and lamenting audibly day and night and that it was a serene and very piteous thing, and it was not without cause, because many holy people were buried there. It was the oldest church in Geneva and one of the seven parishes, along with the priory of Saint Benedict”. *Ibid.*, p. 106-7.

A erradicação completa do culto católico na cidade representou, de fato, o triunfo da Reforma Protestante em Genebra – uma vitória alcançada através da participação popular em diversas formas de iconoclastia. Os registros de Jeanne de Jussie, no entanto, ilustram como a resistência das freiras às ações protestantes foram significativas, assim como os atos de iconoclastia testemunhados pelas freiras do Convento de Santa Clara ajudam a compreender não só a violência religiosa, mas as interpretações e as sensibilidades dos católicos quando em minoria - como se deu na cidade de Genebra.

Neste sentido, podemos afirmar que foram várias as formas de atuação religiosa praticadas e registradas em “A Crônica Curta”, desde o silêncio, as ações diretas, os debates, entre outros; em específico, aqui, destacamos a escrita de Jeanne de Jussie, uma das formas que ela utilizou tanto para se comunicar com amigos e autoridades, pedindo ajuda para as freiras do Convento de Santa Clara, mas também como forma de testemunho para as gerações futuras de freiras.

Por diversas vezes, Jeanne reafirmou o papel das freiras como pessoas ativas que lutaram para defender a Igreja e a fé católica na cidade. Ela também reforçou os princípios que orientavam a vida das freiras, como sua vocação e o celibato. Partindo desta convicção, ela desejava atrair a atenção de seus leitores e ouvintes, contando uma “história entre o bem e o mal”, ou seja, entre católicos e protestantes, respectivamente, pelo olhar e a pena de alguém que estava do lado “certo” na batalha.

Sua escrita não foi somente um recurso de pessoa letrada, mas um símbolo de fé e resistência, desafiando o domínio protestante que se instaurou em Genebra, além de denunciar as violências verbais, físicas e a iconoclastia que os católicos sofreram naqueles anos iniciais da Reforma Protestante - inclusive elas, que estavam enclausuradas e supostamente mais protegidas. A ação e devoção destas mulheres católicas foi o que as fez perseverar em tempos tão conturbados, pois acreditavam que elas deveriam honrar a Deus, permanecendo fiéis à fé e à Igreja Católica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo principal analisar a agência religiosa feminina durante os anos iniciais da Reforma Protestante por meio da experiência das freiras do Convento de Santa Clara, em Genebra, descrita pela freira Jeanne de Jussie, no que mais tarde se tornou o livro “A Crônica Curta”. A agência daquelas mulheres num tempo conturbado e violento, mostra como elas lutaram para manter seu estilo de vida diante de uma nova religião que não aceitava seu papel na sociedade, afirmando que as mulheres cristãs deveriam exercer os papéis de mães e esposas. No entanto, as mulheres do convento pareciam lutar mais do que pela religião, mas também pelas diversas possibilidades que os conventos ofereciam numa sociedade que impunha muitos limites para as mulheres.

Como uma narrativa de testemunho, a escrita de Jeanne estava intrinsecamente ligada aos acontecimentos e ela fez questão de explicar que as tensões políticas de Genebra contribuíram para as mudanças drásticas na vida do Convento. Assim como abordado no primeiro capítulo, a Reforma Protestante mudou energicamente as estruturas políticas de Genebra, envolvendo as autoridades, religiosas e laicas, obrigando todos a agirem; enquanto os católicos cada vez mais fugiam da cidade, os protestantes encontravam ali um refúgio e procuraram criar uma cidadela cristã pelos princípios reformadores. Neste sentido, foi necessário entender a agência religiosa feminina, das religiosas e das leigas, na forma de expressarem seus valores, seus princípios religiosos e crenças. Através de suas escolhas e ações elas mostraram sua capacidade e habilidade para lidar com as adversidades, sendo inspiradas por Deus e pelos santos, e tendo autonomia para decidir o que era melhor para elas diante das possibilidades que se apresentavam.

No segundo capítulo, percebemos que as mulheres católicas, leigas e consagradas, agiram de diversas formas. Algumas como freiras, rezando e se dedicando a Deus, como também tendo que ser mais ativas, fazer contatos, alianças, desafiando homens e até mesmo usando a força física, ou formas inusitadas para afastar os protestantes. Podemos perceber, na escrita de Jeanne, como ela narrou todos estes acontecimentos esperando contar a história do Convento de Santa Clara para poder inspirar outras freiras a permanecerem e lutarem pela religião católica e pela vida consagrada. Como foi analisado no terceiro e quarto capítulo, as freiras faziam suas escolhas – inclusive Blaisine, a freira que deixou o convento, o fez por

escolha própria –, tinham segurança de sua vida religiosa e eram capazes de lutar com palavras e gestos contra os ataques ao seu modo de vida conventual.

Apesar do casamento e da maternidade serem defendidos pela Igreja Católica, as funções religiosas gozavam de um lugar especial em relação ao modo de vida dos laicos. Convencidas pelos ideais da Igreja de que ocupava o lugar mais sagrado na sociedade – considerando o celibato, a viuvez e o matrimônio, respectivamente –, Jeanne e suas irmãs, como noivas de Cristo, acreditavam que sua relação com Deus era especial, e por isto elas eram estimadas por Ele, por lutarem em defesa de sua fé. Neste sentido, elas o fizeram para manter o *status* de mulheres religiosas, ainda mais considerando que as mulheres tinham pouca estima na sociedade da época. As freiras de Genebra eram estimadas e respeitadas pelos cidadãos e as autoridades, o que lhes concedia certo poder em algumas questões.

Embora se passasse a imagem de que o mundo protestante era mais afeito à liberdade para as mulheres, com uma estrutura igualitária e sem hierarquias, sob o relato de Jeanne as freiras pareciam estar satisfeitas com suas escolhas a ponto de lutarem para permanecer naquele estilo de vida, mesmo que isto implicasse a submissão às hierarquias clericais masculinas. Para elas, o que importava era sua vocação e a manutenção do estilo conventual. Da mesma forma, a vida comunitária e a autoridade que elas adquiriram dentro do convento, impulsionaram as estratégias de resistência que usavam para manter seus conventos abertos, tudo isto em prol de sua vida conventual e em defesa da religião.

Neste sentido, elas não foram apenas contra os protestantes que recusavam a vida monástica e o celibato, mas lutaram também por suas casas, onde tinham acesso à educação e podiam professar sua fé, estudar, escrever e mesmo se dedicar às artes. Como mulher, Jeanne acreditava que elas enfrentavam tempos muito difíceis, principalmente por não terem acesso, ou treinamentos para usar as armas de guerra que os homens usavam; mas, com sua escrita, ela mostrou que as freiras podiam lutar com outras armas. Assim, as freiras de Santa Clara sobreviveram por bastante tempo após as primeiras incursões protestantes, principalmente em momentos em que os embates se radicalizaram; mesmo que sua segurança fosse abalada, sua fé em Deus e em seu modo de vida permaneciam firmes. A escrita, como arma, não foi mobilizada somente para narrar, mas para testemunhar e suscitar nas leitoras e ouvintes, o ânimo para a luta em defesa da sua vida religiosa e de sua fé.

Revedo as perguntas que deram início a esta pesquisa, do papel das

mulheres católicas durante a Reforma Protestante, é preciso lembrar que a escolha pela crônica de Jeanne de Jussie não foi aleatória. O relato de Jeanne é uma reafirmação do papel e da importância das freiras numa sociedade que, por razões religiosas, as ameaçava, principalmente ao alegar que seu modo de vida era inútil e não tinha nenhuma sustentação na verdade bíblica, ou no Evangelho. Jeanne usa a escrita como forma de documentar os eventos e experiências, permitindo nosso acesso aos acontecimentos por meio das vozes femininas religiosas numa época em que a maioria das mulheres não podia escrever e nem compartilhar suas visões de mundo, principalmente pela falta de acesso à educação e à escrita.

Considerando o crescimento dos estudos sobre gênero e religião nos últimos anos, o relato de Jeanne nos ajuda a ter uma compreensão da experiência feminina as transformações da cidade de Genebra, de um domínio católico para protestante, bem como seus impactos nas vidas das religiosas católicas, permitindo entender como a religião foi importante para as mulheres, não pelo viés da opressão e do silenciamento, mas da agência e da organização de um modo de vida e de subjetividades religiosas. Desta forma, espero que esta pesquisa contribua para o campo de estudos de história das mulheres e da religião, demonstrando que mesmo mulheres que foram consideradas passivas, como as freiras, tiveram um protagonismo importante num contexto de conflitos religiosos. Ainda que não questionasse as estruturas do poder e as hierarquias religiosas e de gênero, elas muito fizeram e lutaram por si, por suas comunidades e por sua religião.

Esta dissertação buscou se aproximar o quanto possível das escolhas de mulheres ativas, que lutaram por sua fé e seu modo de vida, surpreendendo muitas pessoas de sua época que não esperavam que freiras se rebelassem e lutassem. Entendendo os limites de uma pesquisa de mestrado, bem como da fonte utilizada, penso que a pesquisa apresentada contribui com a compreensão das subjetividades religiosas femininas, embora não esgote as reflexões em torno do tema.

Além disso, é importante levarmos em conta, no âmbito da história das mulheres, o impacto dos conflitos religiosos sobre elas, principalmente pelas poucas alternativas que se apresentavam socialmente quando comparadas aos homens, mesmo aqueles que abandonaram a vida monástica. No entanto, embora fossem mais isoladas pelos limites do claustro, elas suportaram os reveses e resistiram aos embates, principalmente porque sabiam que a alternativa que as esperava fora do claustro era se adequar a uma sociedade que renegava sua vocação. Está aí um

diferencial da escrita de Jeanne, pois mesmo sabendo que as freiras não tinham tantas alternativas, sua escrita motiva a ação e a reação em defesa de sua vida consagrada. Superando ameaças ao convento e ao próprio corpo das religiosas, elas conseguiram organizar a defesa religiosa em outro campo que não o da guerra de exércitos. Seu campo de batalha foi a fé e a palavra combativa.

Neste sentido, “A Crônica Curta” mostra como a escrita informou sobre questões religiosas complexas, permitindo reflexões de gênero, sobre a educação feminina e os lugares limitados para as mulheres naquela sociedade. Através de seu relato, podemos compreender como se deu o contexto histórico, assim como todos os embates e as experiências femininas naquele início dos conflitos religiosos da Reforma Protestante, não apenas de mulheres consagradas, mas também das mulheres leigas e até mesmo das reformadas. Da mesma forma, espero que este trabalho possa contribuir para os estudos de História Moderna, problematizando o protagonismo das mulheres e mostrando as suas possibilidades de ação, entre elas, a escrita.

Desejo que esta pesquisa de História Moderna, História Cultural e História da Religião seja um instrumento a se somar na compreensão das mulheres como sujeitos ativos, com possibilidades de escolha e de expressão, de força de vontade e de certa autonomia, mesmo em contextos mais restritivos, seja para lutar por mudanças e transformações, seja para lutar por suas escolhas, utilizando todas as ferramentas ao seu alcance. Num momento histórico no qual a religião vem se tornando um tema com ressonâncias tão importantes na política, nas sociedades e na cultura, também espero suscitar o interesse de outras pesquisadoras e pesquisadores para este tão importante campo de estudos sobre as relações entre as mulheres e a religião, entre gênero e religiosidades.

FONTES

JUSSIE, Jeanne de. *The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva*. Tradução de Carrie F. Klaus. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

LES ARCHIVES D'ETAT DE GENÈVE. *Lettre de plaintes des religieuses de Santa Clara concernant les ravages commis dans leur Église*. 1996.

REFERÊNCIAS

- BREKUS, Catherine A. *The Religious History of American Women: Reimagining the Past*. Chapel Hill: North Carolina Press, 2007.
- BROOMHALL, Susan. *Women and Religion in Sixteenth-Century France*. Houndmills, New York: Palgrave Macmillan, 2006.
- BORGIA, Lucrezia (1480–1519). *Encyclopedia of Women in the Renaissance: Italy, France, and England*, 1. ed., England: Oxford, 2007.
- CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. Reformas antes da Reforma: investigando antecedentes da Reforma luterana do século XVI. *Estudos Teológicos*, v. 57, p. 297-315, 2017.
- CLARK, Elizabeth E. Women, Gender, and the Study of Christian History. *Church History*, v. 70, n. 3, p. 395-426, set. 2001.
- COX, Virginia. *The Prodigious Muse: Women's Writing in Counter-Reformation Italy*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.
- _____. *A mulher na "política"*. In: História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna – volume 3. Porto: Afrontamento, 1991. p. 242.
- DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Volume I. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.
- _____. *A civilização do Renascimento*. Volume II. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- _____. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- _____. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 464-5.
- DUMONT, Louis. *Ensaio sobre o individualismo: uma perspectiva antropológica sobre a ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- EIRE, Carlos M. N. *War against the Idols: The Reformation of Worship from Erasmus to Calvin*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- ERLER, Mary; KOWALKESKI, Maryanne (ed.). *Women & Power in the Middle Ages*. London: The University of Georgia Press, 1988.
- EVANGELISTI, Silvia. *NUNS - A History of Convent Life 1450-1700*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FERREIRA, Larissa Christina Giron. *A Hermenêutica pelas mulheres: discursos femininos nas reformas religiosas europeias no século XVI*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 127 f., 2023.

FINLEY-CROSWHITE, S. Engendering the Wars of Religion: Female Agency During the Catholic League in Dijon. *French Historical Studies*, v. 20, n. 2, p. 148, 1997.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. *Os missionários redentoristas alemães e as expectativas de progresso e modernização em Goiás (Brasil, 1890-1930)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 469 f., 2018.

GILCHRIST, Roberta. *Gender and Material Culture: the archaeology of religious women*. New York: Routledge, 1994

GREEN, Vivian H. H. *Renaissance and Reformation: a survey of European History between 1450 and 1660*. New York: St. Martin's Press, 1964.

GUY, Charnacé. *Hommes et les choses du temps présent*. Paris: Emile-Paul (ed.), 3ª ed, 1905.

HANSON, Hanni. Defenders of the Cloister: Catholic Nuns' Agency & Resistance in Reformation Germany. *RS 236: European Reformations*, p.1-20, 2011.

HARDWICK, Julie. *Did Gender Have a Renaissance? Exclusions and Traditions in Early Modern Western Europe*. In: *A Companion to Gender History*. Malden: Blackwell, 2004, p. 343-357.

HELFFERICH, Tryntje. *Women and the Reformation*. In: *Renaissance and Reformation*, 2020. Disponível em: doi: 10.1093/obo/9780195399301-0455. Acesso em: 24 mar. 2024.

HOWARD, Kristen C. From the Poor Clares to the Care of the Poor: Space, Place, and Poverty in Sixteenth-Century Geneva. *Footnotes: A Journal of History*, v. 2, n. 0, p. 260-285, 2018.

HUFTON, Owen. *Mulheres, trabalho e família*. In: *História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna – volume 3*. Porto: Afrontamento, 1991.

HUME, Lynne. *The Religious Life of Dress*. Global Fashion and Faith. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2013.

JORDAN, Erin L. *Women, Power and Religious Patronage in the Middle Ages*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

KELLY, Joan. Did Women Have a Renaissance? In: *Women, History, & Theory*. Chicago: University of Chicago Press, p. 19-5, 1984.

KESSEL, Elisje Schulte van. *Virgens e mães entre o céu e a terra*. In: História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna – volume 3. Porto: Afrontamento, 1991.

KING, Ursula. Religion and Gender: Embedded Patterns, Interwoven Frameworks. In: *A Companion to Gender History*. Malden: Blackwell, 2004.

KINGDON, Robert M. Calvin and Geneva. In: *A Companion to the Reformation World*. Edited by R. PO-CHIA HSIA. Blackwell Companion to European History. Oxford: Blackwell, 2004, p. 91.

KLAUS, Carrie F. Architecture and Sexual Identity: Jeanne de Jussie's Narrative of the Reformation of Geneva. *Feminist Studies*, v. 29, n. 2, p. 278-297, verão 2003.

_____. The Sounds and Silence of the Early Reformation in Geneva in Jeanne de Jussie's Short Chronicle. In: *Calvin and the Early Reformation*. 2019, p. 96-112.

KRISTELLER, Paul Oskar. *Tradição Clássica e o Pensamento Renascentista*. Lisboa: Edições 70, 1995.

LAGE, A. C. P.; OLIVEIRA, T. Ignez é morta: reflexões acerca da clausura para as Irmãs clarissas (séculos XIII ao XVIII). *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. 2, p. 5, 2021.

LA SAVOIE, longue histoire... In: Ecomusée du Lac d'Annecy à Sevrier. Disponível em: <<https://ecomusee-lacannecy.com/fr/reportages/histoire-savoie.html>>. Acesso em: 02 de ago. 2024.

LALANDA, M. S. N. Leitura e mediação de freiras de clausura. *Ponto de Acesso*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 63, 2014.

LAVEN, Mary. Sex and Celibacy in Early Modern Venice. *The Historical Journal*, v. 44, n. 4, p. 871, dez. 2001.

LES ARCHIVES D'ETAT DE GENÈVE. *Lettre de plaintes des religieuses de Santa Clara concernant les ravages commis dans leur Église*. 1996.

LINDBERG, Carter. *The European Reformations*. John Wiley & Sons, 2009.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, v. X, n. 1, 2006.

MACHADO, Gislaine. A Teóloga e a Rainha: Escritas de autoria feminina, o Humanismo e a Reforma Protestante na França-Marie Dentière e Marguerite de Navarra. *Coisas do gênero: Revista de estudos feministas em teologia e religião*, v. 9, n. 1, p. 224-242, 2023.

MACK, Phyllis. Religion, Feminism, and the Problem of Agency: Reflections on Eighteenth-Century Quakerism. *Signs*, Vol. 29, No. 1 (Autumn 2003), p. 152.

MATOS, Maria Izilda S. História das Mulheres e das Relações de Gênero: Campo Historiográfico, Trajetórias e Perspectivas. *Revista História & Perspectivas*, v. 16, n. 30, p. 43-44, 2002.

MEIRA, J. C. . Estudos de Gênero e Historicidade: Sobre a construção cultural das diferenças. *Caderno Espaço Feminino (Online)*, v. 27, 2014, p. 203-204.

MUNROE, Ruth H. *The Monastic Life of Medieval Women*. Toronto: McClelland and Stewart, 1984.

MONTER, William. Protestant Wives, Catholic Saints, and the Devil's Handmaid: Women in the Age of Reformation. In: *Becoming Visible: Women in European History*, 2. ed., Boston, 1987.

MULLET, Michael A. *A Contra-Reforma e a Reforma Católica nos princípios da Idade Moderna Européia*. Lisboa: Gradiva, p. 42-43, 1985.

MUELLER, Joan. *The Privilege of Poverty: Clare of Assisi, Agnes of Prague, and the Struggle for a Franciscan Rule for Women*. University Park: Pennsylvania State University Press, 2006.

MUELLER, Joan; WARREN, Nancy Bradley (ed.). *A Companion to Colette of Corbie*. Boston: Brill, 2016. WILDERMANN, Ansgar. "Colette de Corbie (sainte)", in: Dictionnaire historique de la Suisse (DHS), version du 20.01.2020, traduit de l'allemand. Online: <https://hls-dhs-dss.ch/fr/articles/018681/2020-01-20/>.

RICHARDS, M. (1995). Community and Poverty in the Reformed Order of St Clare in the Fifteenth Century. *Journal of Religious History*, 19(1), p. 18.

RAMBALDI, Susanna Peyronel. L'uomo e la donna sono creature di Dio: donne i Riforma protestante. In: TOMASSONE, Letizia; VALERIO, Adriana (org.). *Bibbia, donne, profezia: a partire dalla Riforma (Italian Edition)*. Firenze: Nerbini, 2020.

RAMOS NETO, João Oliveira. O conceito de Reforma Protestante na historiografia. *História (Revista Online)*, v. 24, p. 206-217, 2019.

RANKE-HEINEMANN, Uta. Eunucos pelo Reino de Deus. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1996.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. *Temporalidades - Revista de História*, vol. 2, n. 2, ago./dez. de 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, vol. 20, n. 2, 1995.

SHOWALTER, Elaine. *A crítica feminista no território selvagem*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SONNET, Martine. *Uma filha para educar*. In: História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna – volume 3. Porto: Afrontamento, 1991, p. 152.

STRASSER, Ulrike. Early Modern Nuns and the Feminist Politics of Religion. *The Journal of Religion*, Vol. 84, No. 4, 2004.

STARKEY, Caroline; TOMALIN, Emma. *The Routledge Handbook of Religion, Gender and Society*. London: Routledge, 2022.

STJERNA, Kirsi. *Women and the Reformation*. Oxford: Wiley Blackwell, 2009.

_____. Women and Theological Writing During the Reformation. *Journal of Lutheran Ethics*, 2012. Disponível em: <<https://elca.org/JLE/Articles/160>>. Acesso em 25 mar. 2024.

STRZELCZYK Jerzy. *Women at the cradle of the reformation: some examples of literary involvement*. Przegląd Zachodni. 2018

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na História das Mulheres. *Raído*, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016, p. 153-164.

ULRICH, C. B. . A atuação e a participação das Mulheres na Reforma Protestante do Século XVI. *Estudos de Religião*, v. 30, 2016.

VIDA CLARIANA. *Regra de Santa Clara*. 2024. Disponível em: <https://www.vidaclariana.com.br/p/regra-de-santa-clara.html>. Acesso em 18 de set. 2024.

WALKER, Claire. *Gender and Politics in Early Modern Europe: English Convents in France and the Low Countries* New York: Palgrave, 2003.

WIESNER, Merry E. *Gender, Church, and State in Early Modern Germany: Essays*. London: Routledge, 1998.

_____. *Women and Gender in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

WIRTH, Jean. Aspects modernes et contemporains de l'iconoclasme. *Historische Zeitschrift*. Beihefte, New Series, Vol. 33, Macht und Ohnmacht der Bilder. Reformatorischer Bildersturm im Kontext der europäischen Geschichte, 2002.